U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Transformações Pós-Conciliares nas Igrejas Paroquiais de Sever do Vouga, Valbom e Figueiredo

Daniel David Campos Leite

M

2022

TRANSFORMAÇÕES PÓS-CONCILIARES NAS IGREJAS PAROQUIAIS DE SEVER DO VOUGA, VALBOM E FIGUEIREDO

Nota Prévia

O autor assinala que escreve mediante o novo acordo ortográfico e que este documento se rege pelas normas APA para efeitos de citação e referenciação. Todas as citações encontram-se na língua portuguesa, por tradução livre do autor, estando a citação na língua original em nota de rodapé.

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto no dia 8 de novembro de 2022.

Júri:
Presidente: Professor Doutor Nuno Miguel Lima Brandão Costa
Arguente: Professora Doutora Filipa de Castro Guerreiro
Orientador: Professor Doutor João Luís Rebelo Ferreira Marques

O júri atribuiu a classificação final de 17 (dezassete) valores.

Daniel David Campos Leite
2021/2022

"Há qualquer coisa de especial na arquitectura que me fascina e de que gosto muito. ***A tensão entre interior e exterior****. Na arquitectura retiramos um pedaço do globo terrestre e colocamo-lo numa paquena caixa. E de repente existe um interior e um exterior. Estar dentro e fora. Fantástico."*

Zumthor, Peter

Dedicatória

Ao meu filho, Frederico!

Agradecimentos

Ao professor doutor João Luís Marques, um agradecimento especial pela sua paciência e persistência na orientação, pela exigência e pela fundamental partilha de conhecimento.

À Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto pelo desenvolvimento humano e profissional que me proporcionou. A todos os que comigo se cruzaram neste edifício de excelência, corpo docente e não docente, a colegas e amigos pela ajuda no crescimento intelectual, em especial ao Adalberto Dias pela amizade, preocupação, ajuda e partilha que sempre ofereceu.

À Facoltà di Architettura dell'Università degli Studi di Ferrara pelo enriquecimento cultural e arquitetónico proporcionados durante um ano inesquecível.

Ao arquiteto Fernando Abrunhosa de Brito pela simpatia, sabedoria e pela importante conversa no sentido de melhor compreender a intervenção realizada na igreja paroquial de Sever do Vouga.

Ao arquiteto José Carlos Loureiro pela amabilidade em conversar comigo, onde me transmitiu uma alegria e paixão invulgares pela arquitetura, bem como pela sua obra de transformação da igreja paroquial de Valbom. Pela permissão de entrar no seu antigo arquivo na procura incerta por peças desenhadas e escritas, prontamente cedidas.

Ao arquiteto Paulo Providência pela disponibilidade de envio de desenhos e outro material da sua intervenção na igreja paroquial de Figueiredo, assim como aceder ao pedido de uma conversa onde discutimos alguns pormenores desse projeto.

À Câmara Municipal de Sever do Vouga pela receção e pela disponibilidade em fornecer documentos originais da igreja paroquial de Sever do Vouga.

Às dioceses de Braga, Porto e Aveiro, a todas as suas paróquias e respetivos párocos que aceitaram o desafio de descobrir antecedentes das igrejas que foram alvo de transformações pós-conciliares, aos que por iniciativa própria facultaram informações adicionais e aos que responderam aos pedidos solicitados.

A todos os amigos que de alguma forma contribuíram para a conclusão deste trabalho.

A toda a família, os presentes e os ausentes, pelos ensinamentos transmitidos e pelo essencial apoio emocional.

Aos meus pais, Ilídia e Manuel, pelo exemplo de superação na adversidade e pela incessante procura de conhecimento, pela coragem de enfrentar o desconhecido.

À minha mulher Márcia, fiel parceira de vida e de percurso, fortaleza onde descarreguei todas as angústias, dúvidas e descrenças, e onde renovava sonhos e ambições. Por me encorajar a nunca desistir e por me ajudar em tudo o que estivesse ao alcance. Pela sua compreensão.

Por tudo!

Resumo

O presente trabalho explora a arquitetura religiosa católica, focando-se na análise de transformações em três igrejas paroquiais portuguesas ocorridas após a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965). Reflete a dificuldade de intervir nos seus espaços exteriores e o desafio reorganizativo dos seus espaços litúrgicos.

A importância do Concílio como motor de transformação do espaço litúrgico resulta de uma renovação que a Igreja ansiava a diversos níveis. É possível observar igrejas um pouco por toda a Europa que apresentam uma nova forma de pensar o espaço sagrado. Documentos conciliares, bem como de escritos posteriores, apontam para a necessidade de diretivas arquitetónicas que se identifiquem com as celebrações do culto católico.

Na procura de exemplos que demonstrassem a renovação, este trabalho propôs-se a realizar uma compilação de obras que sofreram transformações no período pós-conciliar, nomeadamente nas dioceses de Aveiro, Porto e Braga. Foram selecionadas três igrejas paroquiais que expõem a complexidade de intervir e restaurar igrejas que se tornaram exemplos de sucesso na resposta aos problemas e desafios: a igreja de Sever do Vouga (1967), dos arquitetos Fernando Abrunhosa de Brito e Manuel Magalhães; a igreja de Valbom (1973), em Gondomar, do arquiteto José Carlos Loureiro; e a igreja de Figueiredo (2004), em Braga, do arquiteto Paulo Providência.

Através da análise global das igrejas, começando pelo exterior e percorrendo todas as áreas e elementos constituintes do seu espaço litúrgico, estabelece-se uma relação entre as diferentes propostas arquitetónicas e as orientações conciliares e pós-conciliares, permitindo identificar diversas tendências na reorganização do espaço de culto católico cristão, a par dos diferentes tipos de intervenção no património edificado.

Palavras chave:

Arquitetura Religiosa; Transformação; Ampliação; Concílio Vaticano II; Igrejas Paroquiais

Abstract

The presented work explores religious catholic architecture, focusing on the analysis of the transformation of three Portuguese parish churches which occurred after the Second Vatican Council (1962-1965). It reflects the difficulty of intervening on the exterior spaces and the challenge of reorganizing the liturgic spaces.

The importance of the Council as a driving force for the transformation of the liturgic space results in the renovation that the Church was hoping for, on multiple levels. It is possible to observe churches through all of Europe that present a new way of displaying the sacred space. Complementary documents, as well as posterior sources, point to the necessary architectural directives that identify with the celebrations of the catholic cult.

In the search for examples that would display this renovation, this work proposes to make a compilation of constructions that suffered transformations in the post-Council period, namely in the Aveiro, Porto and Braga parishes. Three parish churches were selected that display the complexity of intervening and restoring churches that became examples of success in answering problems and challenges: the church of Sever do Vouga (1967), by the architects Fernando Abrunhosa de Brito and Manuel Magalhães; the church of Valbom (1973), in Gondomar, by the architect José Carlos Loureiro; and the church of Figueiredo (2004), in Braga, by the architect Paulo Providência.

Through the global analysis of the churches, starting on the exterior and going through all the areas and constituting elements of their liturgic spaces, a relationship is established between the different architectural proposals and the Council and post-Council orientations, allowing the identification of many organizational trends for the spaces of the Christian Catholic cult, keeping up with the different types of interventions on built heritage.

Key words:

Religious Architecture; Transformation; Expansion; Second Vatican Council; Parish Churches

Base de dados

Esta base de dados foi realizada através do contato com equipas projetistas, cúrias diocesanas, câmaras municipais, juntas de freguesia, paróquias e entusiastas pela história. Tornou-se possível graças ao contributo de diversas pessoas e entidades que dispenderam um pouco do seu tempo por forma a dar resposta ao pretendido. A sua ajuda foi fundamental para a elaboração, o mais rigorosa possível, desta lista de igrejas que sofreram intervenções pós-conciliares nas dioceses de Aveiro, Braga e Porto. **Da listagem de igrejas intervencionadas no período pós-conciliar, destacamos as três que são objeto de estudo da presente dissertação.**

LISTA DE IGREJAS COM TRANSFORMAÇÕES PÓS-CONCILIARES							
Diocese	Arciprestado / Vigararia	Distrito	Obra	Orago	Data	Transformação / Ampliação	
						Ano Finalização Projecto	Autor
Aveiro	Águeda	Aveiro	Igreja Paroquial de Aguada de Cima	Santa Eulália	Séc. XVIII	2004	Cravo Machado
Aveiro	Águeda	Aveiro	Igreja Paroquial de Águeda	Santa Eulália	Séc. XVII	1977	Neftali Sucena e Manuel Carvalhais
Aveiro	Águeda	Aveiro	Igreja Paroquial de Espinhel	Nª Srª da Assunção	Séc. XVII	1979	Comissão Paroquial
Aveiro	Águeda	Aveiro	Igreja Paroquial de Fermentelos	Santo André	Séc. XX (1908)	2008	Cravo Machado
Aveiro	Albergaria-a-Velha	Aveiro	Igreja Paroquial de Frossos	São Paio	Séc. XIX	2012	Autor desconhecido
Aveiro	Albergaria-a-Velha	Aveiro	Igreja Paroquial de Albergaria-a-Velha	Santa Cruz	Séc. XVII	1996	Cravo Machado
Aveiro	Anadia	Aveiro	Igreja Paroquial de Ancas	Nª Srª da Assunção	Séc.XVII	1971	Comissão Paroquial
Aveiro	Anadia	Aveiro	Igreja Paroquial de Vilarinho do Bairro	São Miguel	Séc. XVIII	1993	Anabela Neto
Aveiro	Aveiro	Aveiro	Igreja Paroquial de S. Pedro de Aradas	São Pedro	Séc. XIX	1985	Cravo Machado
Aveiro	Aveiro	Aveiro	Igreja Paroquial de Eirol	Santa Eulália	Séc. XVII	1995	Maria Emília Pedroso de Lima
Aveiro	Aveiro	Aveiro	Igreja Paroquial de Nariz	São Pedro	Séc. XVII	1967	Luís Cunha
Aveiro	Estarreja	Aveiro	Igreja Paroquial de Beduído	São Tiago	Séc. XVIII	1977	Maria Adosinda Cardoso e Celso Albuquerque
Aveiro	Oliveira do Bairro	Aveiro	Igreja Paroquial da Mamarrosa	São Simão	Séc. XVIII	1995	Fátima Martins
Aveiro	Sever do Vouga	Aveiro	Igreja Paroquial de Cedrim	São João Baptista	Séc. XVIII/XIX	1970	Comissão Paroquial
Aveiro	Sever do Vouga	Aveiro	Igreja Paroquial do Couto de Esteves	Santo Estevão	Séc. XVII	1979	Fernando Abrunhosa de Brito e Manuel Magalhães
Aveiro	Sever do Vouga	Aveiro	Igreja Paroquial do Pessegueiro do Vouga	São Martinho	Séc. XVIII	2009	Cravo Machado
Aveiro	**Sever do Vouga**	**Aveiro**	**Igreja Paroquial de Sever do Vouga**	**Santa Maria**	**Séc. XVII**	**1967**	**Fernando Abrunhosa de Brito e Manuel Magalhães**
Aveiro	Sever do Vouga	Aveiro	Igreja Paroquial de Silva Escura	São João Baptista	Séc. XVII	1976	Maria Adosinda Cardoso e Celso Albuquerque
Braga	Barcelos	Braga	Igreja Paroquial de Barcelinhos	Santo André Apóstolo	Séc. XVIII	1999	Joferfil, Lda.
Braga	Barcelos	Braga	Igreja Paroquial do Bastuço	Santo Estevão	Séc. XVII	1984	Manuel Gonçalves
Braga	Barcelos	Braga	Igreja Paroquial do Couto	São Tiago	Séc. XVI	1998	Comissão Paroquial
Braga	Barcelos	Braga	Igreja Paroquial de Martim	Santa Maria	Séc. XVIII	1992	José António Gonçalves Sousa
Braga	Barcelos	Braga	Igreja Paroquial de Remelhe	Santa Marinha	Séc. XVII	1996	Autor desconhecido
Braga	Barcelos	Braga	Igreja Paroquial de Rio Côvo (Stª Eulália)	Santa Eulália	Séc. XIII	2004	Luís Cunha
Braga	Barcelos	Braga	Igreja Paroquial de Silva	São Julião	Séc. XIX	2001	Abílio Meira
Braga	Barcelos	Braga	Igreja Paroquial de Tamel (São Veríssimo)	São Veríssimo	Séc. XVIII	2004	José Manuel Dinis Ribeiro
Braga	Barcelos	Braga	Igreja Paroquial de Tregosa	Nª Srª da Expectação	Desconhecido	1990	Comissão Paroquial
Braga	Braga	Braga	Igreja Paroquial de Celeirós	São Lourenço	Séc. XVII	1998	Manuel Gomes Marques e Fernando A. Marques
Braga	Braga	Braga	Igreja Paroquial de Dume	São Martinho	Séc. XVII	1992	Mário Louro
Braga	Braga	Braga	Igreja Paroquial de Escudeiros	São Pedro	Séc. XVII	1983	Manuel Gonçalves
Braga	**Braga**	**Braga**	**Igreja Paroquial do Divino Salvador**	**Divino Salvador**	**Séc. XVI**	**2004**	**Paulo Providência**
Braga	Braga	Braga	Igreja Paroquial de Fradelos	São Martinho	Séc. XV	2008	Manuel Fernando Marques Vieira e Artur Sousa Basto
Braga	Braga	Braga	Igreja Paroquial de Gondizalves	Santo André	Séc. XVIII	1975	Comissão Paroquial
Braga	Braga	Braga	Igreja Paroquial de Guisande	São Miguel	Desconhecido	1997	Adelaide Abreu
Braga	Braga	Braga	Igreja Paroquial de Maximinos	São Pedro	Séc. XVIII	1974	Manuel Ortiz
Braga	Braga	Braga	Igreja Paroquial de Nogueiró	Divino Salvador	Séc. XVII	1979	Manuel Gonçalves
Braga	Braga	Braga	Igreja Paroquial de Penso (São Vicente)	São Vicente	Desconhecido	2011	Sérgio Borges
Braga	Braga	Braga	Igreja Paroquial de Semelhe	São João Baptista	Séc. XVIII	1985	Dir. de Serviços de Planeamento e Projecto - C.M. Braga
Braga	Cabeceiras de Basto	Braga	Igreja Paroquial do Outeiro	Santa Maria Maior	Séc. XVIII	2013	Gerardo Esteves
Braga	Esposende	Braga	Igreja Paroquial da Apúlia	São Miguel	Séc. XVII	2000	Luís Cunha
Braga	Esposende	Braga	Igreja Paroquial de Curvos	São Cláudio	Séc. XIX	1994	Manuel Gonçalves e Armindo Patrão Abreu
Braga	Fafe	Braga	Igreja Paroquial de Vinhós	Santo Estevão	Séc. XX	1984	Manuel Gonçalves
Braga	Guimarães e Vizela	Braga	Igreja Paroquial de Mesão Frio	São Romão	Séc. XVIII	1989	Manuel Gonçalves
Braga	Guimarães e Vizela	Braga	Igreja Paroquial de Vizela	São Paio	Séc. XVII	1999	José Manuel Dinis Ribeiro
Braga	Vila do Conde e Póvoa de Varzim	Porto	Igreja Paroquial de Parada	Santo André	Séc. XVII	2016	Manuel Maia Gomes
Braga	Vila do Conde e Póvoa de Varzim	Porto	Igreja Paroquial de Terroso	Nª Srª da Purificação	Séc. XVIII	2006	António Manuel Soares da Costa
Braga	Vila Nova de Famalicão	Porto	Igreja Paroquial de Areias	São Tiago	Séc. XI	1999	António Eurico Moreira da Silva
Braga	Vila Nova de Famalicão	Braga	Igreja Paroquial de Gavião	São Tiago	Séc. XVIII	2010	Sérgio Vaz Sousa
Braga	Vila Nova de Famalicão	Braga	Igreja Paroquial de Lemenhe	Divino Salvador	Séc. XVIII	1986	Manuel Gonçalves
Braga	Vila Nova de Famalicão	Braga	Igreja Paroquial de Ribeirão	São Mamede	Séc. XX	1998	Duarte Pinto, Manuel Aguiar e Vítor Costa
Braga	Vila Nova de Famalicão	Braga	Igreja Paroquial de Vale São Cosme	São Cosme	Séc. XVI	1981	Josué Vale
Braga	Vila Nova de Famalicão	Braga	Igreja Paroquial de Vale São Martinho	São Martinho	Séc. XVII	1980	Comissão Paroquial
Braga	Vila Verde	Braga	Igreja Paroquial de Marrancos	São Mamede	Séc. XV	2005	Cantinhos, S.A.
Braga	Vila Verde	Braga	Igreja Paroquial de Oleiros	Santa Marinha	Séc. XIX	1969	Comissão Paroquial
Braga	Vila Verde	Braga	Igreja Paroquial de Vila Verde	São Paio	Séc. XX	1994	Luís Cunha

LISTA DE IGREJAS COM TRANSFORMAÇÕES PÓS-CONCILIARES							
Diocese	**Arciprestado / Vigararia**	**Distrito**	**Obra**	**Orago**	**Ano Pré-Existência**	**Transformação / Ampliação**	
						Ano Finalização Projecto	**Autor**
Porto	Amarante	Porto	Igreja Paroquial de Aboim	São Pedro	Séc. XV	1991	Alfredo Ribeiro Moreira da Silva
Porto	Amarante	Porto	Igreja Paroquial de Madalena	Stª Mª Madalena	Séc. XVII	1991	Dante Macedo
Porto	Amarante	Porto	Igreja Paroquial de Padronelo	Santo André	Séc. XVII	1969	Comissão Paroquial
Porto	Amarante	Porto	Igreja Paroquial de Vila Caiz	São Miguel	Séc. XVIII	2021	Pedro Leão
Porto	Arouca - Vale de Cambra	Aveiro	Igreja Paroquial de Codal	São Tiago	Séc. XVIII	1997	Elísio Dias Teixeira Gomes
Porto	Arouca - Vale de Cambra	Aveiro	Igreja Paroquial de Escariz	Santo André	Séc. XVIII	1999	Sola Campos, Filipe Leite Sousa e Alberto C. Oliveira
Porto	Baião	Porto	Igreja Paroquial de Frende	Santa Maria	Séc. XIX	1993	Fernando Abrunhosa de Brito
Porto	Castelo de Paiva - Penafiel	Porto	Igreja Paroquial de Milhundos	São Martinho	Séc. XVI	1984	Mário Emílio F. M. dos Santos Azevedo
Porto	Castelo de Paiva - Penafiel	Porto	Igreja Paroquial da Portela	São Paio	Séc. XIX	1970	Fernando Seisdedos Velasco Condesso
Porto	Castelo de Paiva - Penafiel	Porto	Igreja Paroquial de Recezinhos (São Mamede)	São Mamede	Séc. XVI	1978	J. M. Carvalho
Porto	Castelo de Paiva - Penafiel	Porto	Igreja Paroquial de Recezinhos (São Martinho)	São Martinho	Séc. XVI	1974	Vinagre & Corte Real
Porto	Castelo de Paiva - Penafiel	Porto	Igreja Paroquial de Rio de Moinhos	São Martinho	Séc. XVI	2012	Rui Santos Fernandes (Arché)
Porto	Espinho - Ovar	Porto	Igreja Paroquial de Anta	São Martinho	Séc. XVII	1984	Comissão Paroquial
Porto	Felgueiras	Porto	Igreja Paroquial de Penacova	São Martinho	Séc. XVI	1990	Fernando Abrunhosa de Brito
Porto	Felgueiras	Braga	Igreja Paroquial de Santo Adrião	Santo Adrião	Séc. XII	2009	Ricardo Azevedo
Porto	Gondomar	Porto	Igreja Paroquial de Fânzeres	Divino Salvador	Séc. XVIII	1992	Fernando Abrunhosa de Brito e Paulo Ribeirinho Soares
Porto	Gondomar	Porto	Igreja Paroquial de Jovim	Santa Cruz	Séc. XVIII	1971	ARS Arquitectos
Porto	Gondomar	Porto	Igreja Paroquial de Melres	Santa Maria	Séc. XVI	1994	José Mota Alves da Silva (Hiper Forma)
Porto	**Gondomar**	**Porto**	**Igreja Paroquial de Valbom**	**São Veríssimo**	**Séc. XVIII**	**1973**	**José Carlos Loureiro (GALP, Lda)**
Porto	Lousada	Porto	Igreja Paroquial de Ordem	Santa Eulália	Séc. XVII	1965	Fernando Abrunhosa de Brito
Porto	Lousada	Porto	Igreja Paroquial de Vilar do Torno e Alentém	Santa Maria	Séc. XVIII	1997	António Lino
Porto	Maia	Porto	Igreja Paroquial de Gueifães	São Faustino	Séc. XVIII	1994	Manuel Abreu e Irene Vilar
Porto	Maia	Porto	Igreja Paroquial de São Pedro de Fins	São Pedro de Fins	Séc. XIX	1996	Planomaia, Lda.
Porto	Marco de Canaveses	Porto	Igreja Paroquial de São Lourenço do Douro	São Lourenço	Séc. XVII	1972	Fernando Seisdedos Velasco Condesso
Porto	Oliveira Azeméis - S. João Madeira	Aveiro	Igreja Paroquial de Macinhata da Seixa (projecto)	Santo André	Séc. XVIII	1990	Fernando Abrunhosa de Brito
Porto	Paços de Ferreira	Porto	Igreja Paroquial de Lamoso	Santa Maria	Séc. XVI	1979	Gabinete/autor não identificado
Porto	Porto Nascente	Porto	Igreja Paroquial de Azevedo	São Pedro	Séc. XI	1983	Agostinho Azevedo de Almeida
Porto	Santa Maria da Feira	Aveiro	Igreja Paroquial de Gião	Santo André	Séc. XVIII	1985	Joel Rocha
Porto	Santa Maria da Feira	Aveiro	Igreja Paroquial de Lobão	São Tiago	Séc. XVII	1981	Sola Campos e Construções Vila Maior
Porto	Santa Maria da Feira	Aveiro	Igreja Paroquial de Souto	São Miguel	Séc. XIX	1992	Carlos Alves
Porto	Santa Maria da Feira	Aveiro	Igreja Paroquial de Travanca	São Mamede	Séc. XVI	1970 / 2002	Ernesto Oliveira / Nélson Resende
Porto	Santa Maria da Feira	Aveiro	Igreja Paroquial de Vila Maior	São Mamede	Séc. XVII	1993	Felismina Topa e António Topa
Porto	Santo Tirso	Porto	Igreja Paroquial de Agrela	São Pedro	Séc. XVIII	1981	Manuel Gonçalves
Porto	Santo Tirso	Porto	Igreja Paroquial de Santa Cristina do Couto	Santa Cristina	Séc. XVI	2015	Jorge Gonçalves
Porto	Santo Tirso	Porto	Igreja Paroquial de Lamelas	Santa Eulália	Séc. XVII	2008	António Pinto e Engitek
Porto	Valongo	Porto	Igreja Paroquial de Sobrado	Santo André	Séc. XVII	2009	Fernando Abrunhosa de Brito
Porto	Vila Nova de Gaia - Norte	Porto	Igreja Paroquial de Mafamude	São Cristóvão	Séc. XIX	1967	Mário de Morais Soares
Porto	Vila Nova de Gaia - Norte	Porto	Igreja Paroquial de Vilar do Paraíso	São Pedro	Séc. XVI	1981	Informação Confidencial
Porto	Vila Nova de Gaia - Sul	Porto	Igreja Paroquial de Gulpilhares	Nossa Senhora do Ó	Séc.XVIII	2002	GAT
Porto	Vila Nova de Gaia - Sul	Porto	Igreja Paroquial de Seixezelo	Santa Marinha	Séc. XIX	1981	Comissão Paroquial
Porto	Vila Nova de Gaia - Sul	Porto	Igreja Paroquial de Serzedo	São Mamede	Séc. XVIII	1983	Fernando Ferreira

Sumário

Dedicatória *4*
Agradecimentos *5*

Resumo *6*
Abstract *7*

Base de dados *9*

Sumário **13**

Introdução **15**

Capítulo 1 - Concílio Vaticano II **19**

. Surgimento do Concílio Vaticano II 21
. Implicações do Concílio Vaticano II 27

Capítulo 2 - Análise de casos de estudo **41**

Igreja Paroquial de Sever do Vouga, Aveiro **43**
. Enquadramento *45*
. Exterior *47*
. Interior *51*

Igreja Paroquial de Valbom, Gondomar, Porto **73**
. Enquadramento *75*
. Exterior *77*
. Interior *81*

Igreja Paroquial de Figueiredo, Braga **113**
. Enquadramento *115*
. Exterior *117*
. Interior *121*

Capítulo 3 - Considerações finais **137**

Referências bibliográficas *142*

Acrónimos *144*
Créditos de imagens *145*

Apêndices *153*

. Plano de estudo 154

"Assim a Igreja, mantendo-se fiel à sua missão de ser mestra da verdade, conservando o que é 'antigo', isto é, o depósito da tradição, cumpre também o dever de considerar e adoptar o que é 'novo' (cf. Mt 13,52)."

(IGMR, 2003, p.3)

Introdução

Este trabalho procurará perceber o caminho que a arquitetura religiosa desenvolveu a partir do final dos anos sessenta do século XX, momento em que se realizou o Concílio Vaticano II, evidenciando-se a relação entre a arquitetura e o sagrado, o diálogo entre o espaço, o edifício e aqueles a quem se dirige, a comunidade crente e não crente.

Há tradicionalmente um destaque do espaço sagrado em relação ao meio envolvente – natureza e população. Adquire uma situação dominante, pois trata-se do templo ou 'Casa de Deus' que é erguida para louvar o Criador e reunir os "filhos de Deus" nesse propósito.

O templo é, historicamente, um espaço de culto muito antigo, comum a diversas religiões ou cultos. Cingindo-nos ao templo católico, observamos ao longo da história que a sua arquitetura sofreu formas de construção distintas. Da configuração mais vertical até à mais horizontal, foi-se adaptando, naturalmente, à evolução da construção e do pensamento cultural e religioso de cada época.

Depois de um período em que o templo – 'Casa do Pai' – assumiu uma grandiosidade estrutural, passamos para um tempo mais de acordo com o espírito cristão: Cristo é o Templo. No prólogo do Evangelho de S. João podemos ler: *"E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco."* (Jo 1, 14 - BS, 2009, p.1730)

É a humanidade de Cristo que é a tenda perfeita, o templo vivo do encontro com Deus. Cristo frequentava a sinagoga e o templo de Jerusalém, mas foi numa sala que instituiu a Eucaristia, o centro celebrativo cristão.

> *"(…) Destruí este templo, e em três dias Eu o levantarei!"* (Jo 2, 19 - BS, 2009, p.1734)

Sabemos que os primórdios celebrativos cristãos decorreram em espaços domésticos, em parte para se esconderem da perseguição religiosa vigente na época, particularmente dos primeiros imperadores romanos. Esta perseguição levou os cristãos a refugiarem-se também em catacumbas, autênticas cavidades subterrâneas onde, mais tarde, foi possível encontrar a presença de diversos objetos e obras de arte sugestivos de procedimentos celebrativos.

A difusão e a progressiva conquista de liberdade de expressão e reunião do cristianismo, revolucionaram o espaço de oração e celebração, entrando até em contradição com o espírito do Seu fundador, que pareceu não se ter preocupado com o lugar de reunião: *"(…) onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles."* (Mt 18, 20 - BS, 2009, p.1599)

A realidade histórica é outra. O sentimento da importância humana e espiritual de Deus, a perceção da Sua transcendência e a vontade dos homens em Lhe agradarem, conduziram o Homem a representações grandiosas de edifícios para o culto religioso.

Foi a partir da época medieval, que compreende um largo período entre o século V e o século

XV, que o cristianismo foi aceite como religião oficial. Neste período de expressão primitiva da religiosidade cristã, observou-se uma arte plena de normas onde cada espaço ou elemento possuía um local concreto. A arquitetura tornou-se numa das artes que maior evolução apresentou, materializando-se na construção de igrejas, catedrais e basílicas em todo o mundo.

Quando a cultura passa a apresentar influências da antiguidade clássica, as artes passam a refletir novas caraterísticas. Entre o século XIV e o século XVII o Renascimento, período iniciado em Itália, transforma o pensamento artístico com a introdução e busca de caraterísticas como a harmonia, a simetria ou o equilíbrio nas suas obras, o que tem impacto decisivo numa diferente forma de pensar e projetar a 'Casa do Pai'.

Com a Revolução Francesa assiste-se ao surgimento da Idade Contemporânea que contempla movimentos artísticos e variadas transformações socioculturais. Desde o tecnicismo das novas escolas de arte que reavivavam os valores clássicos, ao rompimento com esses valores através do aparecimento de novas tendências que valorizavam a imaginação, o sentimento e a individualidade artística, observou-se um momento de efervescência arquitetónica quer ao nível das formas e dos materiais, quer ao nível do urbanismo e das implicações sociais. A arquitetura absorveu a inovação artística que florescia na época, entregando uma nova qualidade aos espaços, recorrendo ao uso das recentes tecnologias e materiais, e proporcionando uma melhoria das condições de vida das pessoas.

Progressivamente, e de acordo com a evolução já antes referida, o movimento contemporâneo passou a construir templos católicos (igrejas) segundo técnicas arquitetónicas modernas potenciadas por novos sistemas construtivos e por novos materiais. Simultaneamente, deparamo-nos com templos de construção mais antiga, de escala mais pequena, que se degradaram com o tempo e que constituem desafios à sua renovação, numa tentativa de adaptação às exigências dos dias de hoje.

Na análise dos casos de estudo observaremos que os mesmos se tratam de obras não incluídas em grandes centros urbanos, onde as suas comunidades cristãs poderão apresentar diferenças na forma de participação nas celebrações. Este é, de certa forma, o caso do presente trabalho. Três igrejas que sofreram transformações com o intuito de melhorar a forma de culto, respeitando o passado e servindo o futuro. Mas honrando um ponto fundamental: a identidade e a identificação entre o espaço, o edifício e o seu utilizador. E ainda uma outra situação: a cultura, da qual não se pode separar a religiosidade.

Em relação à construção, ou reconstrução, do espaço sagrado, levanta-se, historicamente, uma questão: foi o sagrado a inspirar a arquitetura ou foi intenção fazer da arquitetura um meio de inspiração ao culto, à meditação, à religiosidade? Certamente a resposta mais verdadeira será a da conjugação das duas vertentes. É interessante encontrarmos apoio desta linha de pensamento nos escritos de autores de outras artes, da literatura ou do pensamento filosófico. Escreve o nosso escritor Fernando Pessoa num dos seus mais célebres poemas – *"O Infante"*:

"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse. (…)" (Lourenço, 2021, p.363)

O teólogo Frei Bento Domingues afirmava que: *"Toda a grande obra de arte, a começar pela música, levanta sempre a questão da sua humana e divina transcendência, sem a nomear. Provocam emoções que nenhum mundo pode conter (…)"* (Domingues, 2019, p.9)

Assim, podemos afirmar que Deus criou o Homem à escala humana; o Homem recria Deus à escala divina. É de admirar a inspiração mútua do sagrado na arquitetura e da obra do Homem na manifestação do Sagrado.
Na transformação operada no exterior e no interior dos edifícios/igrejas em análise, dá-se nota de um princípio que não foi observado durante séculos. Uma das caraterísticas do antigo templo pré-cristão, e que veio a ser retomada na era cristã, no período medieval e posterior, era de haver espaços interiores distintos a serem ocupados de acordo com o estatuto socio-religioso.
Ora, um dos princípios atuais é o da unidade da assembleia, incluindo e não separando, indo de encontro aos ensinamentos de S. Paulo no século I: *"(...) dos dois povos, fez um só e destruiu o muro de separação (…)"* (Ef 2, 14 - BS, 2009, p.1918)
Este princípio foi seguido em todas as obras de renovação que analisaremos: abolir barreiras, aproximar os fiéis, criar 'um só corpo'. As opções adaptaram-se aos novos conceitos e novos materiais, integrando-os nos pré-existentes, sem descaracterização. Nesta orientação não faltam obras de arquitetura, pequenas ou maiores, de cimento, aço, cristal, e outras, compatíveis com o ideal do culto comunitário a Deus.
Em suma, apesar da perspetiva cristã dos primórdios, a evolução dos espaços celebrativos até aos dias de hoje concedeu-nos edifícios - catedrais e igrejas - com significado profundo, traduzido no encontro entre Deus e o Homem, individual e comunitário, no Homem que pensa o mistério como nos escreveu noutro poema Fernando Pessoa:

"(…) O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério. (…)" (Lourenço, 2021, p.110)

É neste pensamento que a arquitetura sacra é desafiada a criar e a recriar a sua intervenção, a sua arte.

Capítulo 1 - Concílio Vaticano II


01


02

01. Entrada dos padres conciliares na Basílica de S. Pedro, 11 de outubro de 1962
02. Aula conciliar, 11 de outubro de 1962

Surgimento do Concílio Vaticano II

O Concílio Ecuménico Vaticano II, com início em 11 de outubro de 1962, foi o último de vinte e um concílios gerais até essa data, tendo sido convocado pelo Papa João XXIII.
Tratou-se do culminar de uma vontade de reconciliação da Igreja com o mundo moderno nascido da Revolução Francesa, apesar de durante muito tempo não ter existido uma evolução de acordo com essas intenções. João XXIII, movido por necessidades eclesiológicas, convocou o Concílio para promover, dentro da Igreja, um *'aggiornamento',* e o reajuste com o mundo moderno.
Nos tempos que precederam o Concílio Vaticano II a liturgia tornou-se *"cada vez mais um assunto do clero, assim, o povo vai-se tornando espectador passivo, até ausentar-se por completo."* (Molinero, 2019). Esta época, exigente e conturbada pelas grandes mudanças técnicas e materiais que ocorreram em ritmo elevado e pela instabilidade social que as grandes guerras provocaram, reforçou a estagnação do desenvolvimento da Igreja, não acompanhando esse crescimento.
Assim, a intenção do Concílio era a de abrir *"portas para a existência e pertinência de uma revisão litúrgica"* (Ribeiro, 2020, p.59), tornando-se uma das mais importantes revoluções arquitetónicas do espaço litúrgico, uma mudança de mentalidade para aceitar o mundo tal como ele se apresentava, e introduzir uma dinâmica renovadora.
Para o presente estudo, importa realçar um conjunto de diretrizes litúrgicas, sociais, culturais e arquitetónicas que vigoram até aos tempos de hoje.
No século XX, apesar de alguma tentativa de reposição de algo dos estilos arquitetónicos antigos, foi admitido que alguns *"símbolos de outras eras estavam inadequados às novas sensibilidades"* (GDEE, 1996, p.542), afirmando-se quatro pressupostos para a arquitetura:

> *"(…) 1) que a base do culto religioso consiste na meditação dos problemas transcendentais num ambiente propício; 2) que o culto colectivo se desenvolve melhor quando o local favorece a celebração da liturgia; 3) que o ambiente deve estar disposto artisticamente, a menos que tenham que se anular todos os nossos esforços culturais para conseguir ordem e compreensão; 4) que só se alcançará a plenitude do sentido artístico quando se associar a tecnologia moderna e o sentido humanista da acção criadora."* (GDEE, 1996, p.542).

É neste contexto que se vai processar todo o desenvolvimento de construção de edifícios religiosos no século XX, com o Concílio a tomar posição, afirmando e consolidando novas diretrizes na conceção arquitetónica de obras de culto na Igreja Católica.
Já anteriormente ao Concílio existia um contexto de mudanças na criação ou reorganização de espaços sagrados cristãos. O Movimento Litúrgico, nascido na Bélgica em 1909 foi decisivo para a produção contemporânea da arquitetura religiosa e precursor do pensamento do Concílio Vaticano II. Estabeleceu uma nova relação entre liturgia e arquitetura, procurando aproximar os fiéis das celebrações litúrgicas, através de uma participação ativa da assembleia nos vários momentos celebrativos.

> *"É atribuído a Prosper Guéranger (1805-1875) o impulso deste movimento que se virá a denominar de litúrgico. Prosper, consciente que a liturgia se havia estagnado e se distanciava totalmente da experiência litúrgica e, por sua vez, arquitetónica das primeiras comunidades cristãs; começa a refutar a ideia medieval da liturgia como mistério."* (Ribeiro, 2020, p.61).

No Movimento Litúrgico refletiu-se a criação de espaços de culto, privilegiando uma maior participação da comunidade cristã, eliminando ou reduzindo elementos arquitetónicos de vertente devocional, como imagens e/ou altares laterais, concedendo uma maior centralidade e importância ao altar, mesa do Senhor.

Um exemplo pioneiro que demonstra a aplicação destes novos ideais é a Catedral de Notre Dame du Rancy (Paris, França – 1922-1923), de Auguste Perret (génio da arquitetura francesa do início do século XX, a par de Le Corbusier), construída de raiz em betão armado.

> *"Raincy conjuga a história como lição com a parte das inspirações impulsionadas pela modernidade, através do acréscimo de tudo o que era tradicionalmente válido, concomitantemente à supressão de tudo o que era então supérfluo, impondo a simplicidade formal e a lógica material reclamada pela razão moderna, mesmo em ocasião improvável, pelo constrangimento de meios a que estava submetido o arquiteto.*
> *Longe de criar espaço pela limitação de recursos, a sinceridade construtiva, a fidelidade à lógica do concreto, a perfeita visibilidade do altar e a unidade espacial constituem Notre-Dame du Raincy como passo definitivo na arquitetura religiosa do século XX, desde onde fora impossível voltar atrás."* (Muller, 2011, p.161).

Esta tendência arquitetónica foi posteriormente expandida pela Europa, sobretudo nos países nórdicos.

Na constituição do Concílio designada *"Sacrosanctum Concilium"*, estabelecem-se novas diretrizes litúrgicas com impacto na arquitetura, sobretudo na conceção de espaços sagrados. Percebe-se nela a grande importância no pensamento e conceção de qualquer edifício religioso cristão católico, seja ele erguido de raiz ou submetido a uma intervenção na sua pré-existência.

> *"O sagrado Concílio, propondo-se fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às exigências do nosso tempo aquelas instituições que são susceptíveis de mudanças, favorecer tudo o que pode contribuir à união dos que creem em Cristo, e revigorar tudo o que contribui para chamar a todos ao seio da Igreja, julga ser sua obrigação ocupar-se de modo particular também da reforma e do incremento da liturgia."* (CVII, 1963, pp.20-21).

Consolidam-se transformações arquitetónicas advindas do Movimento Litúrgico, como a centralidade do altar, a maior participação dos fiéis na celebração ou a redução dos elementos de devoção, entre outras.

> *"(...) é dever dos sagrados pastores vigiar para que, na acção litúrgica, não só se observem as leis para a válida e lícita celebração, mas que os fiéis participem dela conscientemente, activa e frutuosamente."* (CVII, 1963, p.26).

O Concílio Vaticano II dirige-se aos ministros e pastores locais para incentivarem essa mesma participação:

> *"(...) todos devem dar a maior importância à vida litúrgica da diocese (...) convencidos de que a principal manifestação da Igreja se faz numa participação perfeita e activa de todo o povo santo de Deus na mesma celebração litúrgica, especialmente na mesma eucaristia, numa única oração, num só altar a que preside o bispo rodeado pelo seu presbitério e pelos seus ministros."* (CVII, 1963, p.34).

> *"Visto que nem sempre e em todos os lugares o bispo, em sua Igreja, pode presidir pessoalmente a todo o seu rebanho, deve necessariamente constituir assembleias de fiéis, entre as quais sobressaem as paróquias, confiadas a um pastor local, que as governa, fazendo as vezes do Bispo. As paróquias representam, de algum modo, a Igreja visível espalhada por todo o mundo. (...) é preciso fazer com que floresça o sentido da comunidade paroquial, especialmente na celebração comunitária da missa dominical."* (CVII, 1963, pp.34-35).

Como dissemos, os documentos conciliares sugerem novas diretrizes com vista à conceção dos espaços sagrados. Pretende-se um enfâse na Eucaristia tornando-a momento central da vida comunitária, com o altar de caraterísticas semelhantes a uma mesa (simbólica recordação da última ceia e também do encontro em família), a celebração dirigida para a assembleia, espaços proporcionais aos variados momentos celebrativos (procissões de entrada, ofertório ou comunhão), realizando e incentivando a unidade entre fiéis e restantes elementos das igrejas. Na atenção à Sagrada Escritura, é estabelecido local apropriado, procurando-se destacar a liturgia da Palavra expressa no ambão, o que anteriormente quase desaparecera do culto cristão. Ainda nos textos conciliares, o espaço do coro é referido com o intuito de unir músicos e restante assembleia. Os objetos e ornamentos sagrados deverão ser reduzidos e em menor número, acentuando-se sobretudo a sua função, para não desviarem a atenção do essencial, a Eucaristia. O *"Sacrosanctum Concilium"* sugere também uma maior liberdade criativa dos artistas, provocando a adaptação às necessidades e costumes dos lugares, aproveitando-se os materiais próprios de cada região.
A igreja, edifício, tem como função principal receber e acolher a comunidade. Esta propõe-se a realizar na Igreja aquilo a que Jesus a convidou: *"(...) fazei isto em memória de mim."* (Lc 22,19 - BS, 2009, p.1718); (1 Cor 11,24 - BS, 2009, p.1878). Assim, para a arquitetura é essencial a ideia de construir um templo como símbolo unitário – podendo haver distintas configurações para o tradicional espaço de Igreja – de modo a conseguir elevar a participação da comunidade e diminuir a distância entre clero e fiéis.
O projeto arquitetónico de igrejas passa a ser estudado e visto sob uma nova perspetiva: não mais a partir de modelos antigos, mas reforçando a sua função – abrigo espiritual da assembleia de fiéis. Os atos que se realizam na celebração eucarística passam a influenciar e condicionar de outra forma questões arquitetónicas como a planta da igreja, a localização dos elementos que compõem o espaço, a sua dimensão ou os seus percursos interiores.
Além da já referida Catedral de Notre-Dame du Raincy (Paris – 1922-1923) de Auguste Perret,



03. Missa presidida pelo Papa Paulo VI, dezembro de 1965

encontramos, na Europa, diversos outros exemplos que corporalizam o que anteriormente se expôs: a Igreja de St. Fronleichnam (Aachen, Alemanha – 1928-1930) de Rudolf Schwarz, a Igreja da Imaculada Conceição (Audincourt, França – 1928-1932) de Dom Paul Bellot, a Igreja de St. Engelbert (Colónia, Alemanha – 1930-1932) de Dominikus Böhm, a Igreja de St. Anna (Düren, Alemanha – 1951-1956) também de Rudolf Schwarz ou a Capela de Notre-Dame du Haut (Ronchamp, França – 1950-1955) de Le Corbusier. Em Portugal, anos mais tarde que no resto da Europa, *"(…) sobretudo em França, na Alemanha, Suíça e Itália (…)"* (Ribeiro, 2020, p.61) as diretrizes conciliares foram também observadas, nomeadamente na Igreja de Nossa Senhora de Fátima (Lisboa – 1933-1938) de Porfírio Pardal Monteiro, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima (Águas, Penamacor – 1949-1957) de Nuno Teotónio Pereira, ou na Igreja de Santo António (Moscavide, Loures – 1953-1956) dos arquitetos João de Almeida e António de Freitas Leal.

Apesar destes exemplos que, embora antecessores ao Concílio, demonstram a arte de projetar edifícios religiosos num passado próximo, o arquiteto Bernardo Pizarro Miranda reforça o desafio, ainda hoje existente, da interpretação das diretrizes conciliares, apenas apresentadas anos mais tarde:

> *"(…) estamos a passar por um tempo de reflexão sobre aquilo que aconteceu no Concílio Vaticano II, que foi um momento muito forte e levou muito tempo a digerir, ou que ainda estamos a digerir e a compreender. Abundam os episódios, que são normais, de novas arquiteturas com liturgias muito antigas e muito arcaicas, e de liturgias contemporâneas com arquiteturas muito arcaicas."* (IUL, 2012, p.68).

"(…) deve trabalhar-se por que os artistas se sintam compreendidos, na sua atividade, pela Igreja e que, gozando duma conveniente liberdade, tenham mais facilidade de contatos com a comunidade cristã. A Igreja deve também reconhecer as novas formas artísticas, que segundo o génio próprio das várias nações e regiões se adaptam às exigências dos nossos contemporâneos. Serão admitidos nos templos quando, graças a uma linguagem conveniente e conforme com as exigências litúrgicas, elevam o espírito a Deus."

(CVII, 1963, p.454)

Implicações do Concílio Vaticano II

O registo exaustivo das recomendações apresentadas pelo Concílio Vaticano II não é o objetivo principal deste estudo. Pretende-se, isso sim, identificar e perceber novas diretrizes que surgiram e que influenciaram a elaboração tanto de outros documentos como da própria conceção arquitetónica pensada a partir de 1965.
Numa perspetiva de melhor balizar as sugestões conciliares, procurar-se-á assim, sempre que for oportuno, recorrer também a normas promulgadas na Instrução Geral do Missal Romano de 1969, quatro anos após a conclusão do Concílio.
Da análise efetuada e das diretrizes apontadas por estes diversos documentos da Igreja Católica após o Concílio, apresentar-se-ão orientações que têm implicação direta nos diferentes espaços e elementos que constituem uma igreja:

1. Disposição(ões) para a assembleia.

Até ao século XIV e com origem nos antigos sermões, apenas se observavam lugares sentados, nas igrejas, destinados ao clero. Em tempos antigos, os fiéis que participavam nas celebrações eram chamados de 'circunstantes', ou seja, os que estão ao redor. Assim, só a partir do século XV os fiéis passam também a usufruir de lugares sentados. Com o aparecimento da Reforma emergem novas configurações para os lugares sentados, nomeadamente os bancos corridos.

> *"Está fora de questão que os bancos compridos limitam a mobilidade dos que se reúnem. São barreiras que separam a assembleia do presidente e dos outros ministérios, e que incentivam uma participação passiva. Não existe nenhum motivo para considerar os bancos compridos das igrejas como elementos constitutivos do espaço litúrgico. São uma invenção moderna que, na realidade, foi introduzida para os idosos e para os mais débeis."* (Richter, 2005, p.76).

Existem vantagens e desvantagens em qualquer uma das soluções: bancos corridos ou cadeiras individuais. A grande desvantagem dos bancos prende-se com a sua rígida orientação, direcionando inflexivelmente a atenção da assembleia.
A disposição da assembleia deve ter como principal objetivo a aproximação dos fiéis ao espaço celebrativo. Distribuída livremente nos bancos ou cadeiras existentes, a assembleia deve procurar responder ao desejo conciliar de uma maior participação, melhorando a visibilidade para o altar. A atenção dos fiéis deve incidir nos elementos que constituem o presbitério, em particular no altar, centro de toda a ação litúrgica.

> *"O lugar destinado aos fiéis deve ser objecto de particular cuidado, dispondo-o de modo a permitir-lhes participar devidamente nas celebrações sagradas com a vista e com o espírito. Normalmente deve haver para eles bancos ou cadeiras. (...) Estes bancos ou cadeiras, principalmente nas igrejas construídas de novo, estejam dispostos de tal modo, que os fiéis possam facilmente adoptar as atitudes de corpo requeridas para as diferentes partes da celebração e aproximar-se sem dificuldade*

> *da sagrada Comunhão. Atenda-se a que os fiéis não somente possam ver quer o sacerdote quer o diácono e os leitores, mas também consigam ouvi-los comodamente, recorrendo aos meios da técnica moderna."* (IGMR, 2003, p.88).

Contudo, esta forma participativa difere de comunidade para comunidade. À liberdade de escolha de cada um, junta-se um sentido de responsabilidade litúrgica que deve ser promovido pelas entidades paroquiais.

> *"É desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e activa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da liturgia exige e à qual o povo cristão, "raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido" (1Pd 2,9; cf. 2,4-5), tem direito e obrigação, por força do baptismo. (...) é a razão que deve levar os pastores de almas, em toda a sua actividade pastoral, a procurarem-na com o máximo empenho, através da devida formação. (...)"* (CVII, 1963, p.27).

Esta tentativa de aproximar os fiéis e de centralizar o altar é, porém, dificultada pelo desenvolvimento longitudinal do espaço da assembleia. Naves estreitas e alongadas provocam um afastamento dos fiéis das filas mais próximas do altar.

Existem soluções mais funcionais para dar resposta adequada às novas instruções. Igrejas com plantas de configuração retangular ou de planta central assumem relevância na tentativa de criar uma assembleia mais participante. Nestes dois casos existem diferenças que podem ajudar o arquiteto no momento de decidir qual se adapta melhor. A planta centralizada responde melhor à promoção participativa dos fiéis. Quanto às plantas retangulares, a localização do altar no seu lado maior permite uma melhor interação e visibilidade para com a assembleia, quando comparada à solução de planta longitudinal. Contudo, a planta retangular confrontada com esquemas de plantas centrais, padece de inferiores condições de aproximação ao centro da ação litúrgica.

Na criação ou transformação do espaço destinado à assembleia são colocadas outras preocupações arquitetónicas, nomeadamente as que possibilitam maior fluidez ao espaço e conforto aos seus fiéis. Não existe referência nos documentos conciliares a essas preocupações, passsando o arquiteto a dispor de maior liberdade criativa, influenciando e distinguindo cada obra, transmitindo-lhe identidade própria.

Relativamente à cobertura do espaço de assembleia apresentam-se diferentes soluções e significados. Podemos encontrar complexas coberturas ou outras mais simples, planas ou inclinadas. Um ponto comum é a necessidade de enfatizar uma área específica, o presbitério. A cobertura e respetivo pé-direito dos espaços destinados aos fiéis constituem uma situação arquitetónica sem diretrizes específicas. Nesta questão, a proporção entre a largura e o comprimento da igreja é a que mais condiciona a configuração.

Outro aspeto que não se encontra explicitamente referenciado nos documentos é a forma de tratamento da luz, importante elemento de caraterização espacial. Procura-se a conceção de ambientes intimistas ou, então, fortemente iluminados, dependendo da sensação que o seu

autor quer provocar nos fiéis. Vãos laterais e claraboias são introduzidos no sentido de enfatizar uma área ou um elemento em particular. Quanto à iluminação artificial, é também pensada e executada com rigor, procurando refletir a identidade do lugar, influenciando na escolha de materiais e na criação das suas formas.

2. Espaço do coro: incorporado na assembleia participante?

Na Carta Apostólica escrita por João Paulo II, aquando da celebração dos quarenta anos do Concílio Vaticano II, foi lançado o desafio que incentiva as entidades paroquiais a cultivarem o silêncio. O silêncio não é, aqui, entendido como ausência de som. O que se pretende é uma atitude de silêncio interior, em certos momentos da eucaristia, ou de outros atos celebrativos. O silêncio e o canto são expressões de elevação interior dentro do ato religioso, quer pelo intimismo silencioso, quer pelo som traduzido na música.

Ora, o espaço do coro dos cantores, ou *'schola',* ajuda a comunidade a orar e a elevar o espírito a Deus. Assim, deixa de ter sentido a sua localização alta, distante e diferenciada da assembleia ou, em muitos casos, nas costas da mesma.

> *"Tanto quanto a estrutura da igreja o permita, ao coro deve destinar-se um lugar que manifeste claramente a sua natureza, como parte da assembleia de fiéis, e a função peculiar que lhe está reservada; que facilite o desempenho dessa sua função, e que permita comodamente a todos os seus componentes uma participação sacramental plena na Missa."* (IGMR, 2003, pp.88-89).

> *"O órgão e os outros instrumentos musicais legitimamente aprovados sejam colocados num lugar apropriado, de modo a poderem apoiar o canto, quer do coro quer do povo, e a serem bem ouvidos por todos, quando intervêm sozinhos. (...)"* (IGMR, 2003, p.89).

Tendo, então, que respeitar organização espacial e as dimensões de cada igreja, o coro deve ser situado, no desempenho da sua função, de forma a ser parte integrante da comunidade. Deve, também, simplificar e tornar mais fácil a realização da ação litúrgica, permitindo que os seus fiéis participem plenamente na Eucaristia.

3. Presbitério com relevância central no espaço da Igreja?

A existência do espaço presbiteral constitui, desde séculos antigos, uma área diferenciada na estrutura das igrejas, recordem-se as absides que rematas os extremos das naves principais dos edifícios. Apercebemo-nos da sua presença hoje, não tanto com estrutura de abside, na elevação com degraus deste espaço presbiteral.

Deve, pois, o presbitério ser distinguido da zona de assembleia, pelo seu caráter específico e pela importância que a hierarquia possui no espaço. A hierarquia espacial sempre existiu e ainda hoje se encontra fortemente marcada, sobretudo pela função que cada área possui.

> *"O presbitério é o lugar onde sobressai o altar, donde se proclama a palavra de Deus e onde o sacerdote, o diácono e os outros ministros exercem as suas funções.*
> *Deve distinguir-se oportunamente da nave da igreja, ou por uma certa elevação, ou pela sua estrutura e ornamento especial. Deve ser suficientemente espaçoso para que a celebração da Eucaristia se desenrole comodamente e possa ser vista."* (IGMR, 2003, p.83).

Na perspetiva de corresponder às diretrizes conciliares, deverá ser tomado em atenção o número de intervenientes que se movimentarão nesta zona. O desígnio conciliar de uma participação mais ativa dos fiéis, e a consequente maior proximidade com a Eucaristia, leva também o presbitério a abrir-se à assembleia. Existem casos em que tal não é possível, nomeadamente em pequenas igrejas paroquiais. Assim, por vezes, apenas o sacerdote permanece no espaço presbiteral para que o mesmo não fique sobrelotado. Leitores e ministros da Comunhão apenas acedem ao presbitério no momento em que prestam o seu serviço.

A abertura da área presbiteral à assembleia promove uma unidade espacial. Podemos encontrar nas obras construídas após o Concílio variados exemplos e inúmeras soluções que respondem à articulação do presbitério e da assembleia numa mesma nave. As soluções apontam uma característica que já antes a abside fornecia: convergência dos olhares e atenção sobre o altar.

As consequências das indicações conciliares são percetíveis nas intervenções efetuadas. Desde logo a abolição de barreiras físicas que delimitem a zona presbiteral. As balaustradas, mesas da comunhão, que limitavam o acesso a esta área são retiradas, convidando a comunidade a participar da ceia de Jesus lado a lado com sacerdotes e ministros. Sendo o presbitério onde a liturgia da palavra e a eucaristia são dirigidas, mantém-se a elevação do presbitério em relação às restantes zonas. Com propósito simbólico ou não, introduz-se um determinado número de degraus que dão corpo a esta intenção. Apesar de numa celebração cristã a subida ao presbitério ser um ato solene, não foi somente a elevação uma forma de dar relevância a esta zona. O modo diferenciado no tratamento do pavimento também reflete essa tendência.

No artigo 292 da Instrução Geral do Missal Romano pode ler-se: *"Na ornamentação da igreja deve tender-se mais para a simplicidade do que para a ostentação. Na escolha dos elementos decorativos, procure-se a verdade das coisas e o que contribua para a formação dos fiéis e para a dignidade de todo o lugar sagrado."* (IGMR, 2003, p.82). Esta contenção ornamental tem sobretudo implicação na exploração de diferentes materiais, na criação de jogos de luz artificiais ou naturais e na introdução de obras de arte sacra que substituam os antigos retábulos que abrigavam o sacrário. A parede limite do presbitério é também motivo de novas soluções projetuais. Outra vertente é a exploração de diferentes alturas de pé-direito nos diferentes espaços das igrejas. Observa-se uma menor utilização de diferenças de cotas a distinguir presbitério e assembleia do que nos tempos predecessores, passando-se a construir espaços que tendem a reforçar a unidade espacial da obra. Em certos casos nota-se também a introdução de inclinações nos pavimentos, que mais do que procurarem vencer diferenças de cotas dos terrenos, pretendem direcionar o olhar dos fiéis sobre o altar.

4. Onde e como deve ser concebido o altar?

É no altar que se realiza o momento maior da celebração cristã, a Liturgia Eucarística, a presença de Jesus Cristo sob as espécies do pão e do vinho consagrados, transubstanciados no seu corpo e no seu sangue.

> *"Na última Ceia, Cristo instituiu o sacrifício e banquete pascal, por meio do qual, todas as vezes que o sacerdote, representando a Cristo Senhor, faz o mesmo que o Senhor fez e mandou aos discípulos que fizessem em sua memória (…) «Tomai, comei, bebei: isto é o meu Corpo; este é o cálice do meu Sangue. Fazei isto em memória de Mim». Foi a partir destas palavras e gestos de Cristo que a Igreja ordenou toda a celebração da liturgia eucarística. Efectivamente: 1) Na preparação dos dons, levam-se ao altar o pão e o vinho com água (…)"* (IGMR, 2003, P.21).

Nos tempos atuais, o altar, contrariamente à pedra sacrificial, é entendido como a *'mensa Domini'*, a mesa do Senhor. Trata-se de uma mesa à volta da qual se celebra e se faz memória da Ceia do Senhor. O posicionamento do altar assume, desde a sua origem, uma tradição de orientar a oração para Oriente, lugar central da revelação.

> *"(…) uma coisa permaneceu clara para toda a cristandade até ao segundo milénio avançado: a oração voltada para o Oriente é uma tradição que remonta às origens, é expressão fundamental da síntese cristã de cosmos e história, de apego à unicidade da história da salvação e de caminho rumo ao Senhor que vem."* (Ratzinger, 2001, p.65).

Na cultura ocidental, tal pensamento é relativizado pela premissa de que Deus é omnipresente, podendo-se assim rezar em qualquer lado uma vez que Deus é acessível a nós em toda a parte. Mas para que direção devemos celebrar a liturgia eucarística?

> *"A renovação litúrgica de nosso século se reportou a essa presumível posição do celebrante, para desenvolver com base nela uma nova ideia de forma litúrgica: a Eucaristia deve ser celebrada 'versus populum' (voltada para o povo); o altar – como se deduz pela representação de são Pedro, considerada normativa – , deve estar disposto de maneira tal que o sacerdote e o povo possam se olhar mutuamente e assim constituir em seu conjunto o círculo dos celebrantes. Apenas essa forma corresponderia ao sentido da liturgia cristã, ao empenho da participação ativa ."* (Ratzinger, 2001, p.67).

Em muito contribuiu o Movimento Litúrgico para que tal sucedesse, ainda que, por vezes, com excessiva inovação, através de grandes elevações do espaço que o acolhe, quase em forma de palco. Com o surgimento do Concílio volta-se a pensar o altar e a edificá-lo como nos primórdios da Igreja, embora o Concílio Vaticano II, por si só, não refira um posicionamento do altar nem uma disposição voltada para o povo. Na construção de novos templos ou no restauro de obras antigas, a diretriz conciliar mais importante foi o assumir do altar com um caráter eminentemente central, onde os fiéis se sentissem reunidos em seu redor.

> *"Onde for possível, o altar deve ser construído afastado da parede, de modo a permitir andar em volta dele e celebrar a Missa de frente para o povo. Pela sua localização, há-de ser o centro de convergência, para o qual espontaneamente se dirijam as atenções de toda a assembleia de fiéis. Normalmente deve ser fixo e dedicado."* (IGMR, 2003, p.84).

A tradição da sua orientação e a existência de celebrações distintas, tende a entender uma localização central como solução. O altar, ao ocupar o centro geométrico do espaço, problematiza a discussão sobre o significado da organização centralizada.

> *"O Senhor é o ponto de referência. É ele o sol nascente da história. Pode tratar-se tanto da cruz da paixão, que representa Jesus sofredor que deixa trespassar o seu lado por nós, do qual jorram sangue e água – a Eucaristia e o Batismo – , como também de uma cruz triunfal, que exprime a ideia do retorno e atrai a atenção para Ele."* (Ratzinger, 2001, p.73).

A dimensão e volume devem ir ao encontro da harmonia do espaço onde se insere, ou seja, numa boa relação com o espaço da igreja, e em particular, adequado à dimensão do presbitério que o envolve. Tanto nos documentos conciliares, como na Instrução Geral do Missal Romano, não se encontram indicações rigorosas sobre as suas formas e dimensões.

> *"No que toca às dimensões e forma do altar nada é dito neste documento. Contudo, alguns estudos apontam medidas de referência para um altar de forma rectangular, que é sem dúvida o mais divulgado na cultura cristã: altura 85-95cm, largura mais de 80cm, comprimento 150-250cm."* (Marques, 2006, p.50).

Assim, cabe ao arquiteto concebê-lo no sentido de facilitar a movimentação em seu redor e garantir a sua visibilidade.

> *"Segundo um costume e um simbolismo tradicional da Igreja, a mesa do altar fixo deve ser de pedra natural. Contudo, segundo o critério da Conferência Episcopal, é permitida a utilização de outros materiais, contanto que sejam dignos, sólidos e artisticamente trabalhados.*
> *O suporte ou base em que assenta a mesa pode ser de material diferente, contanto que seja digno e sólido.*
> *O altar móvel pode ser construído de qualquer material nobre e sólido, adequado ao uso litúrgico, segundo as tradições e costumes de cada região."* (IGMR, 2003, pp.84-85).

Não podemos, contudo, deixar de mencionar recomendações que aumentam a dignidade e simplicidade do altar. O aparecimento da credência, mesa de apoio que auxilia o altar, permite retirar dele elementos desnecessários às celebrações.

> *"Sobre a mesa do altar, apenas se podem colocar as coisas necessárias para a celebração da Missa, ou seja, o Evangeliário, (...) o cálice com a patena, a píxide, se for precisa, e ainda o corporal, o sanguinho, a pala e o Missal. Além disso, devem dispor-se discretamente os instrumentos porventura necessários para amplificar a voz do sacerdote."* (IGMR, 2003, p.86).

Ainda no seguimento das diretrizes apresentadas no Concílio, a Instrução Geral do Missal Romano expõe indicações que ajudam a conceber e a situar o altar da melhor maneira possível.

> *"Na construção de novas igrejas deve erigir-se um só altar, que significa na assembleia dos fiéis que há um só Cristo e que a Eucaristia da Igreja é só uma. Nas igrejas já construídas, quando nelas existir um altar antigo situado de tal modo que torne difícil a participação do povo, e que não se possa transferir sem detrimento dos valores artísticos, construa-se com arte outro altar fixo, devidamente dedicado, e realizem-se apenas nele as celebrações sagradas. Para não desviar a atenção dos fiéis do novo altar, não se adorne de modo especial o altar antigo."* (IGMR, 2003, p.85).

Como anteriormente referido, libertar o altar da parede de fundo virando-o para a assembleia foi uma das maiores e mais profundas alterações constatadas. Esta passagem para uma área mais ampla e visível, mais próxima da assembleia de fiéis, na qual o sacerdote preside à celebração da Eucaristia voltado de frente para a comunidade cristã, condicionará toda a criação arquitetónica religiosa executada posteriormente ao Vaticano II.

5. Onde e como deve ser concebido o ambão?

A celebração eucarística engloba dois momentos ou ritos: a liturgia da Palavra e a liturgia Eucarística. Assim, a primeira parte de uma celebração é orientada ao rito da palavra, e o ambão é peça fundamental para o seu desenvolvimento. Dada a sua importância litúrgica, o ambão deve atrair os fiéis a esse momento celebrativo.

> *"A dignidade da palavra de Deus requer que haja na igreja um lugar adequado para a sua proclamação e para o qual, durante a liturgia da palavra, convirja espontaneamente a atenção dos fiéis. Em princípio, este lugar deve ser um ambão estável e não uma simples estante móvel. Tanto quanto a arquitectura da igreja o permita, o ambão dispõe-se de modo que os ministros ordenados e os leitores possam facilmente ser vistos e ouvidos pelos fiéis.*
> *Do ambão são proferidas unicamente as leituras, o salmo responsorial e o precónio pascal. Podem também fazer-se do ambão a homilia e proporem-se as intenções da oração universal. A dignidade do ambão exige que só o ministro da palavra suba até ele.*
> *Convém que um novo ambão, antes de ser destinado ao uso litúrgico, seja benzido segundo o rito que vem no Ritual Romano."* (IGMR, 2003, pp.86-87).

Apesar de referir a importância do ambão, em momento algum se deduz, na interpretação desta diretriz, que o mesmo tenha de ser colocado junto ao altar.

> *"Interessante a este respeito é que nestes documentos não é dito que este lugar se deva situar perto do altar. Geralmente é este o caso das nossas igrejas, de tal modo que os três lugares funcionais, sede do presidente, mesa do altar e mesa da palavra, a maior parte das vezes encontram-se situados num único patamar e em relação uns com os outros. No entanto, não existe uma orientação neste sentido, de tal forma que não são de excluir de maneira nenhuma outras soluções arquitectónicas."* (Richter, 2005, p.96).

O ambão ganha nova vida no espaço sagrado, existindo uma adequação dos textos que nele devem ser proclamados à assembleia. Para as restantes admonições deverá ser utilizada uma estante móvel que não se sobreponha à dignidade e relevância do ambão.

> *"O motivo para o realce do lugar da proclamação da palavra de Deus é a convicção de que Cristo está verdadeiramente presente quando a palavra da Escritura é anunciada. Deste modo, no desenvolvimento de uma teologia da palavra de Deus é acentuada a relação íntima entre a palavra de Deus e a celebração da Eucaristia (…)"* (Richter, 2005, p.97).

O ambão deve ser desenhado e localizado em equilíbrio hierárquico com os restantes elementos do presbitério, nomeadamente o altar. Tem-se implantado, na maior parte dos casos, à mão direita do altar, e a estante móvel, caso exista, à esquerda. Existem sempre exceções a esta configuração. Nalgumas igrejas verifica-se um avanço do ambão em relação ao altar ou ao próprio presbitério, numa tentativa simbólica de transpor a fronteira, ultrapassada pela Palavra. Considerando os benefícios relevantes de audição ou visibilidade, e uma vez que a orientação conciliar não é precisa, é possível equacionar outras soluções para a localização do ambão, sempre mantendo o seu valor e dignidade.

6. Existência e disposição da representação de Cristo crucificado?

Nas igrejas podemos observar frequentemente, acima do altar ou na parede posterior do presbitério, um crucifixo. Segundo as disposições litúrgicas atuais, a cruz com Cristo crucificado é a única imagem que se encontra oficialmente prescrita para as celebrações. Dada a sua proximidade com o altar, a cruz deve ter uma relação direta com a Eucaristia.

A Igreja procura não se deter na Sexta-Feira Santa, como durante séculos sucedeu, pelo que agora começa a ver-se o aparecimento de outras imagens que se relacionam com a de Jesus crucificado[1].

Sem existir qualquer referência nos escritos conciliares à maneira como se deve colocar a representação de Cristo crucificado, é uma vez mais, na Instrução do Missal Romano que nos deparamos com uma alusão, ainda que breve, à presença deste elemento.

> *"Sobre o altar ou junto dele coloca-se também uma cruz, com a imagem de Cristo crucificado, que a assembleia possa ver bem. Convém que, mesmo fora das acções litúrgicas, permaneça junto do altar uma tal cruz, para recordar aos fiéis a paixão salvadora do Senhor."* (IGMR, 2003, p.86).

Além da recordação sempre presente à vista da comunidade, a representação de Cristo assinala também a paixão e a entrega de Deus à humanidade. Neste sentido, não se deve monumentalizar este elemento para não desviar a atenção da assembleia, nem o conceber com dimensões re-

[1] Tal não deveria acontecer, uma vez que se tratam de imagens de devoção pessoal. Estas representações deveriam ser implantadas nos lados da igreja ou em capelas laterais, não conflituando com o espaço central da ação litúrgica e proporcionando locais mais reservados de devoção ou meditação pessoal.

duzidas. Existem casos onde esta representação não se concretiza por intermédio da cruz com a imagem de Cristo crucificado, utilizando-se outras imagens. Podemos observar que na igreja de Figueiredo a imagem existente no presbitério é a de São Salvador, figura associada à representação de Cristo. Tal sucede por diversos fatores, sendo que a tradição comunitária ou as limitações espaciais são os que mais contribuem para a sua realização.

7. Qual a localização e significado da cadeira da Presidência?

O presidente de uma celebração dirige uma assembleia e para ela orienta a palavra de Deus. Por motivos práticos a sua localização situa-se numa sede elevada. Já na sinagoga do tempo de Jesus existia a 'Cadeira de Moisés'.

A cadeira da Presidência insere-se numa composição de elementos onde também se posicionam as cadeiras para concelebrantes e acólitos, que visam o descanso dos ministros em momentos específicos do ritual eucarístico. Embora nos textos conciliares não haja uma referência clara a este conjunto, a Instrução do Missal Romano procura dignificar e esclarecer a sua natureza e significado. Refere que se deve evitar toda a cadeira da presidência com natureza de trono.

> *"A cadeira do sacerdote celebrante deve significar a sua função de presidente da assembleia e guia da oração. Por isso, o lugar mais indicado é ao fundo do presbitério, de frente para o povo, a não ser que a arquitectura da igreja ou outras circunstâncias o não permitam: por exemplo, se devido a uma distância excessiva se tornar difícil a comunicação entre o sacerdote e a assembleia reunida, ou se o sacrário estiver situado ao centro, atrás do altar. Deve, porém, evitar-se todo o aspecto de trono. É conveniente que a cadeira, antes de ser destinada ao uso litúrgico, seja benzida segundo o rito que vem no Ritual Romano.*
>
> *No presbitério dispõem-se também assentos para os sacerdotes concelebrantes ou para os presbíteros que, vestidos com a veste coral, estão na celebração, mas não concelebram. Coloque-se o assento do diácono junto da cadeira do celebrante. Para os outros ministros disponham-se os assentos de modo a distinguirem-se claramente dos do clero, e donde possam desempenhar facilmente as funções que lhes estão atribuídas."* (IGMR, 2003, p.87).

Deve evitar-se os excessos na conceção da cadeira, mas também se deve ter o cuidado para que não se pareça com um qualquer móvel vulgar. A localização do conjunto que engloba a cadeira da Presidência, se efetuada no seguimento do eixo definido (normalmente) pela porta de entrada e pelo altar, pode induzir uma leitura, por parte dos fiéis, de que a mesa de Cristo é pertença exclusiva dos membros clericais. Desviando o conjunto desse eixo obtém-se uma sensação menos marcada dessa pertença, aproximando os fiéis e sentando-os à mesma mesa, recomendação basilar dos documentos conciliares. Este desvio pode ter também condicionalismos arquitetónicos: presbitérios reduzidos e com pouca profundidade, obrigam à lateralização destes assentos.

8. Existem diversas disposições do sacrário ou capela do Santíssimo?

O sacrário não constitui um local de ação litúrgica. É um elemento de mobiliário que visa guardar o Corpo do Senhor, sendo que este mesmo Corpo, materializado nas hóstias, pão ázimo, deverá

ser consagrado em plena celebração, à vista de todos os fiéis. A presença de Cristo nas hóstias é resultado da celebração da Missa e, como tal, o sacrário deverá distinguir-se claramente do altar. É recomendado que não se sobreponha, não só à força expressiva do altar, mas também ao ambão. A sua colocação no eixo do espaço deve ser evitada, visto não se adequar à atual conceção da liturgia. Cada igreja deve possuir apenas um sacrário, uma vez que a sua duplicação deturparia o seu real significado.

Os costumes de cada região e a arquitetura de cada igreja, e particularmente se uma pré-existência for mantida, são condicionalismos para a disposição e localização do sacrário. Este pode, em muitos casos, estar incluído numa área a que se chama de capela do Santíssimo. Apesar de estes espaços, na sua maioria, transmitirem um intimismo marcado, podemos encontrar formas de solucionar a sua localização. Nas obras antigas era costume encontrar o sacrário embutido no retábulo da capela-mor. Nas ampliações, fruto da existência de uma parte antiga, encontra-se ainda, muitas vezes, o sacrário no retábulo. Nalguns casos o sacrário surge numa capela lateral que pode também ser utilizada para a celebração eucarística em período semanal ou com menor número de participantes.

> *"Conforme a arquitectura de cada igreja e de acordo com os legítimos costumes locais, guarde-se o Santíssimo Sacramento no sacrário, num lugar de honra da igreja, insigne, visível, devidamente ornamentado e adequado à oração.*
> *Habitualmente, o tabernáculo deve ser único, inamovível, feito de material sólido e inviolável, não transparente, e fechado de tal modo que evite o mais possível todo o perigo de profanação. (...)"* (IGMR, 2003, p.89).

O sacrário, fora da celebração da Missa, apresenta como princípio e finalidade a possibilidade de encontro particular com Cristo, conservando as sagradas espécies da Igreja. A sua posição deve oferecer um lugar de recolhimento e de silêncio que permita ao crente olhar para o tabernáculo do corpo de Cristo com a devida veneração.

9. A conceção e disposição do batistério.

O batistério é o lugar onde se encontra a fonte reservada à celebração do sacramento do Batismo. O acolhimento de um filho de Deus na Igreja Católica efetua-se por intermédio do batismo, que é o sacramento da iniciação cristã.

> *"O baptismo consiste na aplicação de água ao catecúmeno ou neófito, mediante aspersão, infusão ou imersão. (…) a precursora remota do baptismo cristão é a purificação praticada pelos Hebreus no Antigo Testamento, a mais próxima da realizada por João Baptista (…) Apesar de Jesus não ter baptizado é certo que recomendou aos seus apóstolos que o fizessem (Mt. 28, 18) (…) A forma original de imersão (Mt. 3, 6-16) foi substituída pela aspersão ou infusão desde tempos muito antigos. A Igreja Católica que adoptou como norma o baptismo das crianças, atribui-lhe poder para tornar o baptizado membro do Corpo Místico de Cristo, a Igreja. A forma geral de ministração é a infusão."* (GDEE, 1996, p.753).

As primeiras construções cristãs apresentavam o batistério como um volume independente do corpo da igreja. Existia uma clara distinção dos espaços sagrados, funcionando o batistério como peça autónoma da igreja, muito frequente nas composições arquitetónicas italianas.

> *"A razão da existência do baptistério como edifício anexo à igreja deve-se ao facto de os não baptizados não poderem penetrar no recinto sagrado senão depois de receberem o sacramento. Frequentemente esta dependência estava ligada à igreja através de um corredor ou claustro. No século XIX, já era permitido aos catecúmenos entrarem na igreja, pelo que a pia baptismal passou para o interior. Em Inglaterra, existem baptistérios muito antigos em Norwich, Lambeth, Kent e Luton. No Sul de França, conservam-se numerosos baptistérios circulares e poligonais. Em Espanha, um dos mais antigos é o de San Miguel de Tarrasa, do século V (…) Em Itália, são notáveis os de Asti, Novara, Pisa, Parma e Florença (…) O maior de todos parece ter sido o de Santa Sofia de Constantinopla (…)"* (GDEE, 1996, p.754).

No ritual romano 'Iniciação Cristã dos Adultos' é referido: *"(...) Seja em capela situada dentro ou fora da igreja, seja em outro lugar dentro da igreja à vista dos fiéis, de futuro construir-se-á por forma a corresponder a uma numerosa participação. (...)"* (CEP(a), p.17).
Fortemente marcada e associada ao rito de entrada na religião cristã, a pia batismal assume um lugar próximo da entrada principal da igreja. Entra-se na vida comunitária cristã e no edifício que serve de reunião da comunidade. O Batismo deve, pois, envolver a maior assembleia possível.
O rito do batismo por infusão não deve perturbar as várias etapas celebrativas, pelo que é apropriado que a localização da pia batismal não conflitue com os restantes elementos do espaço. Para não quebrar a unidade interior, é comum assistir-se, cada vez mais, à introdução de jogos de luz, diferenças de cota e de pavimento. Verifica-se, com frequência, a celebração conjunta da eucaristia e do batismo. Esta situação levou à procura de soluções que facilitem a convergência de atos celebrativos. É, pois, comum, encontrar-se em igrejas a pia batismal isolada no presbitério.

> *"A fonte baptismal, com efeito, tal como o altar, "tem um significado que ultrapassa a celebração do sacramento: é memória permanente do Baptismo, e isto deveria encontrar expressão também na sua configuração funcional e artística" (LO 5.5). Não existe uma prescrição sobre a colocação exacta do lugar do Baptismo. O importante é que ele se insira no campo visual da comunidade, (...). Certamente que existem diversas possibilidades de solução, porém devem ter em consideração os dados teológicos fundamentais."* (Richter, 2005, p.111).

10. Importância do confessionário nos tempos de hoje?

A Reconciliação é um dos sete sacramentos da Igreja Católica. Também designado sacramento da Penitência, não faz parte dos sacramentos de iniciação cristã como o Batismo e a Sagrada Eucaristia.

> *"Na Igreja Católica e na Ortodoxa Oriental, a confissão dos pecados a um sacerdote autorizado constitui um dos requisitos necessários do sacramento da Penitência. Segundo a tradição judaica do Dia da Expiação (Yom Kippur), a primitiva Igreja cristã efectuava confissão pública ante a comunidade dos fiéis, confissão que, em vista dos inconvenientes, foi substituída pela privada. O*

decreto sobre a obrigação da confissão anual remonta ao IV Concílio de Latrão (1215).” (GDEE, 1996, p.1659).

Não pretendendo ser uma simples confissão de pecados, o sacramento da Reconciliação procura que os fiéis reconheçam as suas falhas (confissão deriva do vocábulo latino ‘confiteri’, que significa reconhecer) por sentimentos e atitudes, que impeçam um estado de graça na fé cristã, responsabilizando-os pela mudança.

“Revejam-se o rito e as fórmulas da penitência, de modo que exprimam com mais clareza a natureza e o efeito deste sacramento.” (CVII, 1963, p.42).

“2.1 O lugar próprio para as confissões é a igreja ou o oratório.
2.2 A fim de respeitar a legítima opção dos penitentes deve, nas mesmas igrejas ou oratórios, assegurar-se a existência de confessionários munidos de uma grade fixa entre o penitente e o confessor, colocados em lugar patente e acessível (...).
2.3 Nas igrejas e oratórios deve existir um local próprio para o acto sacramental, que deve assegurar, por um lado, a discrição e a prudência requeridas no diálogo entre o penitente e o sacerdote, e responder, por outro lado, às exigências de uma acção litúrgica de que fazem parte um acolhimento humano, a leitura bíblica e o gesto reconciliador da imposição das mãos sobre o penitente.
2.4 Não se oiçam confissões fora dos lugares próprios, a não ser por causa justa.” (CEP, 1985)

Normalmente são duas as formas para a resolução do espaço do confessionário: uma que consiste num espaço que é dividido por uma grade, mantendo o crente no anonimato caso este o deseje; outra que elimina a grade, permitindo um espaço de diálogo confortável e uma conversa face a face com o sacerdote. A nível arquitetónico o grande desafio é procurar um espaço que renove a vontade dos crentes, espaço esse reservado e acolhedor, favorecendo um encontro interior digno e verdadeiro. Respeitando a liberdade e a expressão de cada crente, a Igreja poderá sentir a necessidade de progredir na conceção de espaços próprios que respondam à sensibilidade do sacramento, para não haver o perigo de continuar a assistir passivamente à sua desvalorização.

11. Que quantidade e que disposição devem assumir imagens e ornamentos?

A presença de imagens de Jesus Cristo, de Maria ou de santos é comum nas tradições antigas e contemporâneas das comunidades católicas cristãs. Não se pode retirá-las do espaço das igrejas pois carregam consigo crenças e simbolismos enraizados nos fiéis e que conferem identidade.

“Mantenha-se o uso de expor imagens nas igrejas à veneração dos fiéis. Sejam no entanto em número comedido e na ordem devida, para que não causem admiração ao povo cristão nem favoreçam devoções menos correctas.” (CVII, 1963, p.55).

“(...) quanto à matéria e formas das vestes e utensílios sagrados, o sagrado Concílio concede às Conferências dos bispos das várias regiões a faculdade de fazer a adaptação às necessidades e costumes dos lugares (...)” (CVII, 1963, p.56).

> *"(...) Por isso, de acordo com a antiquíssima tradição da Igreja, exponham-se à veneração dos fiéis, nos edifícios sagrados, imagens do Senhor, da bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos, e disponham-se de tal modo que os fiéis sejam levados aos mistérios da fé que aí se celebram.*
> *Tenha-se, por isso, o cuidado de não aumentar exageradamente o seu número e que a sua disposição se faça na ordem devida, de tal modo que não distraiam os fiéis da celebração. Normalmente, não haja na mesma igreja mais do que uma imagem do mesmo Santo. Em geral, no ornamento e disposição da igreja, no que se refere às imagens, procure atender-se à piedade de toda a comunidade e à beleza e dignidade das imagens."* (IGMR, 2003, p.90).

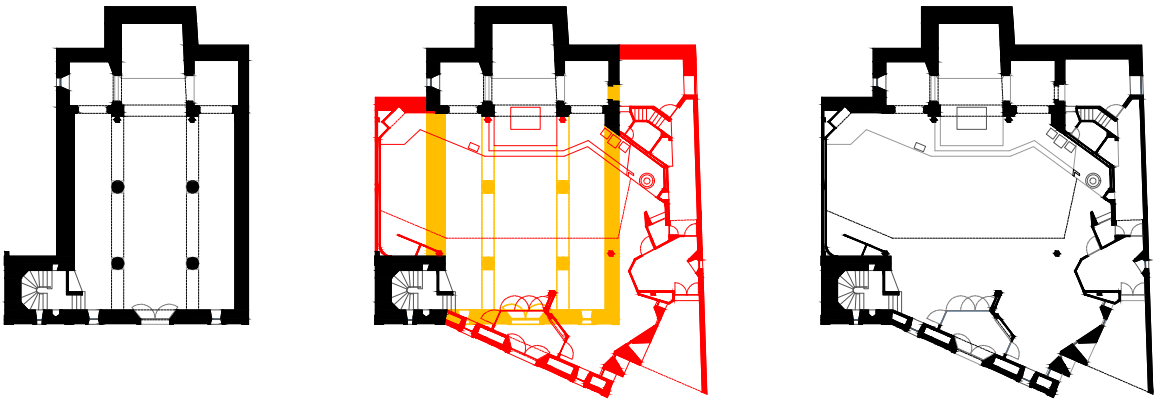
O espaço litúrgico deve incidir unicamente na celebração da fé em Cristo e, portanto, qualquer expressão artística não deve ser obstáculo a que tal suceda. Existem, contudo, espaços católicos que se encontram praticamente despidos de imagens – por exemplo a a Igreja de St. Fronleichnam (Aachen, Alemanha – 1928-1930) de Rudolf Schwarz. Romano Guardini defende que o vazio, em si só, já personaliza as imagens, tal como o silêncio personaliza as palavras, sendo isso sinal do Sagrado.

> *"Precisamos aprender de novo a ver, a ouvir, a tocar com as mãos, a atuar com todo o ser vivo e, além disso, precisamos ver com clareza onde o nosso obrar litúrgico se tornou pobre em figuras, abstrato, decorativo, e perguntar como podemos recuperar aquela plenitude de imagens e aquela força de operação que, talvez, poderia levar o homem de nossa época até à esfera da revelação, de maneira mais viva e mais humana do que a mera instrução e as exortações."* (Guardini, 2001, p.47).

O desígnio conciliar é que na permanência das imagens e objetos que constituem costumes de cada região, seja reduzida a sua quantidade, deixando somente os que possuem real valor simbólico para a comunidade. Não se sugere um empobrecimento do espaço, mas sim que os fiéis se foquem no essencial. Nas intervenções em igrejas não se pode ter em conta apenas a arquitetura, mas também as restantes artes. É claro que numa escala de pequena comunidade, como são os casos a analisar neste trabalho, onde é grande a participação da assembleia e forte a ligação aos objetos que constituem o espaço, a intervenção arquitetónica atinge uma maior importância.

> *"Haja moderação na ornamentação do altar. (...) A ornamentação com flores deve ser sempre sóbria e, em vez de as pôr sobre a mesa do altar, disponham-se junto dele."* (IGMR, 2003, pp.85-86).

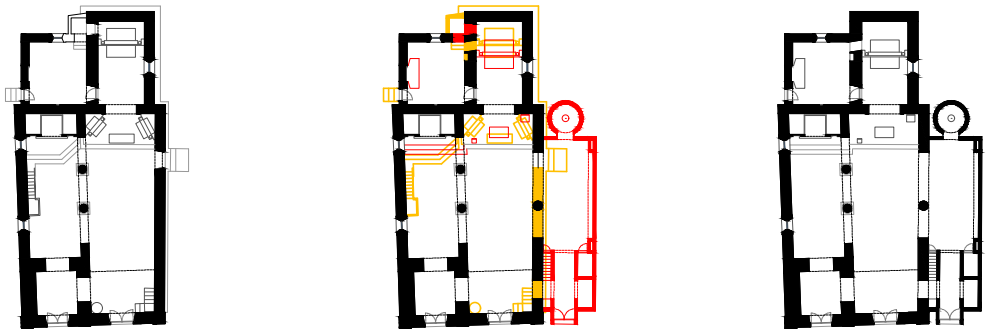
A ornamentação pode ajudar a criar um espaço mais autêntico, simples e gracioso do que despido e sombrio. Ajuda a expressar o sentido e a identidade não só do templo, mas também das suas gentes. A recomendação de não colocar flores sobre a mesa do altar, reforça a ideia do altar, por si só, ser o centro da ação litúrgica e que nada deve desviar a atenção de quem o visiona.



04.1. Evolução da Igreja Paroquial de Sever do Vouga, Aveiro - Escala 1/500



04.2. Evolução da Igreja Paroquial de Valbom, Gondomar, Porto - Escala 1/500



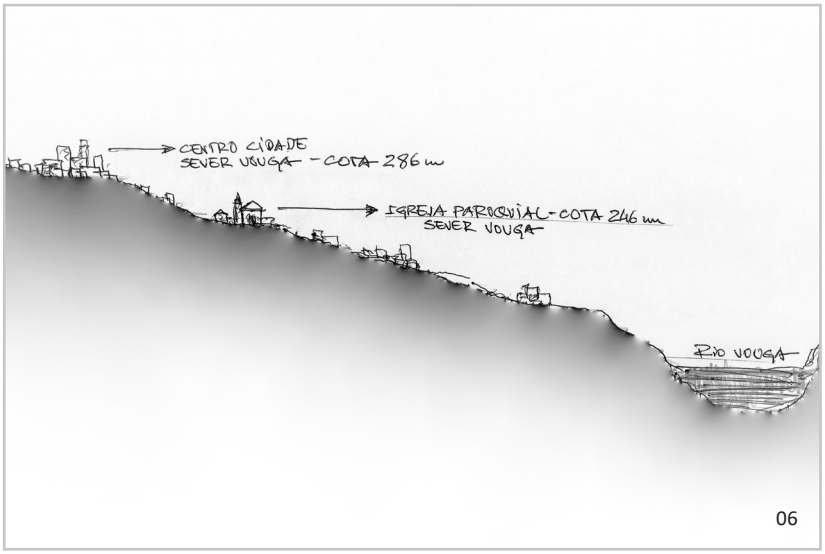
04.3. Evolução da Igreja Paroquial de Figueiredo, Braga - Escala 1/500

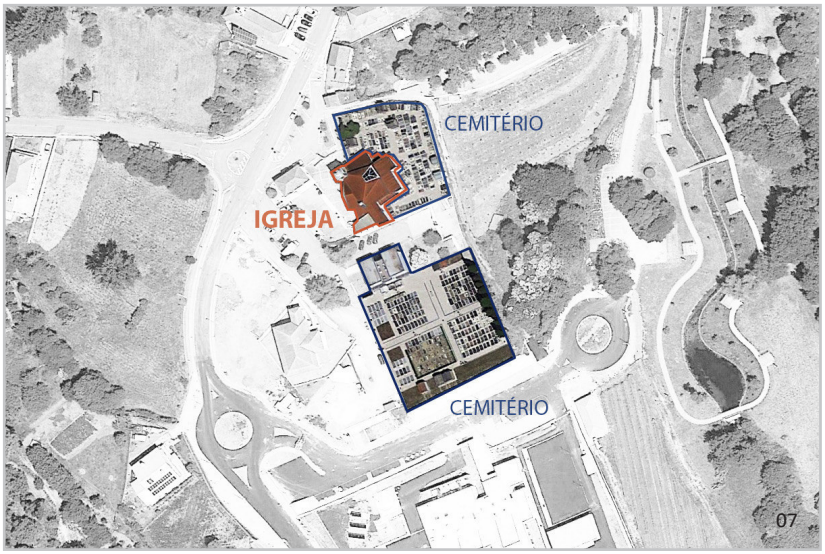
Capítulo 2 - Análise de casos de estudo

retábulo
retábulo
retábulo
1 PRESBITERIO
altar
11 SACRISTIA
arcaz
fonte
ambão
lugar da comunhão
estante
lugar do presidente
expositor
12
13
5
2 BATISTERIO
Santos óleos
4
3 NAVE
bancos
bancos
altura do sanefão (h) x 1.20
10 CORREDOR MUSEU
15 confissionário
15 confissionário
água benta
9 NARTEX
imagem do Senhor dos Passos
14
7
água benta
8 GUARDA VENTO
água benta
6
19 ADRO COBERTO
FACHADA EXISTENTE

Igreja Paroquial de Sever do Vouga, Aveiro







05. Concelho de Sever do Vouga- Localização da igreja
06. Declive da encosta de Sever do Vouga
07. Implantação da igreja e do cemitério envolvente

Enquadramento

> *"O estado ruinoso da igreja velha de Sever do Vouga impunha una readaptação respeitando o valor histórico e artístico da obra do passado, ao introduzir as peças de maior valor num espaço novo, mais adaptado às exigências pastorais da paroquia."*[2] (Rodrigues, 1970).

A igreja paroquial de Sever do Vouga trata-se de uma construção do século XVII situada no concelho de Sever do Vouga, no distrito de Aveiro, região Centro de Portugal. Este concelho está implantado no extremo este do distrito onde se confronta com o rio Vouga. O centro da vila de Sever do Vouga encontra-se numa cota elevada do concelho, a poente do rio Vouga. O concelho apresenta uma topografia irregular, com diferenças altimétricas pronunciadas que condicionaram a localização da igreja e a malha urbana (Img.05).

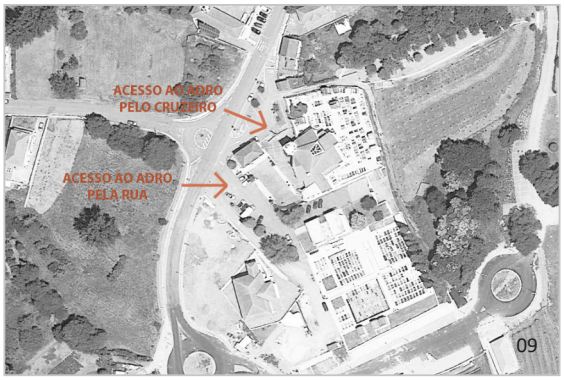
O enquadramento urbano da igreja carateriza-se pela sua localização numa encosta deslocada do centro da vila (Img.06). A norte e a nascente o cemitério paroquial encosta nas fachadas da igreja; a sul, foi construída uma ampliação ao cemitério, separada tanto da igreja como do restante cemitério por um arruamento/parque de estacionamento de veículos automóveis. Esta interrupção, juntamente com a topografia do local, serve também de transição entre os dois espaços do cemitério que se encontram em cotas diferentes: um elevado, até mesmo em relação à cota da igreja, que se desenvolve a norte e a nascente, e um outro, localizado num nível inferior, a sul.

A fachada principal da igreja abre-se a poente para um amplo espaço, também ele resolvido de acordo com a limitação topográfica existente. A noroeste podemos encontrar o Cruzeiro do adro e um edifício que bloqueia a visão para a Igreja – a antiga residência paroquial, e hoje sede da Junta de Freguesia. Estas confrontações descritas, retiram à igreja uma vista elevada sobre a envolvente e tornam-na quase impercetível ao transeunte, ao contrário do que se verificará nas restantes obras analisadas (Img.07).

A aproximação à Igreja Matriz de Sever do Vouga efetua-se por uma via automóvel. Trata-se de uma estrada municipal íngreme, devido à topografia, que a liga ao centro da vila, desenvolvido a uma cota superior. A fachada lateral norte e a fachada principal da igreja encontram-se afastadas da estrada. Esse afastamento é obtido pela existência do edifício da Junta de Freguesia que se apresenta como um obstáculo à perceção da igreja. Veremos adiante que a nova direção da fachada reconstruída visa claramente contornar este problema.

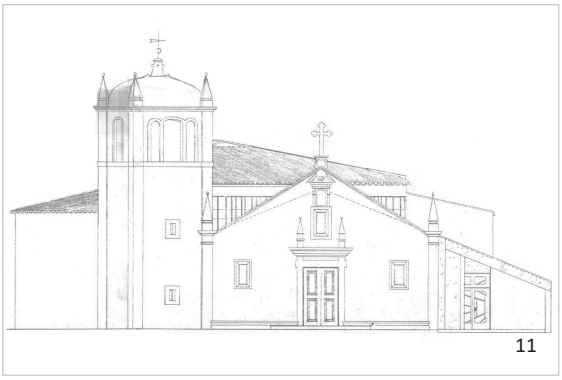
[2] Tradução da citação original: *"El estado ruinoso de la vieja iglesia de Sever do Vouga imponía una readaptación respetando el valor histórico y artístico de la obra del passado, al insertar las piezas de mayor valor en un espacio nuevo, más adaptado a las exigências pastorales de la parroquia."*


08



09


10


11

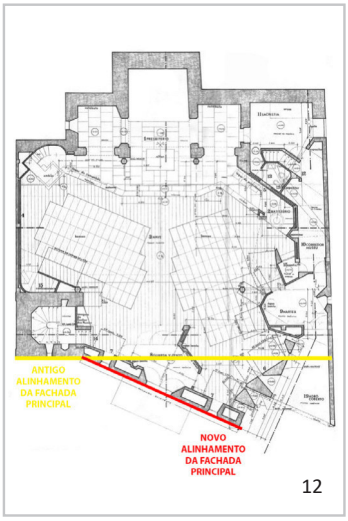
08. Cruzeiro do século XVIII com duas escadarias
09. Possíveis acessos à igreja
10. Adro e elevação da igreja
11. Alçado principal

Exterior

A igreja de Sever do Vouga da autoria do arquiteto Fernando Abrunhosa de Brito em conjunto com o arquiteto Manuel Magalhães, tornou-se num dos primeiros exemplos de intervenção pós-conciliar em Portugal, ganhando maior relevância pelo seu aparecimento na revista espanhola ARA – Arte Religioso Actual em 1970: *"(…) mereceria destaque na revista espanhola ARA em 1970, sendo a única condicionada por uma construção preexistente, dentro da seleção de 10 obras religiosas modernas construídas em Portugal na década anterior."* (Marques, 2019, p.94).
A intervenção de 1967 procurou dotar a igreja de novos e melhores espaços. Interiormente sofreu alterações profundas e, no exterior, à semelhança dos restantes casos de estudo, foi também alvo de variadas mudanças que passamos a identificar.
Existem dois acessos à igreja, um de cada lado do edifício da Junta de Freguesia. Um deles, que permite aceder diretamente à cota superior do adro, efetua-se por uma escadaria com dois lanços de degraus, um para cada lado. Na escadaria encontra-se o cruzeiro da vila de Sever do Vouga, originário do século XVIII, verdadeiro 'ex-libris' da arte sacra em granito (Img.08). O segundo acesso deriva da estrada municipal já referida e realiza-se por um largo alcatroado que usufrui de uma visão ampla e melhorada da fachada principal da igreja de Sever do Vouga (Img.09):

> *"O (…) acesso pelo lado poente, com largo escadório, permite uma melhor visão da frontaria da Igreja Matriz de Sever do Vouga."* (CMSV, 2001, p.87).

O generoso largo permite o estacionamento de automóveis sem criar obstáculo à circulação dos mesmos, funcionando como extensão do parque que se apresenta a sul da igreja e que a separa do cemitério.
O espaço entre o largo e a igreja é composto pelo adro que, por imposição topográfica, possui diferentes cotas. O acesso à cota mais baixa do adro realiza-se por uma larga escadaria com dois pequenos jardins laterais. Para aceder à cota superior do adro, onde se encontra a entrada da igreja, é necessário passar por outra escadaria. À semelhança da anterior, também esta se alonga em todo o comprimento do volume da igreja. Tal como na primeira escadaria, não existem elementos verticais de relevo, pelo que em qualquer um dos níveis referidos se pode obter uma visão global da igreja (Img.10).
Ao nível dos materiais pode constatar-se na cota inferior do adro uma pavimentação total em microcubo de granito amarelo. Na cota superior é utilizado o mesmo material, mas com uma variante: a sobreposição de uma malha ortogonal em lajetas de granito. Esta malha não possui a direção das escadarias de acesso à cota da igreja, mas sim a da fachada principal do edifício.
A noroeste da igreja de Sever do Vouga ergue-se a torre sineira, do século XVII, mais alta que o restante corpo da igreja (Img.11).







12. Novo alinhamento da fachada
13. Antiga fachada principal
14. Fachada principal reconstruída com novo alinhamento

> *"Dos elementos antigos aproveitaram-se a torre sineira, a fachada, as capelas abobadadas e algumas peças de mobiliário (como o púlpito)."*[3] (Rodrigues, 1970).

A fachada principal da torre encontra-se dividida em duas partes: a inferior, toda em granito, e a superior, mais pequena, com paredes rebocadas a branco. As restantes faces da torre encontram-se rebocadas e pintadas a branco. O corpo principal da fachada da igreja, construído em granito, apresenta-se baixo e largo, e com uma nova orientação.

> *"(…) na igreja matriz do século XVII, a área foi aumentada pela rotação da fachada principal (…)"* (Marques, 2019, p.94).
> *"(…) a fachada sofreu uma rotação de quase 30 graus."*[4] (Rodrigues, 1970).

A sua rotação tem como eixo a interseção da torre sineira com o volume da fachada (Img.12/13/14). Roda na direção da rua procurando chamar os fiéis para o seu interior, tornando-se uma das principais alterações da intervenção de 1967. Recordando a grande diretriz do Concílio Vaticano II que pretende uma maior participação dos fiéis nas celebrações eucarísticas, esta nova direção pretende solucionar a barreira física que o edifício da junta de freguesia constitui. Se no exterior, soluciona eficazmente o pedido conciliar, no interior o deslocamento do plano da fachada em relação à perpendicular do eixo longitudinal condicionaria a organização espacial. Acima da porta de entrada principal podemos observar a manutenção da configuração anterior de telhado de duas águas, reservando-lhe um carácter mais familiar e de morada doméstica. O vértice mais elevado da fachada serve de base a uma cruz, transpondo a ideia de casa para morada de Deus. Na fachada principal podem observar-se quatro vãos: a porta de entrada principal que se encontra centrada na fachada; um vão de cada lado da porta principal; e outro vão acima da mesma, iluminando o coro alto.

Outras alterações foram efetuadas na igreja na reforma de 1967, sendo uma delas a construção de um volume, à direita da fachada principal (condicionada pela existência do cemitério), que se prolonga, recuado, sobre a mesma. Este volume distingue-se da pré-existência pela diferença material e de linguagem, indo de encontro ao ideal *boitiano* que propõe a realização de uma ação de restauro, ainda que mínima, e admitindo a construção de volumes diferenciados da obra antiga. Ressalvam-se algumas considerações de Camilo Boito[5] (1836-1914): *"Propõe-se sempre uma ação mínima de restauro, admitindo-se as novas adições apenas como meio extremo de consolidação, e exigindo que estas, no caso de serem inevitáveis, sejam completamente diferenciadas da obra antiga e reconhecidas como adições modernas."*[6] (Capitel, 2009, pp.39-40).

---

[3] Tradução da citação original: *"De los elementos antíguos se aprovecharon la torre campanário, la fachada, las capillas abovedadas y algunas piezas del mobiliario (como el púlpito)."*
[4] Tradução da citação original: *"(…) la fachada sufrió una desviación de casi 30 grados."*
[5] Camilo Boito foi um arquiteto italiano, que propôs uma reconciliação entre as duas ideologias de restauro anteriores: de Viollet-le-Duc (oportunidade de restaurar) e de John Ruskin (negação de qualquer tipo de restauro).
[6] Tradução da citação original: *"Se propone siempre una mínima acción restauratoria, admitiéndose las adiciones nuevas tan sólo como medio extremo de consolidación, y exigiendo que éstas, en caso de ser insoslayables, queden completamente diferenciadas de la obra antigua y reconocibles como modernos añadidos."*



15. Escada exterior em betão de acesso ao piso superior

Adianta ainda oito condições que uma ampliação de um edifício deve cumprir, assumindo-as imprescindíveis para a sua conservação:

> *"1.º Diferença de estilo entre o antigo e o novo. 2.º Diferença de materiais no seu fabrico. 3.º Supressão de molduras e decoração nas partes novas. 4.º Exposição das partes metriais que tenham sido eliminadas num lugar contíguo ao monumento restaurado. 5.º Incisão da data da execução ou de um sinal convencional na parte nova. 6.º Epígrafe descritivo da ação fixado ao monumento. 7.º Descrição e fotografias das diversas fases dos trabalhos depositadas no próprio monumento ou num lugar público próximo. (Condição que pode ser substituída por publicação) 8.º Notoriedade visual das ações realizadas."*[7] (Capitel, 2009, p.40).

O novo volume é construído à cota da igreja e desenvolve-se em dois pisos. Uma simples escada de betão em caracol, localizada à direita da fachada principal, permite aceder ao segundo piso, nunca se sobrepondo em presença ao edifício principal (Img.15).

A intervenção levou a que se tratassem também as restantes fachadas da obra. As fachadas norte e este, não apresentam nenhuma fenestração. Na fachada sul, virada para o parque de estacionamento e para a cota inferior do cemitério observa-se a introdução de diversos vãos de desenho e disposição irregulares.

A intervenção, realizada logo após o Concílio, confere uma maior presença volumétrica à igreja. Foram respeitadas as recordações da comunidade da antiga obra, distinguindo-se inequivocamente as diferentes épocas construtivas com linguagens simples e dignas – termos utilizados no Concílio para direcionar arquitetos e restantes intervenientes no processo de conceção.

Interior

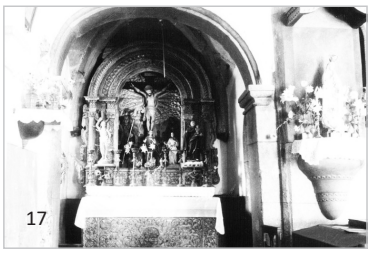
> *"Antes das remodelações e ampliação operadas na igreja (…) o interior era escuro, de três naves separadas por três grossas colunas inestéticas."* (CMSV, 2001, p.89).

A intervenção realizada na igreja de Sever do Vouga altera radicalmente o ambiente interior do edifício. Antes do restauro o interior era sombrio, carregado de elementos arquitetónicos e decorativos que resultavam em problemas de circulação. A ampliação e reorganização espacial melhorou um espaço que se tornou amplo e mais iluminado – adequado à maior participação da sua comunidade.

O anterior **espaço de assembleia** era ortogonal e composto por três naves separadas por três fortes colunas. As três naves apresentavam uma largura limitada, orientadas rigidamente a dife-

[7] Tradução da citação original: *"1.º Diferencia de estilo entre lo antíguo y lo nuevo. 2.º Diferencia de materiales en sus fábricas. 3.º Supresión de molduras y decoración en las partes nuevas. 4.º Exposición de las partes materiales que hayan sido eliminadas en un lugar contiguo al monumento restaurado. 5.º Incisión de la fecha de la actuación o de un signo convencional en la parte nueva. 6.º Epígrafe descriptivo de la actuación fijado al monumento. 7.º Descripción y fotografías de las diversas fases de los trabajos depositadas en el próprio monumento o en un lugar público próximo. (Condición sustituible por la publicación.) 8.º Notoriedad visual de las acciones realizadas."*


16


17


18


19


20


21

16. Antigo espaço interior
17. Antiga capela lateral esquerda
18. Antiga capela lateral direita
19. Renovado espaço de assembleia
20. Antecâmara da entrada principal- transição exterior/interior
21. Entrada secundária: realizada na intervenção de 1967

rentes capelas: a nave central dirigida à capela-mor (Img.16) e as naves laterais orientadas a duas capelas secundárias (Img.17/18). As arcadas que uniam as colunas e que separavam as naves formavam, com as capelas laterais, dois singelos conjuntos: *"(…) as três naves davam lugar a um espaço uno de maior dimensão, preservando intactas as capelas e a torre sineira existentes."* (Marques, 2019, p.94).

A intervenção retirou as colunas e arcadas que separavam as naves criando uma única nave, sem perturbações visuais para o elemento principal da ação litúrgica – o altar. Expande-se o espaço para lá dos limites das duas naves laterais anteriores. À esquerda através de uma parede paralela ao eixo principal e, à direita, com uma configuração orgânica, fruto do novo desenho. É anulada a anterior orientação das naves observando-se agora um espaço amplo e unificado (Img.19).

Ao contrário do que veremos posteriormente na análise da igreja de Figueiredo, não existe qualquer percurso demarcado do exterior para o interior. A única analogia poderá ser feita através das largas escadarias exteriores, ao longo de toda a largura do adro e da ampla largura do espaço interior, que não apresenta interrupções na sua largura. Com as três naves antigas esses percursos eram marcantes, mas com a abolição das mesmas passa-se apenas a identificar o eixo principal que inicia na porta de entrada principal e que se encaminha ao altar.

O acesso ao interior da igreja efetua-se primordialmente pela porta que se encontra na fachada principal. Com a nova direção da fachada a porta não se encontra paralela ao altar. Foi criado um pequeno guarda-vento fechado. Passando a porta principal deparamo-nos com este espaço limitado por paredes de alvenaria e por portas de madeira e vidro. As portas já se encontram paralelas ao altar, equilibrando o eixo principal. Este espaço realiza a transição do exterior para o interior ajudando também a que o ruído exterior não se propague no interior da igreja (Img.20).

Para aceder ao espaço de assembleia foi criada uma nova entrada, pelo lado direito da fachada principal. Não se encontra no alinhamento da fachada principal, mas recuada em relação à mesma (Img.21). É assumida a nova porta na nova construção, demonstrando o respeito pela antiga configuração da fachada. Só deambulando pelo adro é que nos apercebemos da existência desta segunda entrada, precedida por uma área coberta, dado o recuo da nova construção. À semelhança da porta principal também aqui se realiza a passagem para o espaço de assembleia por uma antecâmara que prossegue a transição iniciada no exterior. Neste caso, antecâmara permite o acesso lateralizado ao espaço litúrgico e, também, um acesso independente a outros espaços.

> *"(…) Num segundo piso encontram-se algumas salas para diversas atividades paroquiais, bem como para um pequeno museu onde se conservam peças de valor artístico que não interessam manter ao serviço do culto."*[8] (Rodrigues, 1970).

Todo o espaço de assembleia sofreu uma repavimentação no sentido de criar uma unidade espacial e um equilíbrio hierárquico. Este novo pavimento foi concebido em linóleo com pigmentação

[8] Tradução da citação original: *"(…) En una segunda planta se destinan unas salas para diversas actividades parroquiales, así como para un pequeño museo donde se conservan piezas de valor artístico que no interessa mantener en servicio del culto."*


22


23


24


25


26

22. Pavimento da antecâmara da entrada principal
23. Bancos do espaço de assembleia
24. Diferentes orientações dos bancos: convergindo para o altar
25. Claraboia sobre o espaço de assembleia
26. Vista interior dos vãos verticais no espaço mais afastado do altar

azul clara, numa possível analogia ao céu. Transmite ao espaço uma leveza que contrasta com os restantes materiais presentes. Apenas se diferenciam os pavimentos nas duas antecâmaras junto às portas de entrada, em pequenos azulejos quadrangulares, reforçando a sua função transitória (Img.22).

Outra particularidade implementada na intervenção de 1967, prende-se com a inclinação do pavimento. A anterior cota do espaço de assembleia encontrava-se praticamente de nível. Na intervenção, o arquiteto impôs uma inclinação de 4% no pavimento em todo o espaço, rebaixando-o em relação ao altar. Obtém-se uma vista melhorada sobre o centro da ação cristã, permitindo uma participação mais ativa da comunidade, apelo principal do Concílio. Encontraremos um exemplo ainda mais vincado desta mesma solução arquitetónica na análise à igreja de Valbom.

Na anterior disposição de três naves a facilidade de movimentos era muito reduzida, mas nesta nova organização tal não acontece. Os percursos – principal e laterais – adequaram-se à movimentação de cada celebração e a distância entre os bancos e o presbitério tornou-se expressiva. A disposição e a dimensão dos próprios bancos ajudaram também a que os percursos se tornassem confortáveis para os fiéis (Img.23).

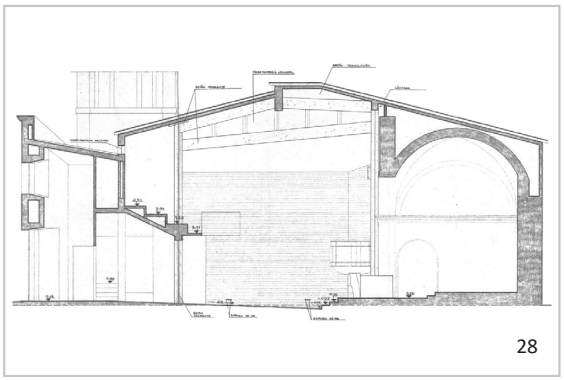
Nesta obra, à semelhança das restantes a analisar, a intervenção manteve os bancos como essenciais à vida em comunidade. Contudo, apenas nesta obra se constata a sua rotação no espaço, não existindo paralelismo com o altar. Tratam-se de bancos novos em madeira, compridos, dividindo o espaço de assembleia em dois núcleos de bancos. A rotação converge as suas orientações no altar, aumentando uma vez mais o foco no altar por parte dos fiéis, reforçando as ideias conciliares (Img.24). Esta disposição cria novos espaços irregulares à sua volta, mas uma vez que satisfazem as exigências de lotação necessárias para a comunidade, raramente são totalmente ocupados.

Uma das grandes alterações no espaço interior foi a nova iluminação. Encontramos, hoje, um espaço bastante iluminado com incidência principal no espaço de assembleia e no altar. Existem poucas aberturas, mas todas elas localizadas em zonas fulcrais. A principal abertura foi projetada na cobertura, com vigas em forma de trapézio, sobre o espaço de assembleia. Entretanto, foi substituída por uma claraboia distinta (Img.25) sem o aval do arquiteto Fernando Abrunhosa de Brito, que desabafou: *"Estragaram a Igreja!"* (Brito, 2016).

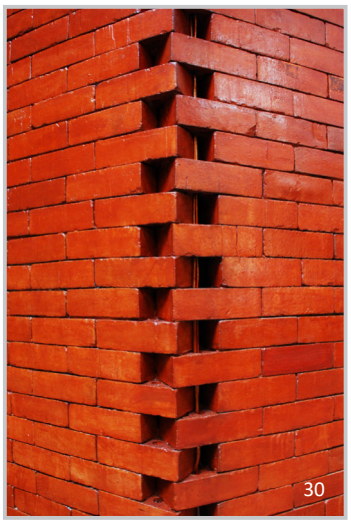
Existem outros vãos que se encontram localizados no espaço mais afastado do altar, propício a ser um espaço menos luminoso. Esses vãos de configuração vertical com ombreiras inclinadas permitem uma entrada de luz ímpar no espaço (Img.26). Os restantes vãos desenhados localizam-se no alinhamento da anterior fachada principal, recuados em relação à nova, iluminado o espaço do coro alto e fornecendo luz natural ao seu extremo oposto – onde se encontra o presbitério.

Sobre a presença de luz artificial atente-se ao simples e elegante desenho de cabos que sustentam uns estreitos candeeiros em vidro branco habilmente espalhados pelo espaço de assembleia. Obtém-se uma iluminação homogénea em todo o espaço sempre que a luz natural não é









27. Iluminação artificial: desenho da autoria de FAB
28. Corte CC'
29. Paredes com presença de novo material: tijolo burro
30. Pormenor da interseção dos tijolos nas esquinas das paredes

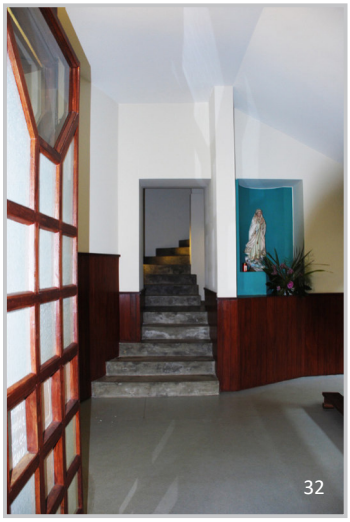
suficiente. Não existe uma presença forte deste elemento no espaço, centralizando a ação nos elementos que realmente possuem significado litúrgico (Img.27).
Os tetos sofreram uma radical intervenção. Com a abolição das três naves e dos elementos estruturais que as suportavam a cobertura foi totalmente refeita, aumentando o pé-direito do renovado espaço. É importante referir que antes da transformação os tetos apresentavam caixotões simples nas três naves.

> *"Os suportes da cobertura da nave foram removidos, criando um espaço único e amplo."*[9] (Rodrigues, 1970).

O pé direito apresenta-se mais alto no eixo central da igreja do que nas áreas laterais da assembleia, obtendo unidade espacial e criando um telhado de duas águas que nos remete para um contexto de habitação familiar. Se tal unidade se verifica no real espaço onde se encontram os bancos da assembleia, já nos espaços de circulação e nas entradas observamos um pé direito mais controlado, hierarquizando essas áreas. Observa-se também uma diferença de pé-direito no espaço de assembleia e no presbitério, sendo este último mais baixo. A capela-mor manteve as coberturas existentes em abóbada, com arcos ogivais de pedra granítica. Existe, assim, uma clara distinção entre antigo e novo, sendo que o antigo alberga os espaços centrais da ação cristã, adquirindo relevância perante a nova construção (Img.28).
A nova cobertura foi realizada em betão aparente. A diversidade dos revestimentos interiores oferece uma dinâmica cromática ao espaço. O reboco branco, a madeira de ipê e o betão aparente realizam uma junção material que enriquece o espaço. Esta diversidade material não é apenas ao nível das coberturas, mas também nas paredes do espaço de assembleia. As paredes laterais e a parede que divide a assembleia do presbitério são totalmente revestidas em tijolo cerâmico vermelho, material que proporciona uma grande vivacidade ao espaço. Podemos ainda observar, nesta última parede, ao contorno do reboco através do mesmo material em tijolo, desenhando um telhado de duas águas que nos remete para a anterior cobertura da igreja, introduzindo valor histórico ao espaço e reforçando o diálogo entre antigo e novo (Img.29).
Permite uma interessante solução técnica nos remates das suas esquinas, numa clara adaptação da arquitetura às novas tecnologias e à sua invisibilidade: são sobrepostos os tijolos intercalados nas esquinas, contendo um furo em cada um, permitindo a passagem de cabos verticais, camuflando-os e ocultando-os visualmente (Img.30).
Com as caraterísticas apresentadas podemos afirmar que a transformação dotou o espaço com uma unidade que este não possuía. Existe uma confortável visibilidade de qualquer espaço da igreja para o altar. A luz foi fulcral para a forte iluminação que agora penetra na igreja de Sever do Vouga. Os materiais utilizados são vários e distintos, sendo, contudo, uma opção que dinamiza um espaço que antes se apresentava sombrio.

[9] Tradução da citação original: *"Se quitaron los apoyos del techo de la nave, creándose un solo y amplio espacio."*


31


32


33


34


35

31. Vista interior dos vãos da fachada principal
32. Escadas de acesso ao coro alto: incluídas na antiga torre sineira
33. Capela lateral esquerda
34. Capela-mor
35. Capela lateral direita

Pertencente ao espaço de assembleia encontramos numa posição elevada a área do **coro**. Este espaço foi desenhado no sentido de dotar a igreja com maior capacidade, não interferindo no espaço de assembleia: *"Uma tribuna veio aumentar a capacidade da nave em dias de grande afluência."*[10] (Rodrigues, 1970).

As suas dimensões expressivas justificam-se pela sua localização elevada por cima da porta de entrada principal, em jeito de *mezanino*, debruçando-se sobre a assembleia (Img.31). A sua localização ao fundo da nave poderia afastar o coro da ação litúrgica, mas visto que a igreja apresenta uma planta irregular, a aproximação deste espaço ao altar e às ações litúrgicas é alcançada. O acesso ao piso elevado poderia condicionar a circulação na área envolvente, constatando-se assim que o seu acesso vertical se realiza pela escadaria da antiga torre sineira, noutra tentativa de conjugar o antigo com o novo. Existe um aproveitamento dos elementos preservados para dotar o interior de uma melhor qualidade espacial (Img.32).

> *"Desapareceu a estrutura das antigas três naves, ficando apenas uma, alta e larga, e construiu-se um balcão, ao qual se ascende por escadaria sob a torre, para aumentar mais ainda a sua capacidade."* (CMSV, 2001, p.89).

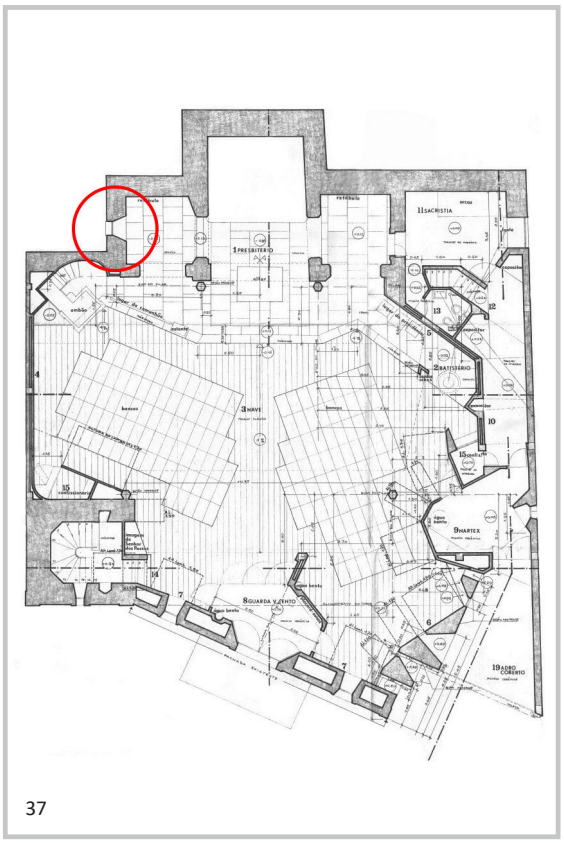
O coro encontra-se adequado proporcionalmente ao espaço interior da igreja e à dimensão da comunidade paroquial. Apenas o órgão não transitou para o piso superior. O púlpito, que na antiga igreja se encontrava numa das colunas à direita da nave principal, foi restaurado, reforçando uma vez mais o respeito pelo antigo. Interferem no espaço da assembleia, mas em vez de o condicionarem, ajudam a equilibrar o conjunto cénico que se visualiza quando olhamos para o presbitério.

O **presbitério** é o espaço que menos alterações sofreu. Manteve as características da obra antiga, realizando uma clara distinção arquitetónica para o restante espaço. Dada a manutenção das caraterísticas da antiga igreja, apresenta-se dividido em três áreas, onde culminavam as antigas três naves do espaço. A capela-mor apresentava o aspeto atual; as capelas laterais eram quadrangulares, ligeiramente menores que a capela principal, tendo mantido essa configuração. *"Todas estas características conferiam ao templo um certo medievalismo, sendo a igreja que, antes das remodelações, mantinha elementos mais antigos, entre todas as do concelho."* (CMSV, 2001, p.89). Além de diversas imagens, cada uma das três capelas foi adornada com retábulos em madeira entalhada e dourada, fruto do aproveitamento de anteriores peças. Todos foram restaurados e mantiveram as suas caraterísticas e significados originais. O retábulo da capela da esquerda, correspondente à capela do evangelho, é do século XVII, com caraterísticas do final do maneirismo, sendo o mais pequeno dos três (Img.33). O retábulo da capela-mor é do barroco do século XVII (Img.34). À direita, o retábulo da capela da epístola é semelhante ao do altar-mor, tanto nas caraterísticas como na época da sua realização (Img.35). Os retábulos laterais enrique-

[10] Tradução da citação original: *"Una tribuna vino a aumentar la capacidad de la nave en los días de gran afluencia."*



36



37

36. Vista geral do presbitério
37. Vão existente no projeto de 1967, não executado

cem histórica e visualmente a igreja, dando à comunidade uma memória física do antigo espaço. As capelas laterais comunicam com a capela-mor através de arcos redondos que configuram adaptações dos antigos arcos existentes. As coberturas das três capelas também foram mantidas. Se nas capelas laterais se pode observar arcos de volta perfeita, na capela-mor os arcos existentes são ogivais, aumentando o seu pé direito e transmitindo-lhe maior importância no espaço. Todos os elementos estruturais – colunas, arcos e cobertura – foram realizados em granito, tendo mantido a mesma aparência na transformação de 1967.

Os pavimentos em granito reforçam a unidade material do presbitério. A única exceção existe ao centro do pavimento da capela-mor, que apresenta como que um tapete em azulejo por detrás do altar, dando-lhe maior relevância. Esta opção acentua uma distinção clara entre presbitério e zona da assembleia. Contudo, o fato da área de pavimento do presbitério avançar em relação ao alinhamento do arco triunfal, permite uma diluição desse sentimento.

A grande novidade que a intervenção de 1967 introduz no presbitério prende-se precisamente com o avanço sobre o espaço de assembleia, aproximando os fiéis, tal como solicitado nos documentos conciliares. Este avanço é fortalecido pelo alongamento do espaço presbiteral para além das antigas naves laterais – aumentando a sua dimensão – possibilitando maior dinâmica litúrgica em todo o seu comprimento.

A distinção do presbitério em relação aos restantes espaços é ainda mais evidente pelas diferenças de cotas presentes. Como vimos anteriormente a zona da assembleia apresenta uma inclinação descendente para o presbitério. As diferenças de pavimentos dentro do próprio presbitério, permitem hierarquizar as suas diferentes áreas. O espaço à direita da pia batismal e a capela lateral à esquerda do altar encontram-se um degrau elevados em relação à assembleia. A capela lateral direita, de passagem entre a sacristia e a capela-mor, eleva-se dois degraus; e a capela-mor onde se encontra o altar, eleva-se três degraus, assumindo a sua importância e centralidade (Img.36).

Numa tentativa de analogia simbólica com o número três convém reforçar a sua carga simbólica na religião cristã, a Trindade é constituída por três figuras: Pai, Filho e Espírito Santo. Podemos ainda reforçar a analogia referindo que o tempo e a história são constituídos por três partes – passado, presente e futuro; e o espaço é constituído por três dimensões – comprimento, largura e profundidade.

A presença de luz natural no espaço do presbitério das três capelas antigas é inexistente. Podemos, ao analisar a planta do projeto de 1967, identificar a existência de um pequeno vão na parede lateral da capela à esquerda do altar (Img.37). Hoje, essa abertura encontra-se fechada, pelo que não existe qualquer entrada de luz no espaço, tornando-o escuro, em contraste com a assembleia iluminada. A transformação de 1967 avançou o presbitério para a área da assembleia e a agora claraboia que a ilumina incide, também, nessa zona avançada do presbitério. É aí que se inseriram os elementos do espaço celebrativo, percebendo-se uma clara intenção de os enaltecer e de os iluminar em relação ao espaço que existe por detrás deles.


38


39

38. Altar
39. Retábulo da capela-mor

O espaço presbiteral usufrui de uma unidade material forte, fruto da presença da obra antiga. A obra antiga funde-se com o novo espaço de assembleia pelo avanço e aumento da área do presbitério, aproximando o clero do povo e incentivando a comunidade a uma maior participação. Todos os elementos que se utilizam nas diversas etapas celebrativas encontram-se hierarquizados no presbitério – na área mais próxima dos fiéis – dando resposta às diretrizes conciliares.

O **altar** da igreja de Sever do Vouga foi alvo de alterações na procura de ganhar maior importância no espaço. Como habitualmente se constata em construções ou em transformações pós-conciliares, a mesa da celebração foi deslocada para a entrada da capela-mor, aproximando-se da assembleia: *"O altar foi aproximado da assembleia, enquadrado pelo ambão, a sede, o local da comunhão e o batistério."*[11] (Rodrigues, 1970).

Na antiga configuração da igreja o altar apresentava-se mais recuado, dificultando a visão de algumas zonas da assembleia, consequência também das três naves que existiam. Este pequeno avanço do altar mantém a centralidade do mesmo no espaço e nas ações litúrgicas, tornando-o facilmente visível de toda e qualquer parte da igreja. A sua implantação na cota mais elevada do presbitério reforça estas caraterísticas.

O novo altar foi concebido de raiz, dimensionado e adaptado à área que agora ocupa, proporcional ao espaço da capela-mor, possibilitando uma fácil movimentação em seu redor. Trata-se se um altar fixo de forma retangular, não muito alongado dada a pouca largura da capela-mor. A parte superior, para o ritual eucarístico, é suportada por duas fortes pernas em forma de 'L' que se viram uma para a outra. Todo este elemento é predominantemente em mármore verde transmitindo uma sensação de solidez, muito forte, que o torna central em todo o ambiente (Img.38). Por detrás do altar podemos observar o retábulo que alberga o Sacrário, funcionando como espaço cenográfico que abraça o altar (Img.39).

> *"Como é habitual, a mesa da celebração foi trazida para a entrada da capela-mor, aproximando-a dos fiéis. Ao nosso lado direito acha-se o ambão (para as leituras), bonita peça de madeira entalhada e dourada, certamente reaproveitada."* (CMSV, 2001, p.92).

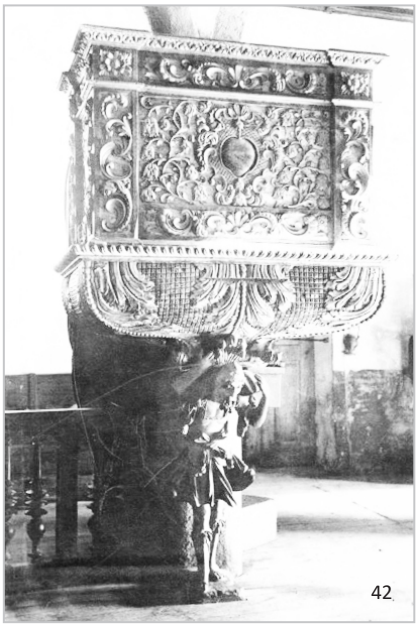
Se o altar se trata de um elemento novo e desenhado de raiz, o **ambão** já não apresenta essa novidade para a comunidade. Trata-se de uma peça que, pelo reaproveitamento, confere uma memória comunitária da igreja. O trabalho de talha presente no ambão permite observar semelhanças materiais com os retábulos que ornamentam as capelas do presbitério, reforçando a coerência global. A pequena dimensão do ambão aliada à sua materialidade, transmite-lhe uma fragilidade ímpar no contexto espacial geral.

A grande novidade no ambão é a sua nova localização. Encontra-se ligeiramente avançado em relação ao altar, no avanço do presbitério, sendo o elemento mais próximo da assembleia. Uma vez mais assistimos a uma clara intenção de aproximar os momentos celebrativos dos fiéis, nes-

[11] Tradução da citação original: *"El altar fue acercado a la asamblea, encuadrado por el ambón, la sede, el lugar de la comunión y el bautisterio."*


40


41


42


43


44


45

40. Ambão: vista frontal
41. Ambão: vista posterior
42. Antiga configuração do púlpito
43. Nova configuração do púlpito
44. Representação de Cristo
45. Cadeira da Presidência

te caso concreto um elemento da celebração litúrgica. Dada a sua importância, convém que, à semelhança do altar, esteja visível de todas as zonas da assembleia. Tal é obtido pelo seu avanço, sem nunca retirar a importância maior ao altar.

Apresenta dimensões equilibradas e carateriza-se por uma grande simplicidade e leveza, não concorrendo com o elemento principal – o altar. Contudo, contra algumas indicações conciliares e numa localização que não respeita o projeto de arquitetura, o ambão encontra-se do lado direito do altar e não do esquerdo (Img.40/41). Analisando as peças desenhadas da intervenção de 1967, a pretensão era de dar a função de ambão ao púlpito existente, assumindo uma ligação direta à liturgia da Palavra.

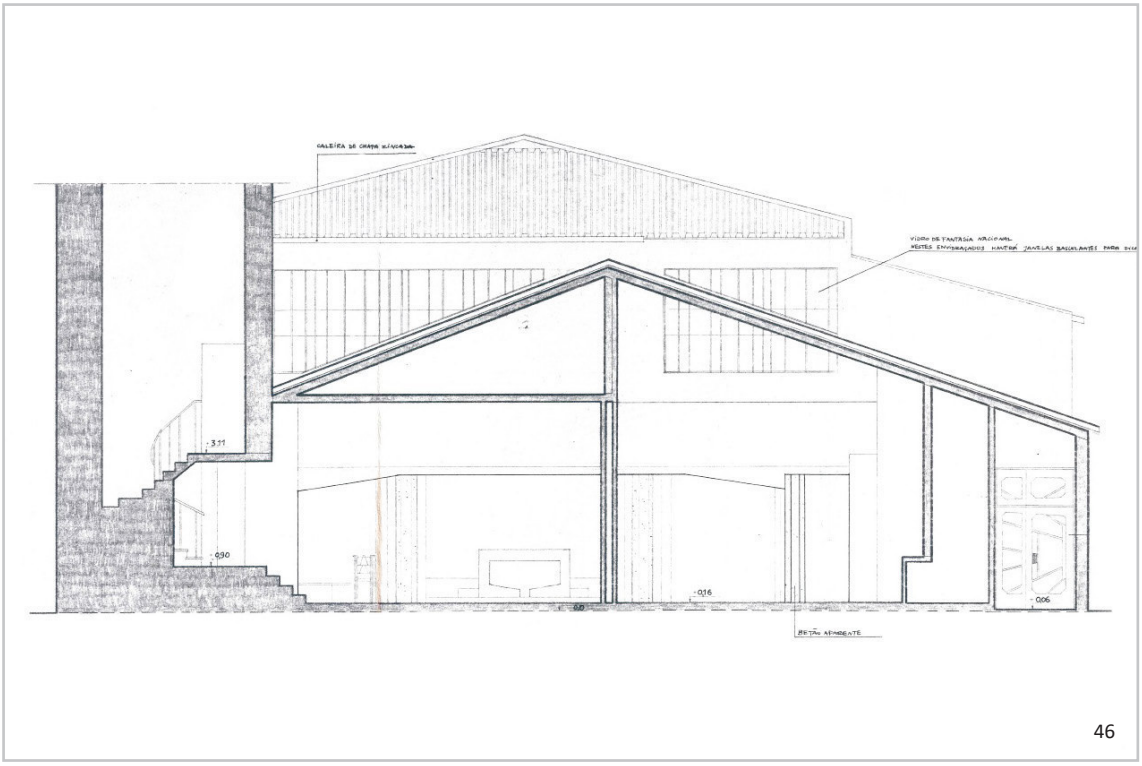
> *"O Púlpito destaca-se pela sua singularidade. É do séc. XVIII, primeira metade, do chamado barroco joanino e todo em talha dourada e policromado. Sobressai, pela sua invulgaridade, a figura do atlante, que suporta o púlpito propriamente dito. Pela sua rusticidade é popularmente conhecido por 'Janardo': uma figura humana (130x57), também de madeira (…) Figura com barbas, sendo uma estátua de muito valor. Como muito valor apresenta todo o conjunto."* (CMSV, 2001, p.92).

Assiste-se, no conjunto do púlpito, a um grande exemplo de respeito pela obra antiga e pela junção de estilos e épocas. Antes localizado numa área mais sombria da igreja, não mostrava todo o seu interesse artístico. Na nova organização espacial ocupa lugar de destaque, próximo dos elementos mais relevantes do presbitério, estando mais visível e iluminado (Img.42/43).

No presbitério estão também presentes a **representação de Cristo** e a **cadeira da Presidência**. A primeira apresenta um contexto comum nas igrejas portuguesas. Encontra-se incluída no retábulo da capela-mor, centrada no espaço, na continuidade do eixo principal que atravessa o altar. A sua elevação no retábulo permite um olhar privilegiado da assembleia. A cruz da anterior igreja, reforça a junção do antigo com o novo espaço. Apresenta dimensões controladas e proporcionais ao espaço onde se insere. Por detrás da cruz a parte superior do retábulo foi pintada de azul-céu, tornando a sua aparência – que poderia ser rude e sombria – leve e singela (Img.44).

A cadeira da Presidência é um dos novos elementos que o arquiteto desenhou e relocalizou no espaço. Não se encontra atrás do altar como na anterior configuração – escondida da assembleia – mas assume-se mais próxima da assembleia, em posição destacada. Situa-se à direita do presbitério, mais concretamente na sua nova extensão, não entrando em conflito com o altar e respeitando a hierarquia dos elementos. Apesar da sua posição lateralizada no espaço voltada para a assembleia, promove a participação dos fiéis e dinamiza a deslocação no espaço presbiteral (Img.45).

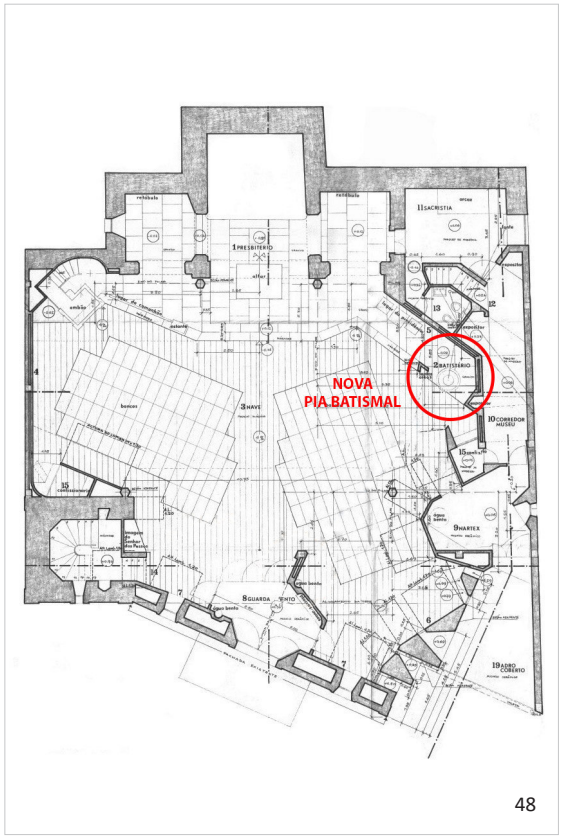
A sua materialidade é idêntica à do altar, dotando os novos elementos de coerência material e transmitindo uma sensação de solidez e nobreza. As formas são simples e geométricas, de pequenas dimensões, não se tornando um elemento com elevada presença no espaço. Um aspeto que contribui para esta situação é o facto de a cadeira se apresentar sem umas costas altas, retirando-lhe grandiosidade e aspeto de trono.



46



47



48

46. Corte BB'
47. Pia batismal
48. Antiga e nova localização da pia batismal

A **Capela do Santíssimo/Sacrário** obteve um tratamento idêntico à representação de Cristo, ou seja, foi mantido no mesmo local que ocupava na antiga igreja, além de preservar a sua forma e função. Apresenta-se integrada no retábulo da capela-mor, materializada em talha dourada, dando-lhe notoriedade no conjunto presbiteral. Constitui mais um elemento do eixo central, reforçando o foco dos fiéis na capela-mor e nos seus momentos (Img.44).

"No altar-mor sobressai o sacrário, integrado no (…) retábulo. (…) Na porta do sacrário, pequena mas interessante pintura representando Jesus a dar o pão a comer e o vinho a beber (…)." (CMSV, 2001, p.91).

Apesar de o presbitério permitir, pelas suas dimensões, uma nova localização do Sacrário, o arquiteto optou por mantê-lo no mesmo local. A tradição histórica foi mantida e uma alteração radical do Sacrário poderia não ser bem entendida pela comunidade. Assim, manteve-se na capela-mor, numa posição recuada, conferindo-lhe menor iluminação e ruído sonoro. Apresenta-se como um espaço restrito e silencioso, convidando à oração.

O Sacrário apresenta-se bastante elevado em relação à cota do presbitério, possibilitando que seja contemplado por cima do altar, sem que este interfira na sua observação (Img.46). A vista cómoda da Capela do Santíssimo não é homogénea de todos os espaços da igreja, devido à localização recuada do retábulo.

Na área mais à direita do espaço presbiteral encontramos a **pia batismal**, em granito, de dimensões relevantes – diâmetro de 1,10m e altura de cerca de 0,95m (Img.47). A pia semiesférica, possui na base motivos animais e florais, sendo coberta, hoje, por um elemento circular em cobre. Se o corpo em granito da pia era a pia existente, a cobertura em cobre (funciona como proteção do interior da pia) trata-se de uma solução introduzida em 1967. Uma vez mais, o antigo e o novo fundem-se, criando um elemento digno e equilibrado. O cobre contrasta com o granito, podendo-se distinguir a época em que cada parte foi concebida. A colocação da tampa de cobre faz todo o sentido numa vertente estética, de conservação do interior da pia e de higiene.

À semelhança do que observaremos nos restantes casos de estudo a pia batismal é implantada próxima do presbitério, assumindo uma nova importância. O arquiteto elevou-a um degrau em relação à assembleia, garantindo assim que esteja mais baixa que o restante presbitério. Isso também acontece em virtude de se localizar numa área lateral da igreja, na área presbiteral mais afastada do altar. Aproxima-se dos restantes elementos celebrativos, possibilitando uma fácil movimentação dentro do presbitério (Img.48).

Torna-se visível de todo o espaço da igreja, respondendo às orientações conciliares e aproximando o sacramento do Batismo da comunidade, provocando a sua maior e mais atenta participação. A sua perfeita visibilidade é apenas limitada pela localização de um pilar estrutural que, apesar de criar uma pequena barreira visual, ajuda também a delimitar este espaço.

Não se encontrando registo que a sua anterior localização acontecesse junto à entrada da igreja


49


50


51

49. Localização dos confessionários
50. Confessionário ao lado da pia batismal
51. Confessionário adjacente à torre sineira, por baixo do coro alto

constata-se, contudo, que mesmo que tal sucedesse a intenção desta nova implantação não condicionaria esse espaço que foi alvo de outras modificações:

> *"Próximo da porta, viam-se duas pias de água benta, hemisféricas e apoiadas sobre colarete (uma com data de 1692)."* (CMSV, 2001, p.89).

O pavimento da área batismal em granito, reforça a unidade material do presbitério. A pia batismal parece ter nascido do próprio pavimento daquele local. Esta unidade material não é repercutida na unidade espacial, uma vez que o pé direito da zona batismal é mais baixo que o restante espaço da igreja, observando-se uma marcação específica desta área.
Não existe qualquer vão ou luz artificial no espaço batismal, apenas iluminado proximamente pelo círio pascal. Transmite ao espaço menor luminosidade, tornando-o mais discreto e intimista. A luz que a pia batismal usufrui é obtida através da entrada de luz zenital na cobertura do espaço de assembleia.
O **espaço de reconciliação/confessionário** é-nos apresentado, nesta obra, de forma muito particular, uma vez que depois da intervenção não se observa apenas um confessionário, mas sim dois, separados, em lados opostos da área da assembleia. Estes espaços são tratados nas intervenções atuais como forma de articular áreas 'mortas', aproveitando-se melhor o espaço. Em Sever do Vouga podemos constatar nitidamente essa premissa (Img.49).
As suas caraterísticas revelam-se distintas, pois no confessionário junto à pia batismal a sacramento da reconciliação pode realizar-se através de um vão, diminuindo o contacto humano. Apesar do baixo pé-direito desta zona, verifica-se uma grande exposição para um momento que se pretende reservado (Img.50). O segundo confessionário encontra-se do lado oposto, junto à torre sineira. Neste caso não existe qualquer barreira entre pároco e crente, favorecendo a proximidade na celebração do sacramento da Reconciliação, num ambiente pessoal e intimista. Este intimismo é reforçado pela localização deste confessionário por trás dos bancos da assembleia e por se encontrar por baixo da laje do coro alto (Img.51).
Podemos afirmar que a intervenção de 1967 teve um cuidado especial no tratamento destes espaços, procurando sempre que o seu desenho se adequasse à função. Um mais discreto e silencioso que o outro, mas ambos integrados e assumidos no espaço de assembleia – sendo por isso facilmente acedidos – permitem duas diferentes formas de reconciliação sempre com a dignidade que a realização deste sacramento exige.
Uma das grandes mudanças que a intervenção realizou e que vai de encontro às diretrizes do Vaticano II, foi a diminuição das **imagens** e da **ornamentação**. A igreja apresenta agora uma menor quantidade de imagens, e apesar desta atitude poder não ser bem compreendida pelos paroquianos, consegue focar a atenção dos fiéis nos elementos que colaboram nas ações litúrgicas e eucarísticas. O contrário foi observado, em tempos, na igreja de Cedofeita, na cidade do Porto, onde o excesso de estatuária aumentava cada vez mais. Segundo o arquiteto Fernando Abrunhosa de Brito, tal sucedia *"fruto da má qualidade do espaço"* (Brito, 2016). Apesar da re-



52. Igreja Paroquial de Sever do Vouga

dução em Sever do Vouga, os autores da intervenção de 1967 revelaram uma sensibilidade por todas e quaisquer imagens que contivessem um maior significado na tradição quotidiana. Foram mantidas diversas imagens que enriquecem o espaço, solução justificada por Abrunhosa de Brito quando afirmou: *"(…) coisas de gosto duvidoso não as retirava. São reflexo de uma época, de uma geração!"* (Brito, 2016).

> *"(…) houve a preocupação – sublinhe-se – de preservar tudo o que tinha interesse arquitectónico e artístico, concedendo-lhe lugar no espaço remodelado. Um bom exemplo de como ajustar o antigo ao moderno.*
> *Passado o portal principal, no pórtico de entrada e ao lado direito encontra-se uma imagem de S. José, em gesso (85x37). Avançando no pórtico pela nossa esquerda e colocado à direita das escadas para o balcão, depara-se-nos um Stº António, em madeira (70x36), sobre pedestal e em nicho."* (CMSV, 2001, p.90).

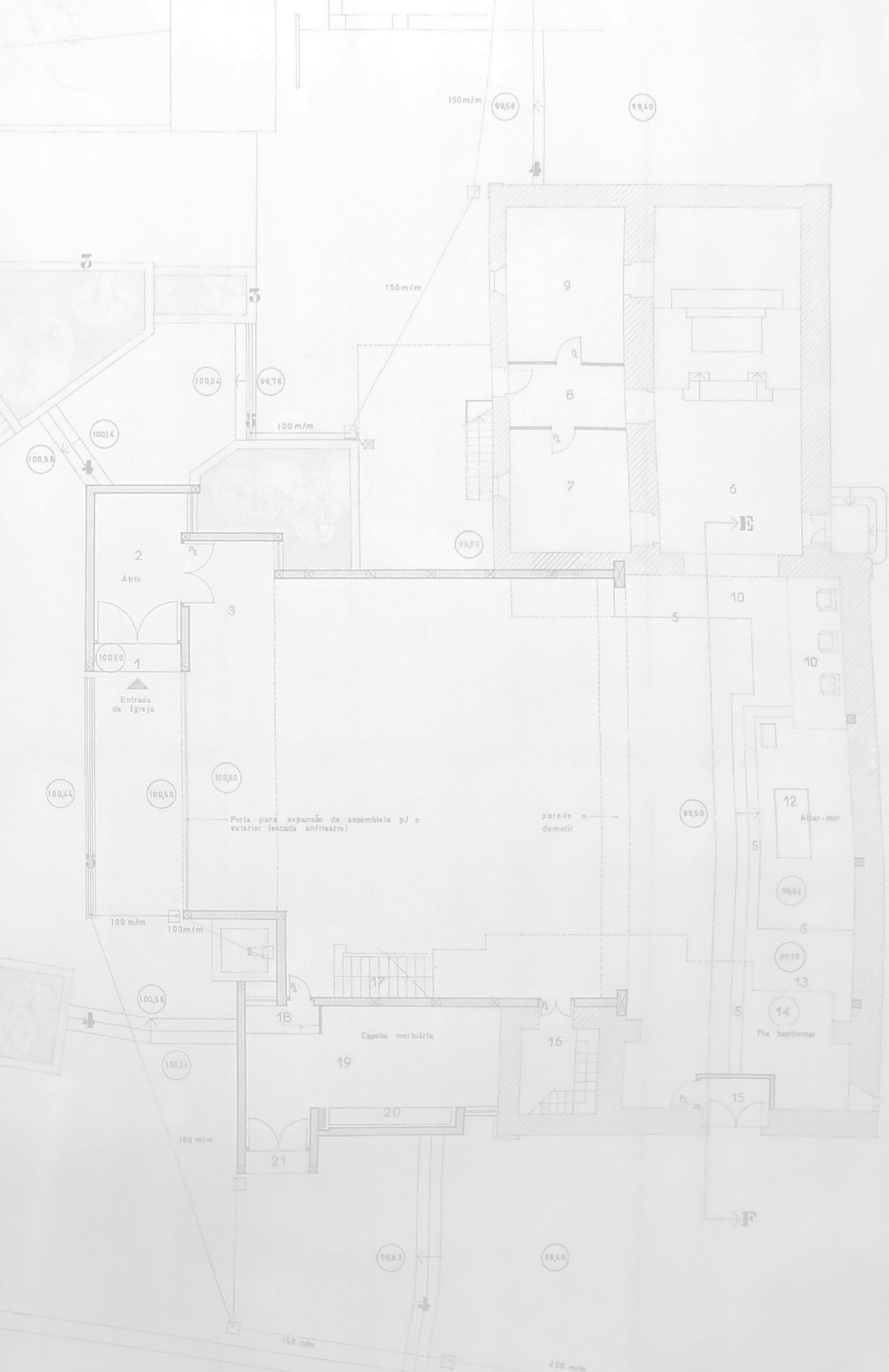
A igreja de Sever do Vouga foi objeto de bastantes alterações, das quais se podem apontar entre as mais significativas: a rotação da fachada principal; o abandono da estrutura das três naves antigas, projetando-se agora uma ampla e única nave sobre o espaço, mais alta e mais larga; a construção de um balcão para coro, ao qual se ascende por uma escada na torre sineira, aumentando a lotação do espaço.

> *"O templo actual apresenta-se bonito, espaçoso, com boa luminosidade natural, adaptando-se às exigências da liturgia pós-conciliar."* (CMSV, 2001, p.89).

Num bom e claro exemplo de ajuste do antigo com o novo, houve a preocupação de preservar o que possuía interesse artístico e arquitetónico, concedendo-lhe presença no espaço transformado. Todos estes fatores ajudam a tornar esta obra num dos primeiros exemplos bem-sucedidos de interpretação dos documentos do Concílio Vaticano II, sem nunca perder os sentimentos e tradições da comunidade paroquial, e sempre com uma atitude contemporânea de respeito e enaltecimento do antigo (Img.52).

> *"Terminada a obra, comprovou-se que os valores antigos foram revalorizados pela cuidadosa integração no novo espaço arquitetónico."*[12] (Rodrigues, 1970).

[12] Tradução da citação original: *"Terminada la obra se comprobó que los valores antíguos han quedado revalorizados por la cuidada integración en el nuevo espacio arquitectónico."*


150 m/m
99,68
99,40
150 m/m
9
8
7
6
100,04
99,76
100 m/m
100,14
100,56
2
Átrio
3
1
100,60
Entrada da Igreja
99,80
E
10
5
10
100,50
100,44
100,58
Porta para expansão da assembleia p/ o exterior (escada anfiteatro)
parede a demolir
99,50
12
Altar-mor
5
99,92
5
99,78
13
100 m/m
100m/m
17
100,56
18
Capela mortuária
16
14
Pia baptismal
19
100,14
20
15
150 m/m
21
F
99,82
99,60
150 m/m
200 m/m

Igreja Paroquial de Valbom, Gondomar, Porto





53. Freguesia de Valbom, Gondomar
54. Planta de implantação com a intervenção de 1973

Enquadramento

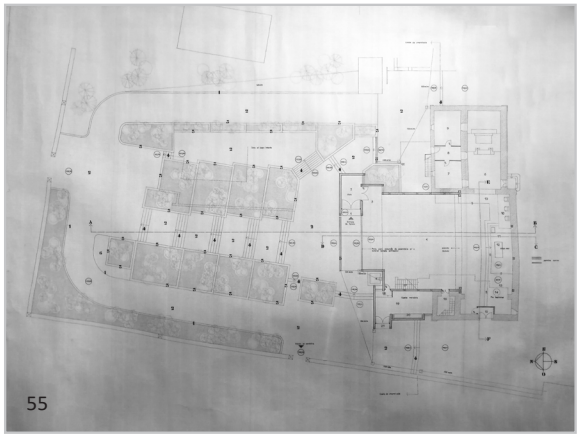
A igreja paroquial de Valbom apresenta-nos, neste trabalho, a transformação mais radical da obra antiga dentro dos casos analisados. A edificação original foi construída no século XVI, subsistindo dela a capela-mor, a nave única e a antecâmara de entrada. Em 1973, é realizada uma intervenção projetada pelo arquiteto José Carlos Loureiro, fundindo o antigo e o novo, criando um só espaço.

Valbom situa-se no lado poente do concelho de Gondomar, no distrito do Porto, concelho fortemente influenciado e delimitado pelo imponente caudal do rio Douro. Esta situação assemelha a topografia deste caso de estudo ao que anteriormente analisamos em Sever do Vouga, embora em Valbom o recurso natural esteja bastante mais próximo, tornando o declive da encosta mais acentuado.

> *"Geograficamente situa-se na margem direita do Rio Douro (que lhe fica a Sul), próximo da cidade do Porto (com Campanhã, a Poente) e no sopé do Monte dito Castro, que se eleva em S. Cosme (a Norte). A designação que lhe é atribuída: Vale Bom deriva, precisamente, da situação topográfica de que goza a freguesia, provocada por um regato nascido em S. Cosme."* (Marques, 2013, p.21).

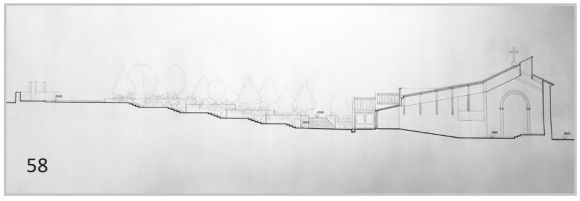
A igreja encontra-se em ambiente urbano, apesar de localizada no extremo sul da freguesia (Img.53). A sua localização, aliada a uma implantação numa cota mais baixa da encosta, faz com que se encontre afastada do centro da freguesia. A sul e a poente deparamo-nos com o cemitério que abraça a igreja numa cota mais baixa, com o auxílio de muros de suporte. A nascente, encontra-se edificada a casa paroquial que, apesar de constituir uma barreira visual para as habitações mais próximas, favorece o espaço da igreja e confere-lhe maior proteção sonora e visual. A norte existe um espaçoso adro, com diferentes percursos pavimentados com calçada, incluindo diversos canteiros relvados (que integram árvores de grande porte e floreiras), realizando a transição da via automóvel até à nova fachada principal da igreja. Todas estas condicionantes dotam a área da igreja de uma vista privilegiada sobre o rio Douro e suas encostas, tornando-a uma estrutura especial da freguesia de Valbom.

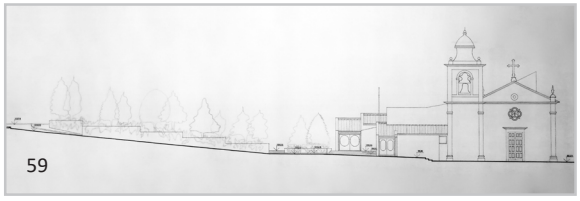
Ao contrário do que se verifica em Sever do Vouga, as confrontações da igreja não a tornam quase impercetível ao transeunte, pois a aproximação e o acesso ao adro da igreja realiza-se por uma larga via automóvel, diretamente alinhada ao percurso central do adro e à fachada da igreja (Img.54). Contudo, dois pequenos problemas advêm desta situação geográfica e topográfica da obra. O primeiro prende-se com a elevação da via em relação ao volume da igreja. O segundo com a falta de estacionamento que a malha urbana pede e que, até hoje, não teve qualquer tipo de resolução ou melhoramento. A elevação é resolvida através de uma sequência de escadas e rampas laterais que vão progressivamente baixando a cota do terreno até à igreja. Foi criado um adro com diversas soluções de mobilidade permitindo, ao mesmo tempo, aos transeuntes,











55. Planta geral
56. Acesso pedonal principal
57. Acesso pedonal secundário
58. Perfil por acesso principal
59. Perfil por acesso secundário

observarem a igreja no seu todo, sem que ela se torne volumetricamente imponente. Veremos adiante que a antiga fachada principal não se encontrava orientada para a via automóvel, mas com a intervenção do arquiteto José Carlos Loureiro essa questão foi resolvida, um pouco à semelhança do que sucedeu em Sever do Vouga.

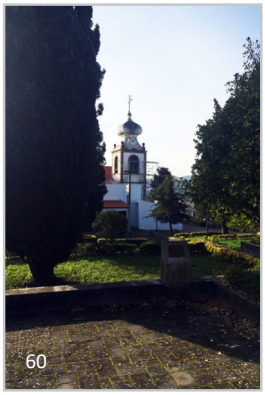
Exterior

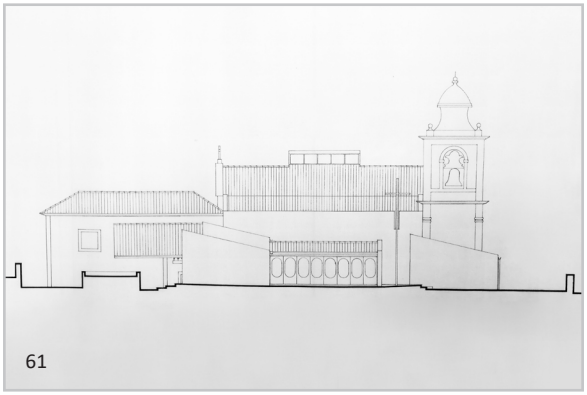
O espaço exterior da igreja de Valbom encontra-se delimitado por muros e vedações que permitem encerrar o espaço, observando-se uma restrição espacial que não estimula os transeuntes a deambular na área envolvente à igreja. Esta situação torna este caso totalmente diferente dos restantes analisados e é ainda mais marcante quando nos deparamos com um único acesso a este adro. No alinhamento da avenida Miguel Bombarda (via com configuração de alameda) encontramos um largo portão metálico que abre o adro à comunidade. Esta entrada encontra-se adjacente a um pequeno alargamento da via automóvel que funciona como pequena zona de aparcamento automóvel, o que contribui para uma obstrução visual ao elemento principal que é a igreja (Img.55).

A cota de acesso ao adro e a cota de soleira da igreja apresentam-se distintas, sendo a cota de soleira da igreja mais baixa. Esta topografia tornou necessário vencer este desnível ao longo do espaço do adro e assim o arquiteto dividiu-o em quatro percursos separados por largos canteiros de flores permitindo aproximações distintas à obra: o percurso principal, vencido por cinco conjuntos de escadas que possibilitam o acesso à entrada principal da igreja (Img.56); e os percursos laterais através de rampas com inclinações suaves (Img.57), dando resposta às preocupações relacionadas com o acesso de pessoas com mobilidade condicionada – seguindo uma diretiva da religião cristã – todos somos iguais e filhos do mesmo Pai: *"Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher (…)"* (Ga 3, 28 – BS, 2009, p.1911).

A largura e composição vegetal dos canteiros que dividem os percursos, dão a ideia de uma alameda de acesso à igreja, alongando a via urbana existente, transmitindo a sensação de continuidade urbanística. Nos canteiros observam-se árvores de grande porte que, apesar de possuírem um forte impacto no espaço, ajudam a criar uma barreira à poluição atmosférica, visual e sonora que existe nos arruamentos envolventes, além de tornarem a sua envolvente mais verde, criando grandes zonas de sombra para conforto das pessoas que visitam ou frequentam a igreja.

Os materiais utilizados na conceção do adro remetem-nos para a tradição e identidade da região. Assim, o granito assume a sua importância através de uma pavimentação de paralelos serrados com várias dimensões, assentes numa trama irregular. Os canteiros, de forma a vencerem o declive do terreno, foram construídos em várias cotas e com muros em betão aparente que, pela sua altura, permitem ao transeunte sentar-se no seu coroamento (Img.58/59). Excetuam-se estas particularidades materiais no lado sul da igreja, no qual se verificam pedras graníticas


60


61


62

60. Adro e nova fachada principal virada à cidade
61. Alçado norte (nova entrada principal): projeto de 1973
62. Fachada sul e antiga entrada principal da igreja

toscas que desenham um percurso e diversas zonas ortogonais ajardinadas, e na nova entrada principal da igreja, na fachada norte, que apresenta lajetas de granito amarelo, marcando uma área de transição do adro para o interior da igreja.
A antiga orientação da igreja realizava-se para nascente, usufruindo a sul e poente da vista sobre o rio Douro. Contudo, a implantação do cemitério com dimensões significativas – abraça a obra em todas estas direções – limitava o espaço adjacente à fachada principal. Se a isto juntarmos o afastamento que o espaço do novo adro criava para a via pública e o fato de a fachada lateral a norte ser a face mais visível da obra, observava-se uma frágil presença da igreja na malha urbana.

> *"A que foi fachada principal da igreja, voltada para caminho de passagem (até abertura do cemitério, em 1865 e seu constante crescimento) encontra-se agora como lateral Oeste do novo espaço, remetida a entrada secundária."* (Marques, 2013, p.36).

A partir de 1973, ano de conclusão da transformação, oito anos após o Concílio, todo este paradigma foi alterado. O arquiteto realiza uma profunda alteração na orientação da igreja. A sua entrada principal, agora localizada na nova fachada virada a norte, é dotada de uma linguagem arquitetónica distinta da que se observava na obra antiga (Img.60). Esta mudança direciona a igreja para o único acesso ao adro, orientando-a à via urbana (Img.61). As diretrizes conciliares encontram representação na área exterior do templo uma vez que incentivam a um melhor acolhimento dos fiéis, e as opções tomadas favorecem o convite dos crentes para as celebrações.
A antiga igreja, de construção seiscentista, foi praticamente toda mantida, apenas se demolindo a parede lateral norte. As suas fachadas são rebocadas e pintadas a branco, com colunas graníticas nos cunhais e encimadas por cornijas. A antiga fachada principal – virada a poente – é rematada por um frontão triangular, vazado por um pequeno vão circular e encimado por uma cruz latina. Apresenta ainda um pináculo no topo do seu cunhal direito. A antiga porta principal (agora uma entrada secundária) contém um arco abatido e moldura em granito. Por cima da porta pode ainda observar-se um óculo quadrilobulado com simples moldura em granito (Img.62). Do seu lado esquerdo foi mantida a torre sineira, rebocada e pintada a branco, com três planos separados por frisos graníticos, sendo um elemento vertical que lhe confere identidade.

> *"Esta superfície, segundo registos fotográficos efetuados durante as obras, não seria tal e qual como se encontra agora, para além de ser revestida a azulejos azuis e brancos."* (Marques, 2013, p.37).

A parte inferior é totalmente cega; a intermédia contém o antigo mostrador de relógio; e a superior apresenta quatro ventanas de volta perfeita que englobam os sinos. A torre é rematada em frisos e cornijas com pequenos pináculos nos ângulos e encimada por uma cruz latina ainda virada a poente. O mostrador de relógio encontra-se agora virado a norte, para onde se direciona a nova fachada principal da igreja. Orientada a nascente, a antiga fachada posterior apresenta-se simples, contendo uma empena cega com cruz latina sobre plinto no vértice da sua cobertura





63. Fachada sul
64. Renovada fachada Norte (nova entrada principal)

que consiste num telhado de duas águas. A fachada virada a sul, mantém as características primitivas, onde se podem ver quatro janelas, duas no espaço da antiga nave e duas que iluminavam a capela-mor. Todos os vãos possuem cortes obliquados em granito que faziam a moldura à janela. Por fim, no volume da capela-mor, existe uma pequena porta de verga reta que permite um acesso lateral ao interior da igreja (Img.63).

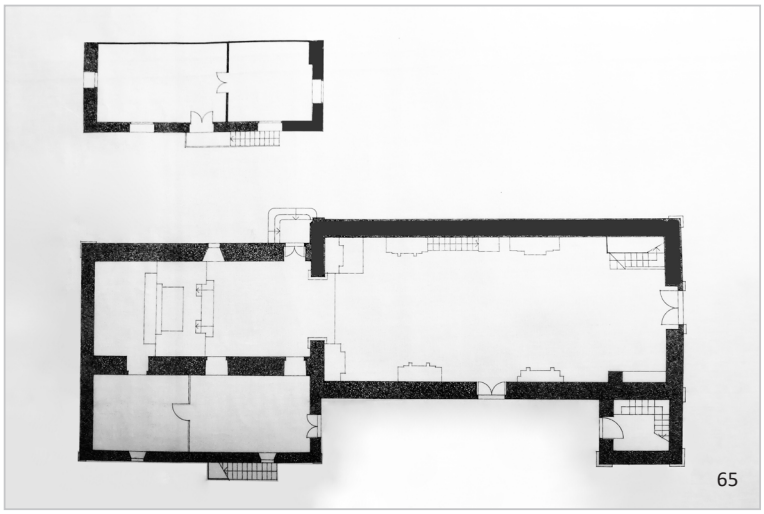
> *"Ao nível da fachada lateral Sul do edifício (que se encontra voltada para o cemitério e paralela ao rio) percebe-se o desnível na altura entre os corpos da igreja e o da capela-mor (primitiva) que foi aproveitada e integrada na construção atual."* (Marques, 2013, p.37).

A fachada norte é, como já referimos, a que sofre maiores transformações com a intervenção de 1973. Um jogo de volumes com diferentes cotas e com coberturas diversas em telhados de uma e duas águas transmite ao conjunto uma ideia de habitação e não tanto de edifício religioso (Img.64). Esta fachada norte passa a ser a fachada principal da igreja e acolhe os fiéis através de um largo portal retilíneo que delimita o percurso principal do adro. A torre sineira, à direita, funciona como marcação da obra antiga na nova fachada. À sua frente, ergue-se do pavimento uma cruz latina metálica, reforçando a identidade cristã dos novos volumes criados. Do lado esquerdo da fachada, um volume totalmente envidraçado encontra-se adossado à antiga capela-mor. Este volume de pé-direito mais baixo não sobressai em relação ao antigo, parecendo antes que dele surgiu. Outra tentativa de fusão do antigo com o novo nota-se nos elementos que permitem a entrada de luz zenital. A claraboia que tem mais impacto do exterior é a que marca, interiormente, a zona do altar.

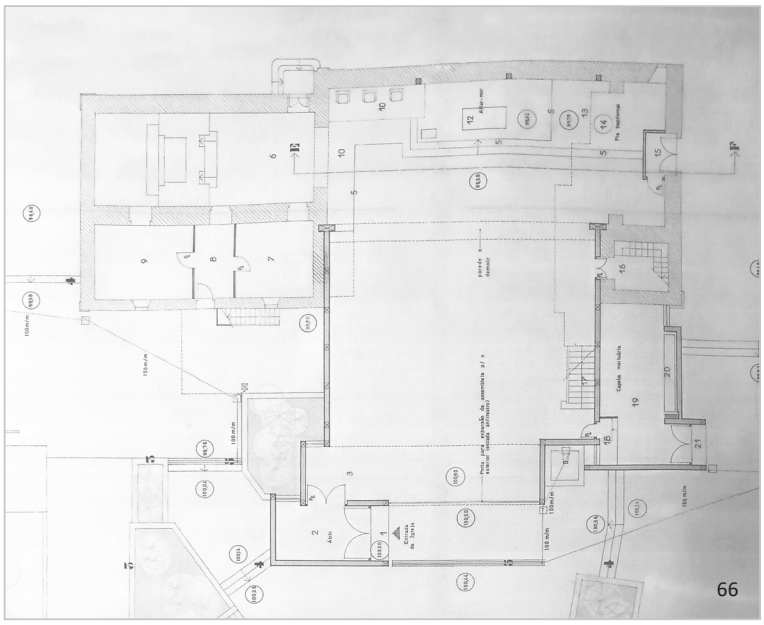
O principal objetivo da transformação é, a nível exterior, claramente percetível: virar a igreja para a freguesia, para a comunidade. Esta alteração permite direcionar a obra aos transeuntes e, como tal, provocar a sua atenção e visita ao interior da igreja. O afastamento que a obra possuía das vias públicas retirava presença à igreja e a sua anterior orientação não solucionava esse problema. A nova orientação, a que se junta uma linguagem arquitetónica mais humana e apelativa às pessoas, aproximam o edifício da comunidade, além de dotarem a igreja de melhores e maiores condições de acessibilidade e mobilidade. Estamos perante uma radical mudança no conjunto arquitetónico, e que consegue, acompanhando as indicações conciliares, solucionar os problemas anteriormente existentes, valorizando a obra e toda a sua envolvente.

Interior

> *"(…) é pertinente referir que, numa sessão da Junta de Paróquia, em 1882, o Abade António de Sousa Pedroso propõe o alargamento do espaço da igreja através da deslocação da capela-mor. A ideia terá sido aceite e foi autorizado um empréstimo e ainda a comparticipação do bispado, porém não há indicações de obra efetuada."* Marques, 2013, p.36).



65



66



67

65. Planta anterior à intervenção de 1973
66. Planta da intervenção de 1973
67. Possíveis acessos da nova entrada principal

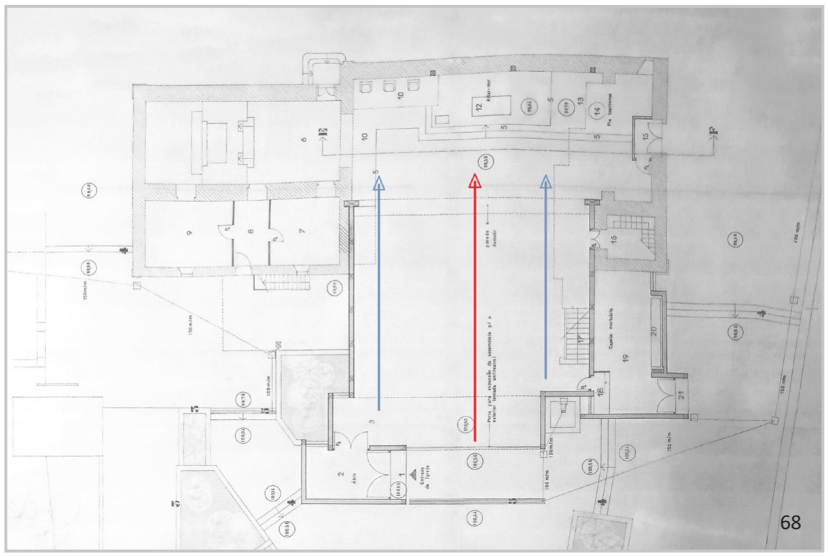
O pedido que deu início à conceção projetual da igreja paroquial de Valbom e à sua posterior execução, não colocou qualquer condicionalismo ao arquiteto, permitindo-lhe uma total liberdade criativa. Assim, assistimos a uma intervenção que tornou a nova igreja completamente diferente da sua pré-existência. As diferenças mais significativas prendem-se com o aumento da igreja, fruto da necessidade de aumentar a sua capacidade; este maior espaço, criado através de uma largura considerável da nave, proporciona ainda uma fácil mobilidade e uma fácil visão das áreas celebrativas; uma rotação de 90º na sua orientação, voltando-se para o acesso público de onde se realiza a entrada no adro (Img.65/66).

> *"O espaço da igreja de Valbom, com planta longitudinal, era constituído por duas partes simples: a capela-mor abobadada em pedra (abóbada de berço) e o corpo único da igreja, coberto por teto de madeira, revestido a estuque com frisos. Possuiria apenas três altares, todos com estrutura retabular: o altar-mor (…) Os restantes retábulos dispunham-se no corpo da igreja, como capelas colaterais ladeando a abertura do arco triunfal que dava passagem para a capela-mor."* (Marques, 2013, pp.31-32).

O volume mais marcante da ampliação contempla, em quase toda a sua totalidade, o novo **espaço de assembleia**, nascido pela demolição total da parede lateral virada a norte da antiga nave e com a qual, agora, se funde espacialmente: *"Na verdade, as obras de crescimento efetuadas por J. Carlos Loureiro apenas romperam uma das paredes laterais da nave alargando-a em anfiteatro nessa direção (Norte)."* (Marques, 2013, p.37).
O comprimento da nave antiga representa agora a largura da nova, passando de um espaço estreito e comprido para uma situação em que comprimento e largura se aproximam, formando um espaço mais amplo e comunitário. Encontramo-nos mais próximos uns dos outros e sobretudo dos principais elementos celebrativos.

> *"A nova fachada contemporânea volta-se para a rua principal, a Avenida Miguel Bombarda e para um novo adro, agraciado a preceito. A entrada abre-se horizontalmente, numa espécie de alpendre baixo, na totalidade da largura da igreja, através de um portão de livro (usado para as procissões de entrada aos Domingos e em dias de maior celebração). Lateralmente surge uma entrada mais pequena, também na forma de túnel, que dá acesso a um hall adornado pelos painéis de Júlio Resende, aí colocados em 1998 com representações relativas à hagiografia de São Veríssimo."* (Marques, 2013, p.38).

O acesso ao novo volume que contempla o espaço de assembleia foi pensado de duas formas. Estando o transeunte à frente da nova fachada principal da igreja pode observar, do seu lado esquerdo, um acesso projetado para ser a entrada principal. Uma vez atravessada a porta, observamos uma antecâmara que realiza a transição do exterior para o espaço de assembleia. A outra forma contempla um vão com dez portas articuladas de batente, localizado em toda a largura do novo volume. Este vão acompanha toda a largura do espaço interior, permitindo a sua total abertura, prolongando o espaço interior para o adro, aumentando a lotação da igreja (Img.67).









68. Planta com percursos
69. Novo espaço de assembleia
70. Inclinação do pavimento no novo espaço de assembleia
71. Antecâmara da entrada principal

Podemos também aceder ao espaço de assembleia pela antiga porta principal, agora entrada secundária; os outros acessos possíveis, um pelas instalações e espaços complementares da igreja, e outro pela antiga fachada lateral sul, permitindo a entrada na antiga capela-mor, apresentando condicionalismos e limitações espaciais.

Fruto do paralelismo das novas paredes laterais, o espaço de assembleia apresenta uma forma geométrica regular, havendo a intenção de, através dos elementos estruturais, não desviar o olhar para fora do centro celebrativo. Isso será conseguido através de atitudes projetivas que analisaremos e que influenciam as celebrações nele realizadas, aproximando-as das diretrizes conciliares de 1965.

Na nave da assembleia existem três percursos paralelos, um central e dois laterais simétricos – um à direita e outro à esquerda (Img.68). O acesso ao interior pela entrada principal, passando pela antecâmara, direciona-nos ao percurso lateral esquerdo, enquanto que se acedermos pela porta que permite a expansão do espaço para o exterior entramos numa posição mais frontal, ao centro da nave. Caso todas as portas deste vão estejam abertas o acesso a qualquer um destes três percursos pode ser realizado facilmente sem congestionamentos, garantindo a fluidez de deambulações. Todos os percursos culminam, física e visualmente, no presbitério, embora de forma distinta: o percurso principal no altar-mor; os laterais em áreas do presbitério menos elevadas (Img.69).

> *"Agora toda a assistência está colocada numa nave única, a Norte, num declive suave que facilita a visualização da cerimónia e que conduz a este altar."* (Marques, 2013, pp.41-42).

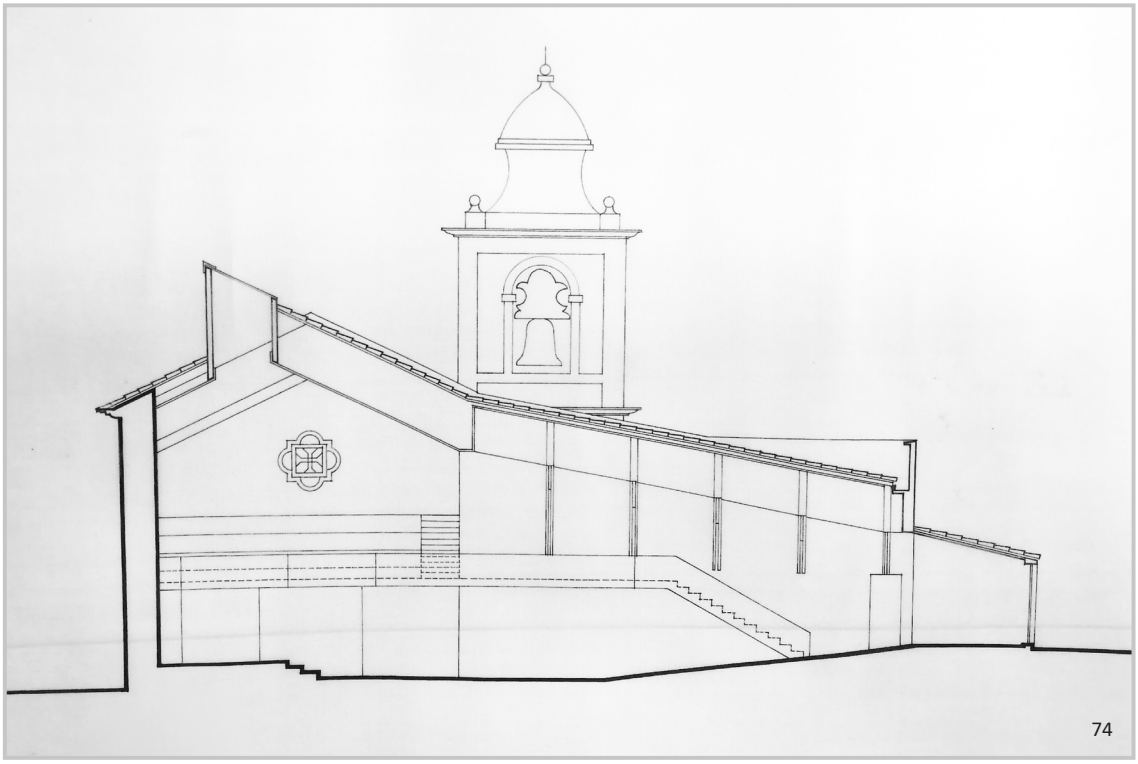
Ao nível dos pavimentos observamos uma solução semelhante à que vimos em Sever do Vouga, embora mais acentuada. O espaço de assembleia, desde a entrada até ao presbitério, encontra-se inclinado, transmitindo uma sensação de anfiteatro, melhorando consideravelmente a visão sobre o altar e sobre todo o presbitério (Img.70). Pode também ser visto como uma intenção de reforçar a continuidade exterior/interior, prolongando a descida de cota que já advinha desde a entrada no adro, permitindo, sem degraus, atingir a cota de soleira da antiga igreja e assim preservar a obra antiga. Apenas na área onde se instalaram os bancos, não se constata esta suave inclinação, uma vez que para os nivelar foram utilizados pequenos degraus.

Os materiais utilizados na pavimentação procuraram, além da reprodução antiga da nave, suscitar nas pessoas uma fácil perceção dos espaços de permanência e das circulações no interior da igreja. Apesar das áreas de permanência no espaço de assembleia não serem extraordinárias, os percursos apresentam uma estreita largura, o que os distingue e os carateriza.

Observa-se na antecâmara da entrada principal e na área seguinte ao largo vão da fachada principal, uma pavimentação em azulejo cerâmico (Img.71). Este material é também utilizado na zona da antiga entrada principal, prolongando o espaço de assembleia para essa área. Esta igualdade material nas entradas, contrasta com o material de todo o restante espaço de assembleia. Todo esse pavimento foi assente em soalho de madeira de pinho. Apenas a orientação do soalho







72. Novos bancos e orientação no espaço de assembleia
73. Entrada de luz zenital
74. Corte longitudinal

difere, conforme a situação: nos percursos assente longitudinalmente; nos espaços de permanência, transversalmente. Além de conseguir transmitir o real 'sentido' de cada área, a distinção material, aliada à coerência das suas escolhas, permite diferenciá-las indiciando a sua função.

O anterior espaço de assembleia, apresentava duas filas de bancos, uma de cada lado do percurso central, em toda a sua extensão. No novo espaço, podemos observar que as duas filas de bancos se mantêm, embora se tenham tornado mais largos, com capacidade muito superior à anterior. Apesar de permitir um aumento de capacidade, observam-se desvantagens, nomeadamente no acesso à sua parte central e na mobilidade entre quem neles se encontre (Img.72).

Além do preenchimento do espaço de assembleia com estes bancos, paralelos entre si desde a entrada até ao presbitério, reforçando a coerência geométrica, observamos ainda a presença dos antigos bancos, mais curtos, em duas áreas que permanecem da obra antiga: junto à antiga entrada principal e na capela-mor. Em ambos os casos, a largura do espaço é um fator limitador e, por isso, o arquiteto soluciona esse problema através da manutenção desses bancos. O fato de reutilizar elementos antigos demonstra o respeito pela obra pré-existente e mantém a identidade do espaço. Nesse sentido, os novos bancos preservam o mesmo material e estrutura dos seus antecessores. Foram executados em madeira maciça de ipê, na mesma tonalidade escura, e a sua forma e remates são repetidos, apenas diferindo na sua largura.

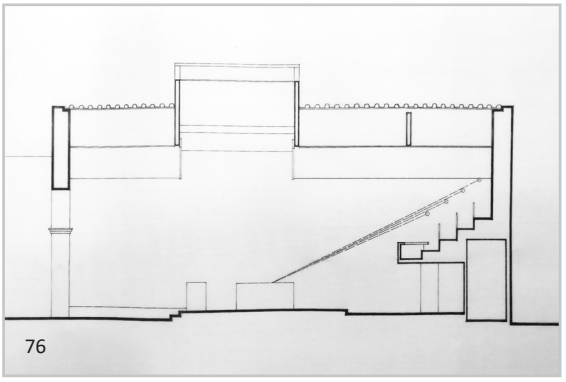
A entrada de luz natural sofreu, também, algumas alterações. O novo espaço de assembleia encontra-se iluminado por uma luz natural indireta. Usufrui da transparência do largo vão de entrada para iluminação da zona mais afastada do altar, e de uma entrada de luz zenital na interseção das suas paredes laterais com a cobertura, que permite uma iluminação contínua e simétrica do espaço (Img.73). O espaço de assembleia não possui grande iluminação artificial, preferindo o autor colocar o foco dos crentes no presbitério, área com maior iluminação. A iluminação artificial apresenta-se, assim, como complemento da entrada de luz natural, dissimulada no teto.

A nova orientação da nave muda, também, o paradigma concetual da sua cobertura. Enquanto antes se podia observar um teto que acompanhava uma cobertura de duas águas, agora assistimos a uma cobertura de uma água apenas, com inclinação no sentido sul-norte. Esta opção acentua a sensação de anfiteatro que antes referimos, e juntamente com a inclinação do pavimento, observa-se um cone visual que vai abrindo à medida que nos aproximamos do presbitério e dos seus elementos, atingindo aí o seu local de maior altura interior (Img.74).

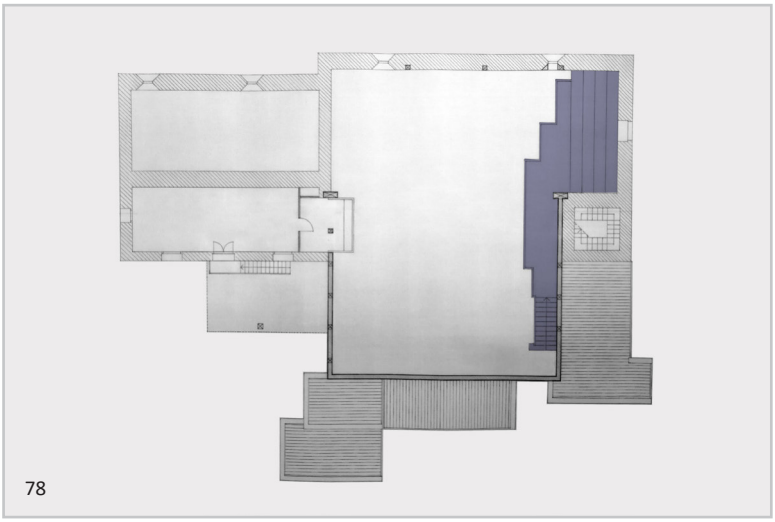
As entradas apresentam um pé-direito mais baixo e controlado, opondo-se à maior altura que acontece no presbitério, simbolizando uma maior abertura humana, convidando os fiéis a entrar numa casa comum, retirando qualquer sentimento de inacessibilidade aos sacramentos que a Igreja dispensa.

O espaço de assembleia encontra-se ligado aos demais espaços mostrando uma unidade que é reforçada pela facilidade de contatos visuais entre os mesmos, embora comportando diferentes pés-direitos, demonstrando, uma vez mais, o respeito pelas diretrizes do Concílio, sem deixar de privilegiar determinadas zonas centrais em todas as celebrações litúrgicas.











75. Elementos estruturais de suporte do novo telhado
76. Corte transversal
77. Acesso e espaço do coro
78. Planta do piso 2 (coro)
79. Escadas de acesso ao espaço de coro

Existe uma tentativa de uniformizar materiais, distinguindo o novo do antigo. Na nova entrada principal encontramos um teto revestido em madeira de tacula, mas no restante espaço de assembleia e de forma a dar suporte à sua grande largura, podemos observar uma sequência de vigas estruturais concebidas na mesma madeira. À medida que nos aproximamos do presbitério as vigas vão aumentando o pé-direito da nave até se unirem à cobertura da antiga construção.
Como veremos noutros elementos construtivos, uma dicotomia material esteve presente no pensamento arquitetónico da intervenção. As vigas em madeira apoiam-se numa espécie de cachorros em betão aparente, de formas geométricas lineares, transmitindo solidez à construção, dignidade ao espaço, coerência às escolhas do arquiteto e unidade entre os elementos (Img.75).
A anterior disposição da assembleia, separada da capela-mor, restringia as intenções do sínodo de 1965. A sua nova configuração, radicalmente oposta à anterior – em orientação, dimensão, mobilidade e visibilidade – responde de forma consistente aos requisitos conciliares de chamamento dos fiéis, provocando a sua participação mais próxima e ativa. O único ponto que se afasta dessas intenções é na configuração dos bancos, que se tornam barreiras que separam a assembleia do presidente e de outros ministros.
Interagindo espacialmente com a assembleia e criando novas deambulações para o seu acesso encontramos o espaço do **coro**. Nos restantes casos em análise neste estudo, constatamos uma localização homogénea do coro, sempre num piso elevado, posicionado sobre a entrada principal da igreja existente, e no extremo oposto do espaço presbiteral e do altar. Esta situação encontra-se desalinhada com as recomendações conciliares.

> *"A nível interno, o espaço religioso nutre de uma amplitude claramente posterior à descrita em 1911, permanecendo contudo: o coro alto (apesar da imagem melhorada) e a capela-mor, também com vários ajustes."* (Marques, 2013, p.38).

A transformação realizada, com foco numa nova orientação do espaço litúrgico e deslocalização do presbitério para uma área distinta, transfigura o coro tornando-o local de maior visibilidade e importância, mesmo tendo permanecido na mesma área onde existia na obra antiga. O que se alterou e reorganizou espacialmente foram os espaços envolventes (Img.76/77).
Este espaço debruça-se sobre o novo espaço presbiteral, permitindo uma interação com o altar e com a assembleia mais próxima e mais visível, coincidindo com a nova ideia de ativa participação e de foco visual no presbitério e, sobretudo, no altar. Estas novas dimensões ajustam-se, em proporção, à ampliação que os restantes espaços também sofreram, obtendo-se uma harmonia espacial, onde cada zona se apresenta adequada, dimensionalmente, à sua função (Img.78).
Observa-se uma nova forma de acesso ao coro – antes realizada pela torre sineira – visivelmente marcada no espaço de assembleia, aumentando a sua área e capacidade. Realiza-se através de escadas que se encontram paralelas à parede lateral direita da nova nave, respeitando o paralelismo e ortogonalidade do espaço (Img.79). Observa-se novamente a presença do betão aparente, nomeadamente no guarda-corpos do espaço e das escadas que lhe permitem o acesso.


80


81

80. Iluminação direcionada no espaço do coro
81. Elevação do presbitério

> *"Acima da porta abre-se um vão quadrilobulado, com moldura em cantaria, enriquecido por vitral de Júlio Resende em 1975, que ilumina o coro alto."* (Marques, 2013, p.37).

Constata-se que o óculo quadrilobulado da anterior fachada principal permite a iluminação do coro (Img.80). Por se encontrar virado a poente, foi implementada adicionalmente luz artificial – através de projetores quadrangulares salientes do teto – no sentido de auxiliar e complementar o espaço do coro e a importante função celebrativa que desempenha.

Os novos contextos do espaço de assembleia e do coro, fruto da opção do arquiteto em ampliar a igreja através da demolição da antiga parede norte, levam à observação, na parede lateral esquerda do novo espaço, de um balcão elevado que surge sobre a assembleia e onde podemos encontrar um órgão de tubos. Este balcão apresentava, na parede demolida, semelhante configuração e posicionamento, mantendo-se viva uma memória comunitária que servia de referência aos seus fiéis.

Ao contrário do que observamos em Sever do Vouga, onde o presbitério quase não sofreu alterações, em Valbom assistimos a uma radical mudança, a par do espaço de assembleia, com a nova localização e configuração do **presbitério**. A localização pensada pelo arquiteto, desloca o anterior presbitério virado a poente, de dimensões reduzidas, para o antigo espaço de assembleia. Juntamente com a rotação efetuada no espaço de assembleia, também o presbitério se orienta para norte, reforçando a interação que a ampliação de 1973 realiza com o adro e com a cidade.

Não se observam quaisquer elementos estruturais ou construtivos que condicionem o espaço. Encontra-se elevado três degraus – analogia já mencionada na análise anterior - em relação à cota do espaço de assembleia. A dimensão deste espaço presbiteral sofreu um grande aumento face à situação anterior, fruto da sua extensão por toda a antiga nave principal e por se enquadrar em toda a largura do novo espaço de assembleia.

Os três degraus que o elevam, não elevam toda a sua área total de igual forma. Assim, para melhor organizar o espaço e hierarquiza-lo, existem diferentes áreas em diferentes cotas: umas apenas elevadas dois degraus e outras em que apenas um degrau é necessário subir. De forma natural, o altar encontra-se localizado na sua parte mais elevada, não só demarcando a sua centralidade que o Concílio insistentemente reforça, mas também por fatores de maior e melhor visibilidade (Img.81).

Todavia, a elevação do presbitério, pela inclinação do espaço de assembleia, faz com que o mesmo não se apresente demasiado imponente sobre a assembleia – apenas se notando esta situação nas primeiras filas – o que proporciona facilidade visual de todas as áreas da assembleia, como se a celebração se realizasse num anfiteatro. Aproxima as pessoas em celebração e incentiva a uma participação mais ativa. Estas opções ajudam a apreender uma clara intenção de criar uma interligação entre o terreno e o divino.

Além da presença do altar (mesa Eucarística) no patamar mais alto do presbitério, podemos também observar a presença do ambão (mesa da Palavra), da cadeira da Presidência e por cima





82. Vista geral do presbitério
83. Iluminação zenital do presbitério

desta, fixado na parede, a representação de Cristo crucificado. Nas áreas laterais podemos identificar do lado direito, num degrau mais abaixo, a pia batismal; do lado esquerdo, também um degrau abaixo, uma área onde se localiza a credência, próximo da antiga capela-mor e do antigo presbitério (Img.82). Esta zona foi projetada pelo arquiteto José Carlos Loureiro para albergar a cadeira da Presidência, o que não se veio a concretizar.

A nova localização do presbitério fez com que o mesmo se desenvolvesse até à fronteira com a capela-mor, distinguindo-se dela pela sua elevação, pelos materiais, pelos seus pés-direitos e pela barreira física que as paredes existentes que os separavam ainda apresentam. Nelas, agora orientadas ao presbitério, mantiveram-se os dois nichos com altares secundários – um de cada lado – onde apenas se colocaram duas imagens que transitaram do antigo espaço, enriquecendo o novo espaço com memórias físicas e visíveis da comunidade.

Com o fato do pavimento da assembleia se desenvolver num plano inclinado, que desce desde a entrada e culmina no presbitério, e com a cobertura numa inclinação oposta, o presbitério implanta-se numa área onde o pé-direito é mais elevado, permitindo criar no crente uma sensação de transcendentalidade, de grandiosidade do presbitério, que abraça em si todos os elementos da celebração cristã, com foco central no seu altar – mesa da refeição eucarística.

> *"É curioso perceber que se manteve um telhado de duas águas sobre a largura e comprimento que identificam aquilo que era o espaço original."* (Marques, 2013, p.38).

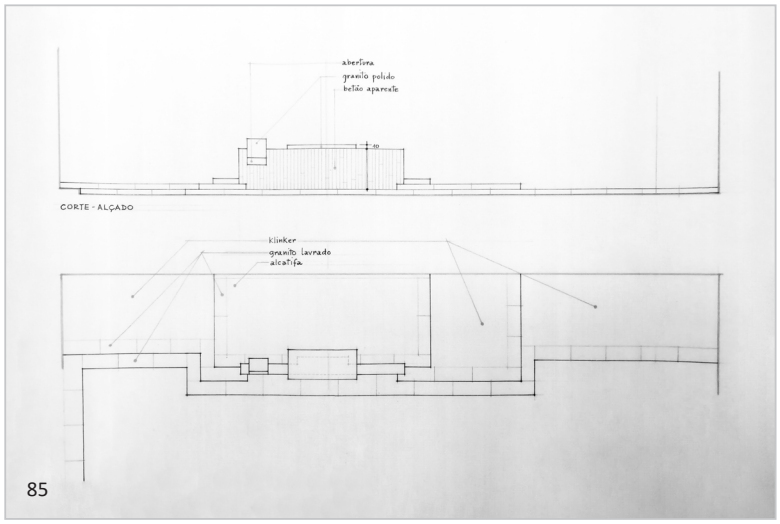
A iluminação do presbitério foi projetada com o intuito de fazer sobressair o altar como elemento principal da ação litúrgica. Observamos a coexistência de iluminação natural e artificial (os mesmos projetores quadrangulares salientes do teto, também utilizados nos restantes espaços), embora a segunda sirva apenas de complemento à primeira. Foi criada uma claraboia, na cobertura da antiga nave, na projeção do altar, com dimensões semelhantes a ele. Aproveitando a inclinação das duas águas do telhado existente e através de diversos planos paralelos a elas, a claraboia incide diretamente sobre o altar, reforçando a sua importância (Img.83).

A claraboia foi o único vão criado em 1973 com o objetivo de iluminar o presbitério, embora este usufrua também da antiga entrada de luz que ilumina o espaço do coro, anteriormente referida. Pela análise da transformação, observa-se que foram encerrados interiormente, dois vãos que se localizavam na atual parede de fundo do presbitério. O seu encerramento pode ser justificado pela intenção de iluminar especificamente a zona do altar; para não criar um efeito de contraluz para a assembleia que agora se vira a essa parede; e para controlo na entrada de luz, transmitindo a todo o espaço um caráter mais acolhedor.

> *"(…) todas as aberturas (retangulares e de grandes dimensões) que iluminavam o corpo da igreja deste lado Sul (…) foram entaipadas e a luz interior resulta agora de uma claraboia."* (Marques, 2013, p.37).



84



85



86

84. Materialidade do pavimento no presbitério
85. Planta/Corte-Alçado do presbitério
86. Vista frontal do novo altar

A composição material do pavimento do presbitério acompanha a distinção altimétrica realizada, reforçando a hierarquia dos mesmos e adaptando-se à sua função (Img.84). O espaço mais elevado que alberga o altar, o ambão e a cadeira da Presidência foi executado em granito cinzento. O anterior presbitério, que se manteve inalterado na capela-mor, era também materializado em granito, observando-se uma solução onde o respeito pelo antigo prevalece e onde a permanência de um material identitário da reforça a memória comunitária da antiga igreja. Os dois espaços laterais desenvolvem-se à mesma cota e apresentam a mesma solução material: azulejo cerâmico retangular de cor castanha (mesmo material que o utilizado na nova e na antiga entrada principal).

Ao contrário do que analisamos em Sever do Vouga, onde o espaço presbiteral foi preenchido com elementos da obra antiga, em Valbom, todos os elementos que preenchem o presbitério foram pensados e construídos de raiz (Img.85). Apesar das diferenças, ambas as intervenções aproximam os ministros celebrantes dos fiéis, incentivando-os a uma maior participação. Todos os elementos celebrativos encontram-se hierarquizados no presbitério – em escala, localização e elevação – dando resposta às diretrizes conciliares, sempre presentes no espírito de quem tem a incumbência de projetar o espaço religioso.

Numa opção arquitetónica que segue a mesma intenção da que observamos em Sever do Vouga, o **altar** assume uma posição central na ampliada igreja, tanto física como visualmente, reforçando a sua função primordial na ação litúrgica. Com a radical mudança que a intervenção de 1973 realizou, o altar principal transita para o novo presbitério, no seu limite mais próximo da assembleia, centralizado no espaço (Img.86).

> *"A orientação da igreja e o seu foco de atenção foram alterados no decorrer do alargamento do espaço, colocando-se então um novo altar – elevado sobre degraus de granito – ao centro da parede Sul (…)"* (Marques, 2013, p.41).

Este novo posicionamento permite responder aos requisitos conciliares para as novas localizações dos altares principais e, de fato, observamos que a implantação anterior do altar-mor se desenvolvia no pequeno presbitério que se apresentava ao fundo da capela-mor. Este pequeno presbitério albergava todos os elementos das celebrações com exceção da pia batismal, o que tornava a mobilidade dentro dele limitada, e a presença de mais do que um ministro celebrante na sua área quase impossível. Apesar das reduzidas dimensões, o altar não pertencia ao retábulo que delimitava a capela-mor, permitindo já, uma celebração de frente para a assembleia no pequeno espaço existente entre eles.

O novo paradigma permite, também, celebrar de frente para a assembleia e a configuração da nave, bastante larga, permite que a visibilidade entre celebrante e fiéis seja melhorada, o que chama as pessoas à comunhão celebrativa.

Sólido e de linhas simples, contrasta na forma e nos materiais com o antigo, numa distinção entre antigo e novo, reforçando o impacto da intervenção. Tal sucede, porque o antigo altar







87. Vista frontal do altar existente na antiga capela-mor
88. Vista lateral do altar
89. Ambão no mesmo conjunto estrutural do altar

principal da capela-mor foi mantido e, à luz das diretrizes do Vaticano II, não pode existir mais que um altar principal. Assim, a distinção total entre os dois, possibilita entender o novo como principal e o antigo como secundário.

O antigo altar materializa-se em madeira pintada a branco com pormenores em talha dourada de motivos florais (Img.87). O novo consiste numa pedra natural de granito preto assente sobre uma base em betão aparente com cofragem em ripas de madeira verticais (Img.88), materiais dignos, como solicitou o Concílio, e com repetida utilização noutros locais e elementos da igreja – estruturais e não estruturais. Fruto da sua forma baixa e delgada, assistimos ao aumento da sensação de horizontalidade que o próprio presbitério já tentava transmitir as pessoas, não se impondo desproporcionalmente no espaço e aproximando a função divina que nele se desempenha dos fiéis terrenos.

Como já dissemos, a localização do altar na parte mais avançada do presbitério, além de se aproximar do espaço de assembleia, resolve outro problema detetado na obra antiga. Obtém-se um espaço entre altar e a parede de fundo bastante relevante, possibilitando a presença de mais pessoas no presbitério e permite que a mobilidade dentro dele seja mais fluída, não desfocando os fiéis do altar e da ação litúrgica.

Dois nichos permaneceram nas paredes que dividem o novo presbitério da antiga capela-mor. Nesses nichos pode ser praticado um culto individual pelos fiéis, uma vez que funcionam como pequenos altares secundários. Não colidem com a importância do altar principal pois as suas formas e dimensões são totalmente distintas, onde apenas o novo altar se assemelha a uma mesa para a refeição.

Ao contrário do que veremos nas restantes análises, em Valbom observamos uma solução diferente e que poderia diminuir a importância maior do altar principal. A base de betão onde assenta a mesa do altar foi prolongada no limite do presbitério e serve, de igual forma, de suporte ao **ambão**. Este prolongamento acontece à esquerda do altar, no sentido de dar a mesma base a estes dois elementos (Img.89). A primeira parte das celebrações cristãs encontra-se orientada ao rito da palavra, que se proclama do ambão e para o qual o Concílio solicita uma conversão momentânea da atenção dos fiéis. Nesta opção inovadora, o ambão, principal elemento da primeira parte da celebração cristã, funde-se física e materialmente com o altar, que responde aos restantes períodos celebrativos, sobretudo na segunda parte onde se desenrola o rito eucarístico.

> *"O novo altar e ambão em granito polido, bem como as soleiras em granito brunido foram encomendadas à casa de cantarias e granitos polidos Manuel Pinto de Lima (…)"* (Marques, 2013, p.41).

Os materiais utilizados são os mesmos do altar (base de suporte em betão aparente e ambão realizado em pedra natural de granito preto), reforçando a unidade material da igreja, mas também, uma unidade simbólica: as mesmas fundações que sustentam a ação litúrgica da palavra e a ação eucarística. Apenas os distinguimos pelas suas formas, devidamente adequadas às funções que neles se praticam, e por uma pequena variação da base de betão. O altar consiste numa









90. Pormenor da pedra do ambão
91. Antigo retábulo com pintura da representação de Cristo
92. Nova representação de Cristo
93. Vãos exteriores encerrados interiormente

pedra retangular em forma de tampo, pousado delicadamente sobre a base; o ambão recorta o suporte de betão, sendo sustentado por ele apenas nas faces laterais do sólido revestido em granito. O sólido apresenta uma forma de prisma trapezoidal, que o distingue do altar e separa visualmente os momentos neles realizados (Img.90).

Constatamos uma clara diferença entre a situação de Sever do Vouga e de Valbom, nomeadamente no lado do altar onde podemos encontrar o ambão, no alinhamento dos dois elementos (em Sever do Vouga o ambão encontra-se mais à frente do altar), na solidez e perenidade com que se apresentam a nível material e estrutural e, por fim, na localização altimétrica das duas situações: em Valbom, o ambão encontra-se no mesmo patamar do altar, que é a área mais elevada do presbitério, e em Sever do Vouga observamos que se localiza num degrau abaixo do patamar do altar.

Podemos afirmar que a nova disposição do ambão responde de melhor forma em Valbom do que em Sever do Vouga. Vemos aproximação física à assembleia, sobriedade nas formas e nos materiais utilizados, unidade material com os restantes elementos e a criação de uma unidade simbólica com o altar para os rituais cristãos. Poderia, como referimos no início, sobressair ao altar, mas em virtude da sua implantação descentralizada no presbitério e em toda a nova nave, hierarquiza-se perante ele conforme os desígnios conciliares, preservando o foco central no altar.

Como é normal, tanto na pré-existência como na nova configuração, a **representação de Cristo** e a **cadeira da Presidência** encontram-se presentes no presbitério, acompanhando a criação da nova área presbiteral e ganhando maior fluidez espacial e melhor hierarquia nas suas localizações e configurações.

Ao contrário do que se constatou em Sever do Vouga, em Valbom não existia, na antiga capela-mor, a cruz de Cristo crucificado. A sua representação era realizada por uma pintura de Jesus no meio das ovelhas (a figura do Bom Pastor cuidando das ovelhas, da comunidade que ali se apresenta) que se encontrava incluída no retábulo existente (Img.91). Em consequência da manutenção do retábulo e da organização espacial da capela-mor, também esta representação de Cristo foi mantida.

Com o nascimento de um novo presbitério foi, então, modificada a configuração da representação de Cristo. Observa-se agora em Valbom a tradicional cruz em madeira, onde Jesus se apresenta aos fiéis crucificado, elevada e suspensa na parede que delimita o presbitério e que funciona como fundo cénico para a assembleia. A tonalidade escura da madeira em que se materializa, contrasta com a clara e homogénea parede branca onde se encontra suspensa, assinalando o mais forte anúncio cristão: a cruz da morte em contraste com o branco da ressurreição (Img.92).

Essa parede que o recebe, oriunda da antiga igreja, sofreu, contudo, uma pequena alteração. Como já antes referimos, existiam dois vãos nesta parede da anterior nave (Img.93). Com a nova orientação, a entrada de luz e o fato de se encontrarem virados a sul, poderiam conflituar com a nova posição do altar e orientação das celebrações. Para não acontecer uma situação de contraluz, o arquiteto encerra, pelo interior, esses vãos. Exteriormente, mantém a linguagem arqui-


94


95

94. Conjunto representação de Cristo/cadeira da Presidência
95. Cadeira da Presidência

tetónica da antiga obra, e interiormente torna este plano vertical homogéneo e sem obstáculos que desviem a atenção dos elementos presbiterais, tendo apenas o foco na referida representação de Cristo (Img.94).

A cruz acentua a centralidade do altar no espaço. Apesar disso, distancia-se em forma e matéria dos restantes elementos do presbitério e da sua anterior configuração, realçando-se na parede de fundo da igreja, e obtendo uma atenção proporcional ao seu significado.

Por sua vez, a cadeira da Presidência foi inicialmente projetada pelo arquiteto J. Carlos Loureiro para se localizar dentro do presbitério, numa cota intermédia, à esquerda do altar e do ambão. Contudo, neste local, encontramos agora a credência, e a cadeira da Presidência encontra-se por trás do altar e por baixo da representação de Cristo.

Esta localização permite reforçar o eixo central da igreja, situando mais um elemento nesse alinhamento, embora relativamente às indicações conciliares se configure num desvio. Na orientação visual dos fiéis o altar encontra-se à sua frente, obstruindo a visão da cadeira e de alguns momentos celebrativos que nela se realizam. Numa tentativa de resolução deste problema não constante do projeto inicial da intervenção de 1973, foi criado um pequeno patamar por baixo da representação de Cristo, onde colocaram a cadeira do ministro celebrante, elevando-a ligeiramente por detrás do altar.

Podemos afirmar que a solução de implantação deste elemento, apresentada em 1973 mas não realizada, permitiria pela sua deslocação lateral no presbitério, uma interação com os fiéis sem qualquer tipo de barreira física ou visual, aproximando-se mais da comunidade.

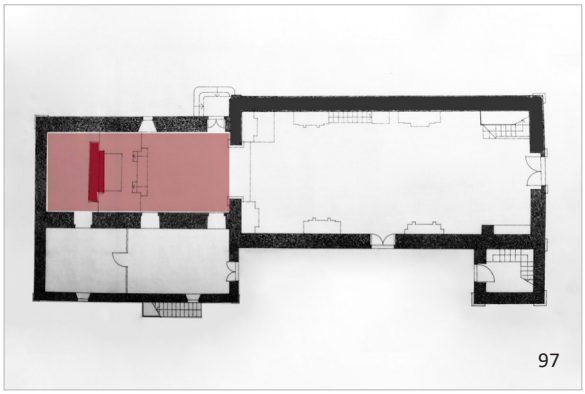
Materialmente realizada em madeira de tom escuro, à semelhança da cruz que se encontra sobre ela, transmite um caráter digno e sóbrio, aumentando a sensação de habitação que observamos noutros elementos deste edifício. Não sendo dominadora, a sua forma assemelha-se a um trono ladeado por cadeiras mais pequenas. A moderação da sua forma e dimensão, aliada ao seu material, tornam-na adaptada à função que desempenha em cada celebração cristã (Img.95).

As principais diferenças no novo ambiente interior da igreja centram-se no fato de, anteriormente, nos depararmos com um espaço presbiteral reduzido. A cadeira da Presidência encontrava-se isolada e existia uma visível dificuldade de movimentos nesse espaço, tornando impossível a adição de mais elementos. Apesar de não podermos afirmar que responde às indicações conciliares, assistimos, com a intervenção de 1973, ao aumento de equilíbrio espacial e a uma interação melhorada da cadeira da Presidência com a representação de Cristo, com os demais elementos presbiterais, e com os restantes espaços interiores, obtendo uma boa relação com a assembleia comunitária.

Um dos poucos elementos que, apesar da transformação realizada, manteve a forma e localização originais, foi a **Capela do Santíssimo/Sacrário**. Contudo, a mobilidade no seu interior e a ligação com os espaços envolventes obtiveram novas dinâmicas e variadas possibilidades.

"A capela-mor original ficou reservada ao Santíssimo Sacramento." (Marques, 2013, p.42).


96


97


98

96. Sacrário da antiga e nova configuração litúrgica
97. Planta da igreja primitiva: capela-mor
98. Ligação da Capela do Santíssimo/presbitério/assembleia

O que antes, embutido no retábulo, culminava o percurso desde a entrada principal, agora localiza-se num espaço reservado, mais sagrado, se quisermos, sem imediata intromissão visual por parte da assembleia de crentes (Img.96). Deixa de ser o prolongamento da nave de assembleia para se transformar no prolongamento lateral do novo presbitério, mantendo as condicionantes que já se observavam entre estes espaços: os degraus e a passagem sob o arco de volta perfeita que já realizava a transição para a capela-mor, ajudando a hierarquizar os espaços.

A antiga igreja, tradicionalista, apresentava o Sacrário embutido num retábulo, por detrás do altar, tornando-se mais um elemento do pequeno presbitério existente (Img.97). A ampliação resolve este aparente problema, mas, sobretudo, faz com que a Capela do Santíssimo ganhe uma nova projeção e amplitude espacial, proporcione melhores movimentações entre espaços e novas dinâmicas adequadas à lotação que cada celebração preenche.

Durante os dias de semana, as celebrações apresentam uma menor participação de fiéis e, adequando-se espacialmente à lotação dessas celebrações semanais, a Capela do Santíssimo permite que nela se realizem os respetivos ritos litúrgicos. Para que tal fosse possível, foi importante a manutenção do antigo presbitério a que anteriormente aludimos. Outra situação que permite confirmar esta opcional dinâmica celebrativa consiste na orientação dos bancos (também eles provenientes da antiga igreja) que se encontram virados para o antigo presbitério.

A interação entre assembleia e Capela do Santíssimo/Sacrário adquire, portanto, uma diferença radical com a intervenção de 1973. Como vimos, antes era o prolongamento do eixo principal e, a par do altar e da representação de Cristo, obtinha toda a centralidade visual. Agora, encontra-se ao fundo de um espaço lateralizado, sem vincada relação visual com a assembleia, parecendo perder relevância simbólica, embora não deixando de ser um espaço sagrado culminante (o Sacrário é o tabernáculo que guarda o Pão consagrado/Corpo de Cristo) (Img.98).

Em suma, houve uma melhoria neste espaço e na relação com a disposição funcional da igreja, adequando-o a novas e diversas funções. Espaçaram-se as diversas áreas celebrativas e os elementos do presbitério (que se encontravam sobrepostos), ao mesmo tempo que se hierarquizaram os espaços. A grande mudança prende-se com o significado singelo do sacrário enquanto elemento presbiteral, quando comparado com a nova situação criada. Antes, encontrava-se integrado no retábulo da antiga capela-mor. Com a reorganização espacial, podemos observar que, agora, passou a localizar-se na Capela do Santíssimo, assumindo novo significado.

Regressando ao presbitério podemos observar mais uma mudança significativa que a intervenção de 1973 promoveu. À direita do altar, numa elevação intermédia entre o patamar mais elevado do presbitério e o espaço de assembleia, encontramos a **pia batismal**. O Batismo e a Eucaristia são dois sacramentos fundantes da vida cristã.

Existem três modelos históricos adotados na localização do batistério: separado da igreja; integrado no seu espaço litúrgico; ou ainda num espaço distinto embora não separado.







99. Localização da antiga pia batismal
100. Antiga pia batismal
101. Antiga entrada principal da igreja

> *"(…) modelo do batistério separado do corpo da igreja, uma vez que recupera a prática da era patrística em países como Itália e França. Nesta tipologia de batistério, destaca-se a ideia do Batismo como caminhada de entrada na Igreja, ideia essa que deu origem, em certos casos, ao transporte da própria fonte para uma capela separada e arquitetonicamente distinta, anexada ao edifício principal ou então a uma das naves."* (Machado, 2021, p.87).

> *"Em oposição ao modelo anterior (…) é-nos frequente encontrar a localização/construção da fonte batismal dentro da área arquitetónica das novas igrejas (…) Esta perspetiva de colocar o batistério perto do altar, ou mesmo no próprio presbitério, pode ser justificada com razões pastorais, teológicas e bíblicas."* (Machado, 2021, p.87).

> *"Por fim, esta tipologia de batistério possui uma estrutura 'sui generis', isto é, profundamente distinta da arquitetura exterior do edifício onde está enquadrada. Nesta linha, o que a diferencia do anterior modelo é o seu especial destacamento em relação à igreja (…)"* (Machado, 2021, p.88).

À semelhança dos restantes elementos que se encontram no novo presbitério, a pia batismal segue a mesma lógica de nova implantação, enquadrando-se no segundo modelo antes apresentado, respondendo às diretivas conciliares de centralização das ações litúrgicas no presbitério. A antiga pia batismal foi mantida no local original, demonstrando o respeito que a transformação teve pela obra antiga e mantendo viva a memória comunitária e a história arquitetónica do antigo templo (Img.99/100).

Podemos encontrar a antiga pia num local comum a muitas outras igrejas paroquiais, à entrada da igreja, com significado associado à ideia do batismo como sacramento inicial e fundamental para que se pudesse entrar na casa de Deus. Como referimos anteriormente, o Concílio Vaticano II veio desmistificar esta posição e opção projetiva, podendo-se afirmar que o arquiteto, na alteração deste elemento, foi de encontro a essas diretivas.

A antiga localização, oposta ao anterior presbitério, sombria pela presença do espaço do coro sobre si e limitada a um nicho pequeno na parede lateral esquerda da antiga nave, retirava a importância devida ao primeiro dos sete sacramentos da Igreja Católica. A nova configuração e localização, concede-lhe maior destaque na sua forma, maior liberdade de movimentos à sua volta, possibilidade de maior número de intervenientes junto dela e uma forte presença na nave da igreja encontrando-se visível em toda e qualquer celebração da vida comunitária.

A mudança da pia batismal para o presbitério, proporciona uma abertura da área próxima à antiga entrada principal, concedendo-lhe um caráter de extensão de espaço de assembleia, por baixo do coro que interrompia o pé-direito da antiga nave, aumentando a capacidade que a nova nave apresenta (Img.101). Podemos encontrar assim, no novo presbitério, todos os elementos com função e significado nas celebrações cristãs, sendo a Capela do Santíssimo a exceção, embora funcione como prolongamento do espaço presbiteral. Esta reunião de meios de culto e rituais apenas funciona pela ampla área que foi projetada para o presbitério e pela hierarquia altimétrica nele verificada. Aumenta a facilidade de movimentos durante os momentos celebrativos, provocando uma participação mais natural dos fiéis e, por consequência, mais ativa ou atenta.





102. Vista frontal da nova pia e área batismal
103. Nova pia batismal

Apesar de a pia se posicionar próximo dos outros elementos, existe uma simples e clara distinção entre eles (denotando a preocupação do arquiteto em hierarquizá-los e sempre relevando o altar): todos se encontram em diferentes cotas altimétricas e possuem um generoso afastamento entre eles.

O patamar do presbitério onde se encontra a pia batismal, apenas um degrau abaixo do altar, é assumido como uma área estritamente ligada ao rito do batismo, permitindo que em caso de celebração deste sacramento, exista fluidez de movimentos proporcional ao número de fiéis que possam nele estar presentes. Esta elevação em relação ao pavimento da assembleia possibilita à comunidade melhor visibilidade e direta participação na celebração batismal. Até do espaço do coro se consegue, agora, ver e participar de forma mais intensa no rito, ajudando a melhor celebrá-lo.

A pia batismal usufrui do imponente pé-direito que acompanha todo o perímetro do presbitério (Img.102). Não se sobrepõe ao altar, pois encontra-se descentrada no presbitério e numa cota inferior. A sua localização proporciona uma simetria geométrica no presbitério que aumenta a centralidade do altar, e reforça a unidade espacial e visual que a nova igreja pretende provocar nos fiéis. Outra opção projetual que ajuda a distinguir e hierarquizar os elementos presbiterais é a diferença de pavimentos das suas áreas. Observamos que a pavimentação da área onde nasce a pia batismal é diferente da área do altar e da assembleia, apresentando uma pavimentação em azulejo cerâmico castanho, de tom escuro. Este material prolonga-se até à antiga entrada principal, onde se encontrava a antiga pia, num movimento de ligação e de transição entre o antigo e o novo.

A pia batismal foi construída de raiz, fruto da degradação e desproporcionalidade que a sua antecessora apresentava no novo e ampliado espaço. Apresenta formas geométricas simples e lineares, apoiando-se nas solicitações conciliares. A pia propriamente dita, consiste num prisma quadrangular em granito preto perfurado por um relevo circular esferoidal, apoiada sobre uma base de betão aparente fixada ao pavimento, afirmando a importância deste elemento no conjunto presbiteral (Img.103).

A nível material a pia batismal segue a mesma linguagem do altar e do ambão, apenas se distinguindo destes pela sua função. Apesar de separados, apresentam uma clara intenção de unidade material, aproximando-os e unindo-os como elementos de uma só celebração ou de uma só fé.

Em conformidade com o altar, o ambão e os restantes elementos que compõem o presbitério, a pia batismal usufrui também do mesmo tratamento de luz. A luz que ilumina a pia batismal incide sobretudo sobre o altar, realçando-o e dando-lhe maior primazia. Contudo, esta entrada de luz zenital, pela sua dimensão, possibilita iluminar a área da pia batismal de forma apropriada à realização do ritual do batismo. Quando, por questões de falta de luz natural, o espaço interior se torne escuro, poderá recorrer-se à solução de iluminação artificial. Constata-se que não existe qualquer intenção projetual de realce luminoso da pia batismal, percebendo-se a opção de centrar a incidência de luz sobre o altar.







104. Acesso à sacristia e salas auxiliares
105. Imagens existentes que transitaram da antiga organização espacial
106. Imagem reposicionada na nova parede do espaço de assembleia

Apesar de não existir nenhuma indicação conciliar sobre a localização exata da pia batismal, é assumida a importância dela se inserir no campo visual da comunidade pois pretende-se que o Batismo assuma um caráter de celebração comunitária, com a envolvência da maior assembleia possível. Em Valbom, as alterações que a intervenção de 1973 introduziu na pia batismal, na sua localização e no seu funcionamento, conseguem responder de forma positiva às novas pretensões, passando este elemento a encontrar-se presente e visível em toda a igreja e em todas as celebrações.

O **espaço de reconciliação/confessionário**, ao contrário do que reconhecemos em Sever do Vouga e do que sucederá em Figueiredo, não foi pensado para se localizar num espaço específico e delimitado, onde de forma intimista e acolhedora se pretende renovar o espírito dos fiéis através do sacramento da Reconciliação.

A administração deste sacramento pode realizar-se em espaços abertos como o espaço de assembleia ou o presbitério. Assume-se, também, que a sua realização possa ser efetuada em espaços e áreas adjacentes ao espaço litúrgico como a sacristia e as salas auxiliares que se encontram acopladas à parede lateral norte da antiga capela-mor (Img.104).[13]

A inclusão no espaço litúrgico aberto, propicia um ambiente menos íntimo e reconfortante, mais exposto, o que pode provocar nos fiéis uma atitude de retraimento à concretização deste sacramento. Dever-se-ia, até pelas indicações conciliares, procurar que tal não sucedesse e evitar a pouca participação que este sacramento apresenta nos tempos atuais.

Toda a transformação de 1973 procurou acentuar a importância do presbitério e a interação deste com a assembleia, sobretudo no elemento do altar, pedra do sacrifício e da Eucaristia, centro de toda a vivência cristã. À exceção da implementação da representação de Cristo, na parede posterior ao altar, todas as **imagens** e **ornamentação** existentes transitaram da obra antiga. Fruto do limitado espaço que anteriormente se observava, a presença de imagens e ornamentos era reduzida, em locais específicos e dimensionadas proporcionalmente ao espaço.

A ampliação da igreja respeitou essa presença e trouxe para a nova organização espacial as imagens e ornamentos já existentes, elementos com papel fundamental na história e na tradição comunitária dos paroquianos de Valbom. Além disso, respondeu ao requisito conciliar de comedimento quantitativo e ornamental, sob pena de desviar a atenção dos fiéis do essencial.

Além do retábulo existente na antiga capela-mor e com uma carga ornamental muito vincada, observamos a presença de imagens de santos nos dois nichos embutidos na parede que realiza a transição espacial entre o novo presbitério e a nova Capela do Santíssimo (Img.105). Podemos ainda constatar a existência de uma outra imagem a meio do espaço de assembleia, por cima das escadas de acesso ao coro (Img.106).

[13] O espaço que nos parece mais adequado para a reconciliação dos crentes é a Capela do Santíssimo. Não fechado e intimista, mas proporcionando alguma privacidade e recolhimento que o espaço de assembleia e o presbitério não possuem.



107. Vista geral aérea

> *"(…) deve-se chamar a atenção para a nova amplitude e contemporaneidade do espaço e ao mesmo tempo tentar simular no imaginário dos visitantes o espaçamento primitivo."* (Marques, 2013, p.63).

Em síntese, a igreja paroquial de Valbom transformou-se num edifício proporcional à sua comunidade em dimensão e significado. Foi alvo de alterações profundas. Entre as mais relevantes observamos a demolição da antiga parede lateral da nave de assembleia que permitiu uma franca ampliação do espaço e da lotação da igreja, a rotação para norte da orientação celebrativa, virando a entrada principal para a cidade, e a relocalização do presbitério onde antes se situava a assembleia, ganhando dimensão e possibilitando novas e melhores circulações na sua área. Todos os principais elementos que permitem a realização dos vários sacramentos católicos cristãos foram projetados de raiz, adaptando-os proporcionalmente ao novo espaço, existindo, contudo, a preocupação do arquiteto José Carlos Loureiro em manter aqueles que não colidiam com a renovação e pertenciam à identidade do templo.

As intenções da intervenção de 1973 modificaram uma pequena igreja que não respondia às necessidades comunitárias, criando um espaço amplo e livre de barreiras físicas que prejudicariam a celebração eucarística, respeitador da história e tradição, onde coabitam o novo e o antigo, ajustando-se maioritariamente às pretensões afirmadas pelo Concílio Vaticano II (Img.107).

Igreja Paroquial de Figueiredo, Braga



108. Situação geográfica da igreja paroquial de Figueiredo
Prémio "Madeira na arquitectura", promovido pela AIMMP, 2005, com o restauro e recuperação da Igreja de S. Salvador de Figueiredo

"(...) selecionamos (…) a Igreja Paroquial de São Salvador de Figueiredo, do arquiteto português Paulo Providência, uma vez que a sua obra arquitetónica, realizada no Convento Dominicano de São Domingos, em Lisboa, nos suscitou um enorme interesse (…) no que diz respeito à intervenção arquitetónica e à construção de um espaço litúrgico na contemporaneidade."

(Machado, 2021, p.89)

Enquadramento

A igreja paroquial de Figueiredo localiza-se numa colina dominante sobre o vale de Veiga de Penso, a sul de Braga, concelho onde se encontram 86 igrejas espalhadas pelas suas 37 freguesias: *"A ocupação da colina com casas rurais do final do século XVIII, como aliás a própria fachada da igreja e sua torre sineira, conferem um particular carácter cenográfico ao conjunto."* (OA, 2006). Relativamente aos restantes casos de estudo observa-se uma situação geográfica distinta, não existindo proximidade com nenhum elemento hidrográfico natural

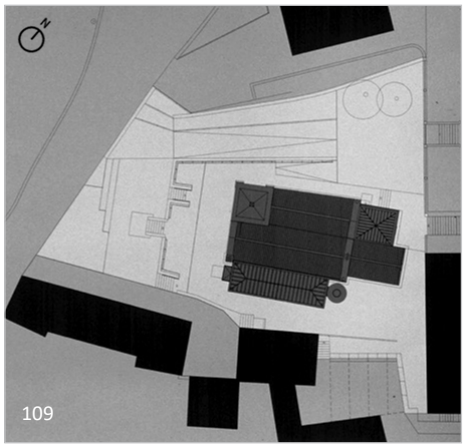
Quando falamos da igreja de Figueiredo, é imperativo compreender o contexto físico e social em que o edifício se insere, bem como as suas particularidades construtivas. Tratava-se de uma pequena igreja nascida a partir de uma outra, construída no final do século XIII, tendo sofrido alterações no século XVII, através de uma renovação que lhe conferiu a fachada barroca e duas naves. A degradação da igreja e a exiguidade do seu espaço criaram a necessidade de uma intervenção para a sua qualificação e ampliação. Na intervenção, da autoria do arquiteto Paulo Providência, optou-se por erguer uma terceira nave que conferiu ao espaço um equilíbrio que não possuía, tendo ficado concluída em 2004, compreendendo ainda a reabilitação da antiga igreja e o arranjo dos espaços exteriores que envolvem este templo.

> *"Por outras palavras, como afirma também o pároco, numa breve explicação do local: 'a intervenção na dita igreja deveu-se especialmente à sua completa degradação (…) pensou-se fazer uma ampliação, pelo simples facto de a igreja ser relativamente pequena, levando a que ficasse completamente desaparecida do olhar dos crentes e descentralizada da própria paróquia e freguesia. Ampliação essa que ganhou outro sentido quando se pensou remodelar o herdado espaço litúrgico, esse que pedia uma nova harmonização do local, há muitos anos'."* (Machado, 2021, p.89).

O enquadramento urbano da igreja carateriza-se pela posição isolada no contexto rural (Img.108). A implantação da igreja, realizou-se numa pequena elevação a meia encosta, permitindo um olhar privilegiado sobre a paisagem e sobre a freguesia que se desenvolve na parte baixa da encosta. Pode ser reconhecida à distância pelo fato de se situar numa rota de peregrinação de excelência: num dos troços do caminho português de Santiago, que é percorrido por milhares de peregrinos, passando adjacente a Figueiredo, vindo de Vila Nova de Famalicão, entrando em Braga pela porta de S. Tiago e dirigindo-se para norte em direção a Santiago de Compostela.

A norte é delimitada pelo cemitério paroquial e pela capela mortuária, abrindo-se a fachada principal a poente (à semelhança da igreja paroquial de Sever do Vouga e do volume da primitiva igreja paroquial de Valbom) para uma escadaria. A sul, encontra-se um pequeno aglomerado habitacional e a nascente a casa paroquial, limitando a vista da igreja sobre a freguesia e da freguesia para a igreja.

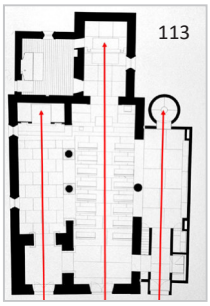
O acesso à igreja de Figueiredo realiza-se por uma rua fronteira ao adro, destinada a dar resposta às necessidades de um meio rural. A distância existente da rua à igreja é proporcional















109. Planta geral de implantação da intervenção de 2004
110. Acesso à igreja
111. Vista afastada da igreja
112. Adro e fachada principal da igreja
113. Percursos de transição exterior/interior
114. Santuário de São Bento da Porta Aberta: Rio Caldo, Terras de Bouro, Braga
115. Capela de Notre-Dame-du-Haut: Ronchamp, França

às necessidades da obra (Img.109/110). O corpo da nova ampliação configura-se num volume tronco-cónico que reforça a presença da igreja na encosta, chamando a atenção e aproximação quer aos paroquianos quer aos peregrinos que, de passagem, se dirigem para Santiago de Compostela (Img.111).

Exterior

> *"O arranjo da envolvente, consolidando o adro de granito e integrando a escada, reforça as estruturas espaciais definidas pela fachada da igreja e pela casa e muro vizinhos."* (OA, 2006).

O acesso à igreja de Figueiredo efetua-se por um arruamento pavimentado em cubo de granito, que reforça o seu aspeto rural. A igreja eleva-se em relação à via, acedendo-se a ela através de três lances de escadas (Img.112). Todo o espaço exterior foi renovado, melhorando o aspeto visual da envolvente. Foi criado um patamar que realiza a transição da rua à cota superior do adro. Tal sucedeu pelo estacionamento automóvel que lotava o espaço. O arranjo exterior realça o corpo da igreja e confere-lhe maior dignidade.

A aproximação à entrada principal da igreja realiza-se através das escadarias atrás referidas. A escadaria central foi refeita à imagem da que anteriormente existia, pelo seu valor histórico, alinhada com a porta principal da Igreja. As duas escadarias laterais foram construídas de raiz e alinhadas para as duas portas laterais. Se prolongarmos estes três eixos até ao interior da igreja obtemos três percursos que encaminham a comunidade a três espaços de celebração (Img.113). Outros motivos podem explicar a existência de várias escadarias. Como demos conta, é uma igreja situada ao largo do caminho peregrino para Santiago de Compostela. Uma das práticas dos peregrinos na aproximação a um templo cristão é deambular em seu redor. Neste caso é possível realizá-lo subindo e descendo por qualquer uma das três escadarias. Podemos observar exemplos que apresentam idênticas qualidades na sua envolvente: o santuário de S. Bento da Porta Aberta (Rio Caldo, Terras de Bouro, Braga – 1880-1895) no parque nacional da Peneda-Gerês (Img.114) e na Capela de Notre-Dame du Haut (Ronchamp, França – 1950-1955), projetada por Le Corbusier (Img.115).

À semelhança da igreja de Sever do Vouga, a torre sineira eleva-se à esquerda da fachada com cunhais de granito e paredes rebocadas em cor branca. Se em Sever do Vouga a torre é dividida por um friso de granito, em Figueiredo é dividida por dois: na parte inferior, a existência de uma porta distingue-a das restantes; a meio, ao invés da presença de dois vãos retangulares apenas um se observa; na parte superior as diferenças não são tão visíveis pois, apesar de nas duas obras existir uma ventana, a de Figueiredo apresenta-se com um arco de volta perfeita, enquanto que a de Sever do Vouga, possui um arco ligeiramente abatido. A torre é rematada no topo por uma pirâmide romboidal, proporcional a todo o conjunto.









116. Atual fachada principal
117. Antiga fachada principal
118. Novo volume da Igreja
119. Volume tronco-cónico em betão: batistério

A parte central da fachada principal possui a mesma linguagem construtiva da torre sineira (Img.116). Apresenta a porta de entrada para a nave central da igreja, encimada por um frontão, possuindo a nave um telhado de duas águas. A torre e zona central da fachada, perfazem a pré-existência da igreja, não tendo sido alteradas na intervenção exterior de 2004 (Img.117).

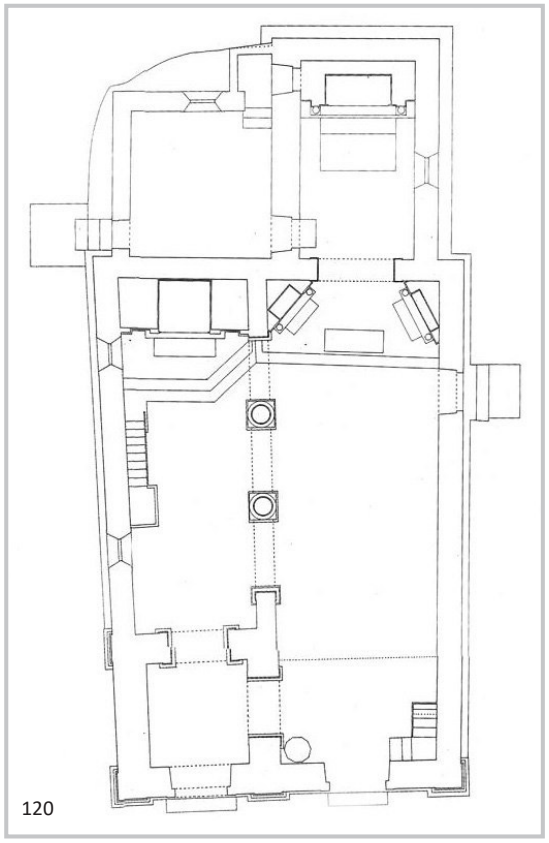
> *"(...) a intervenção (…) procurou integrar-se com precisão no território que acolhe todo o conjunto e traçado pré-existente, respeitando, nomeadamente, as medidas e proporções do já construído e assegurando a interação com a paisagem local sem, contudo, deixar claro que se trata de uma obra contemporânea altamente arrojada e sublime, com uma nova nave acoplada à estrutura pré-existente."* (Machado, 2021, p.99).

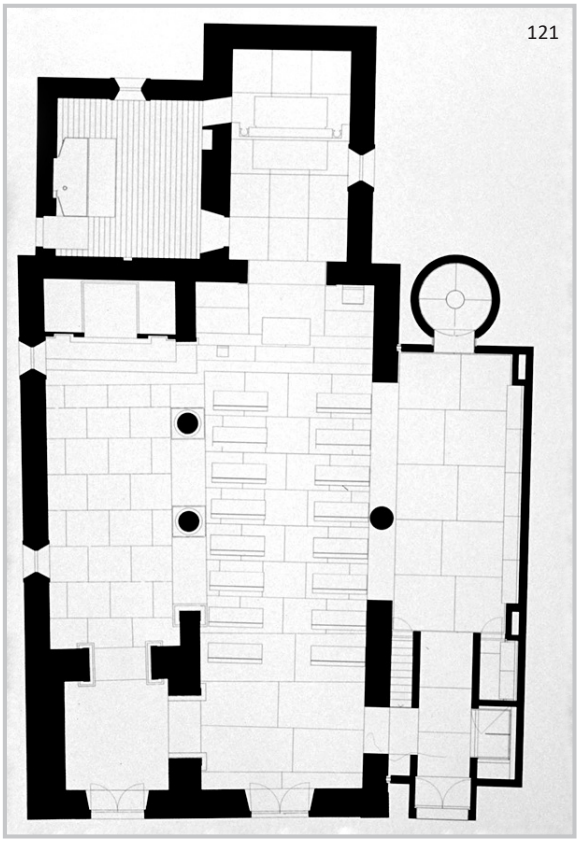
A principal diferença que a transformação implementou está no corpo à direita da fachada, todo ele construído de novo, e que consiste na ampliação da igreja de Figueiredo. Este corpo, entendido como uma construção distinta no tempo, respeita o valor da obra antiga (Img.118).

> *"(...) a igreja ficou a contar com um tríplice corpo, em que a ponte entre a arquitetura contemporânea e a arquitetura antiga se faz e se apresenta lado a lado. (…) Neste horizonte, quanto à nova nave que nasceu do lado direito, esta surgiu com o intuito de dar mais equilíbrio à igreja e torná-la um espaço celebrativo mais harmonioso e belo."* (Machado, 2021, p.96).

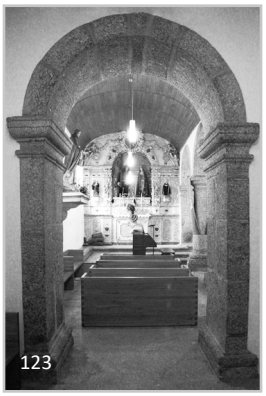
Difere-se na sua implantação, pois não assume o alinhamento da fachada pré-existente, encontrando-se ligeiramente recuado em relação a ela. Por outro lado, aproxima-se da pré-existência em determinados pormenores: contempla uma porta que é semelhante à da torre sineira, mantendo a altura da padieira, e possui um friso que dá continuidade ao friso antigo, apenas se distinguindo no seu material – o novo é metálico e o antigo em pedra.
Na parte posterior da ampliação ergue-se um volume tronco-cónico em betão, como se de uma torre sineira se tratasse: *"O programa da nova nave é acentuado por um absidíolo tronco-cónico que alberga a pia baptismal, e que se adiciona ao perfil do conjunto"* (OA, 2006). Corresponde ao batistério e apenas possui acesso pelo interior da igreja (Img.119). As diferenças e semelhanças do novo volume proporcionam ao conjunto da fachada, maior simetria volumétrica, permitindo a visão arquitetónica unitária de toda a obra. Podemos dizer que a transformação proposta pelo arquiteto Paulo Providência dá resposta a um pedido de remodelação e ampliação da igreja primitiva de Figueiredo, numa relação cuidada com o edifício da igreja existente e com o contexto físico e social do local.

> *"(...) apareceram muitas surpresas e decisões a serem consideradas, inventadas e originadas. (…) teve que saber abstrair-se da realidade para produzir os resultados atuais e, ao mesmo tempo, responder aos aspetos sensíveis que cercavam a integridade da igreja."* (Porto Academy 2014).


120


121


122


123


124


125


126


127

120. Planta: antes da intervenção de 2004
121. Planta: depois da intervenção de 2004
122. Nave central
123. Nave lateral esquerda
124. Nave lateral direita
125. Luz artificial do espaço de assembleia
126. Pormenor da luminária suspensa
127. Entrada de luz natural da nova nave

Interior

A grande diferença verificada na igreja de Figueiredo após a intervenção de 2004 é o aumento do seu espaço interior, consequência da criação de uma terceira nave à direita das duas existentes: *"O projecto prevê a ampliação da Igreja de duas naves para três, repondo simetria."* (OA, 2006). As naves pré-existentes encontram-se orientadas às celebrações eucarísticas e a nova nave à celebração do Batismo (Img.120/121).

O **espaço de assembleia** encontra-se dividido em três naves longitudinais de largura reduzida. No interior reflete-se o exterior. As escadas exteriores encaminham os fiéis a três portas de entrada (duas laterais mais baixas e a central mais alta, a da nave central apontada ao altar-mor). O percurso central termina no presbitério e na capela do Santíssimo (Img.122); a nave da esquerda é rematada pelo altar dedicado ao Senhor dos Passos, devoção à qual a comunidade dedica uma festividade (Img.123); à direita, encontra-se a nave que conduz à pia batismal (Img.124).

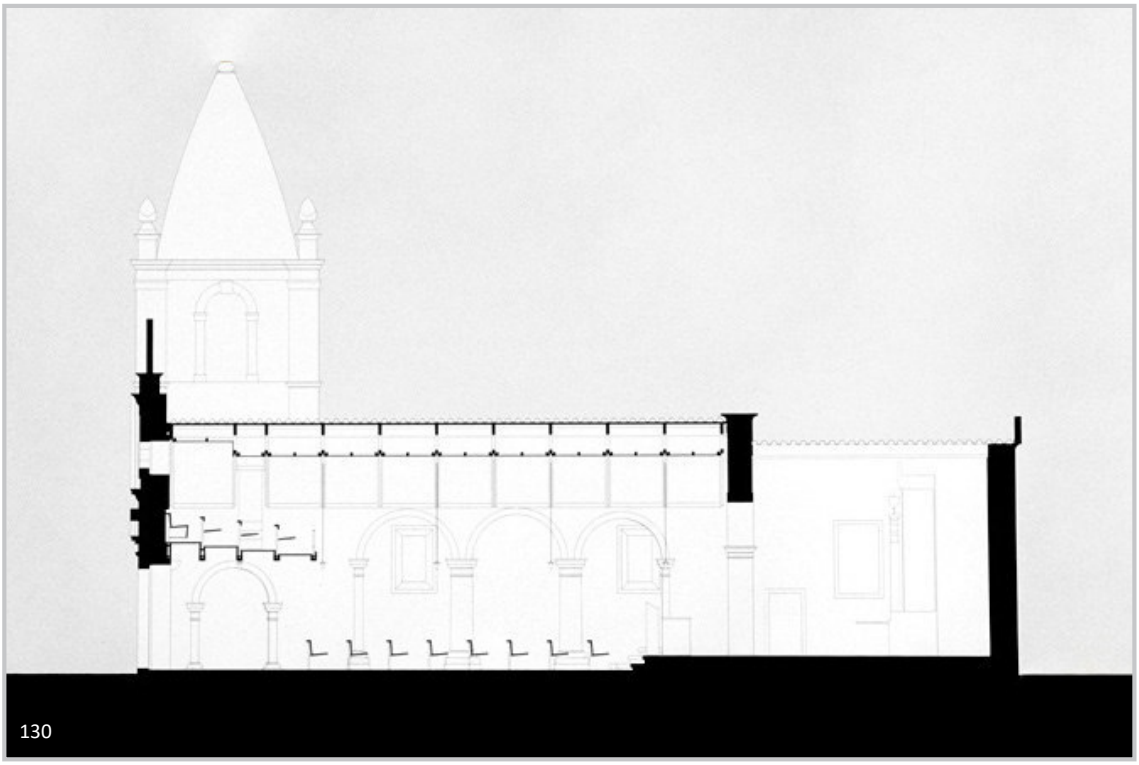
Na procura de unidade espacial entre as três naves, toda a igreja foi pavimentada com o mesmo material (lajetas de granito amarelo), semelhante ao das colunas existentes. Não existe nenhum percurso demarcado no pavimento, pelo que se assume uma unidade hierárquica ao nível dos pavimentos. A facilidade de movimentos no espaço é reduzida, justificada pela pouca largura do eixo principal e pelo comprimento dos bancos da assembleia – capacidade para três pessoas. Estes bancos aproveitam ao máximo a largura do espaço. A sua disposição remete-nos para um modelo comunitário, caraterística da mentalidade familiar cristã e identificativa de agregados rurais. Contudo, apesar de se adequarem ao espaço, à função e às pessoas, são pequenos, limitados pelos braços laterais que os compõem. Encontram-se alinhados paralelamente em duas filas que percorrem a nave central e apenas uma nas naves laterais. Embora nas naves laterais os bancos se orientem para o altar do Senhor dos Passos (à esquerda) e para a pia batismal (à direita) todos possibilitam que os fiéis visualizem o centro da ação litúrgica, o altar.

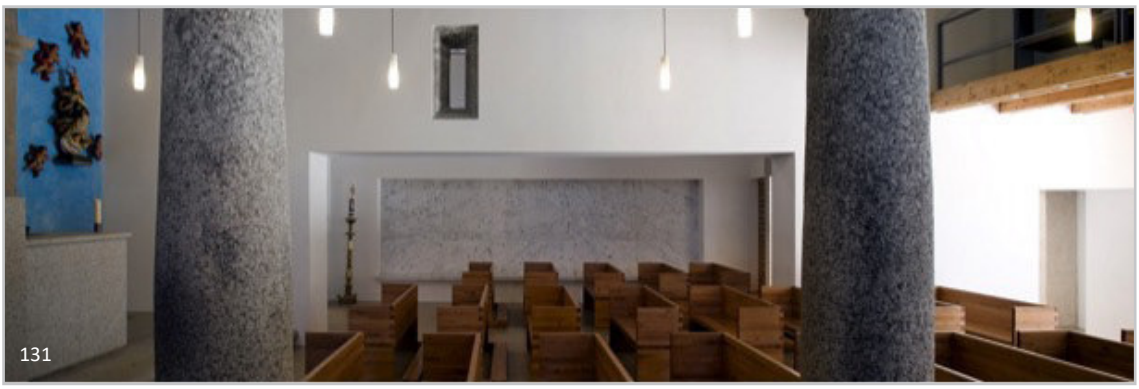
O tratamento da luz foi procurando realçar o antigo. Todos os vãos de luz natural já existiam no antigo volume da igreja. Na nave central, excetuando a entrada de luz lateral no presbitério, apenas se constata um pequeno vão situado na fachada principal, acima da porta de entrada. O restante espaço da nave é iluminado por luz artificial, através de luminária suspensa no teto, consistindo num fio que suporta um cilindro metálico aberto na parte superior (Img.125). Esta solução permite que não existam sombras no teto (Img.126).

Na antiga nave lateral a manutenção de dois vãos na parede lateral permite a entrada de luz natural que se propaga até à nave central. Na nova nave observamos duas formas de tratamento da luz: na pia batismal a entrada de luz zenital através da parte superior do volume tronco-cónico; e uma luz natural, indireta, que surge na junção da parede com o teto, em alabastro, transferindo nobreza subtil ao espaço (Img.127).









128. Construção do teto
129. Teto realizado na intervenção de 2004
130. Corte longitudinal pela nave central
131. Perceção geral do espaço

> *"As novas coberturas das naves principal e colateral esquerda levam tectos de madeira abobadados, realizados através de cimbres que se cruzam com as asnas."* (OA, 2006).

As coberturas foram refeitas com a intenção de criar maior unidade espacial (Img.128), uma vez que o pé-direito não sofreu alterações visíveis. Não se procurou realçar nenhuma área específica, preferindo-se enaltecer a unidade do espaço. Procura essa unidade também no material utilizado, visto que a madeira foi também utilizada para bancos, portas, escadas e pavimento do espaço do coro (Img.129).
Há um outro aspeto que procura elevar o antigo em relação ao novo, ao observar-se pés-direitos distintos. Nas duas naves pré-existentes a cota do teto é superior à da nova nave lateral. Obtém-se uma hierarquia através do enaltecimento do espaço pré-existente e da contenção altimétrica do novo espaço, incutindo-se uma certa simetria entre a nova nave e as existentes.

> *"Todas as naves têm ligação entre si, prova disso é o cuidado em se ter colocado as passagens entre naves, à mesma altura uma das outras."* (Porto Academy 2014).

A nave principal apresenta o mesmo pé-direito em todo o seu comprimento, compreendendo o espaço da assembleia e parte do presbitério. Não há qualquer diferença no teto entre estes dois espaços de funções distintas (Img.130). Na nave adicionada à igreja o pé-direito é mais baixo que na restante igreja, tornando-a num espaço mais introspetivo. Permite com esta diferenciação que seja utilizada especialmente para cerimónias batismais, dada a forte orientação ao espaço onde se encontra a pia batismal.

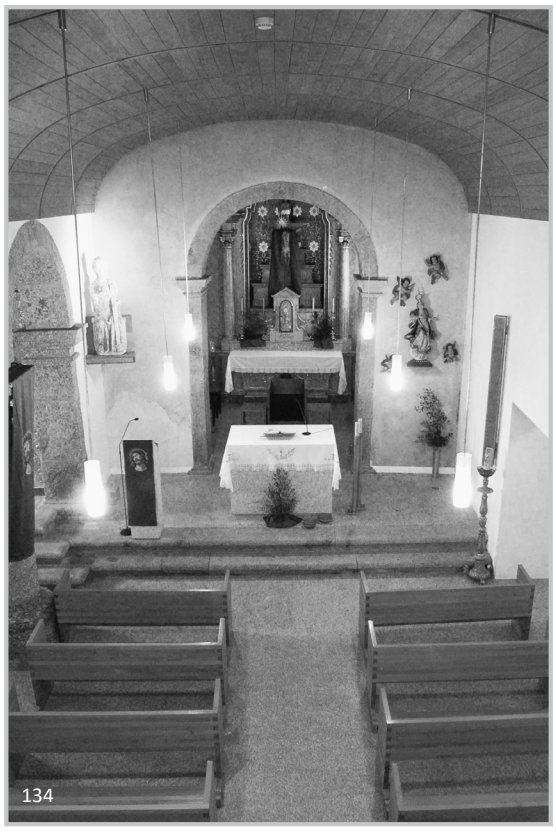
> *"No interior da igreja, percebemos os princípios teológicos, estudados e adotados para promover as relações entre as formas e os volumes do antigo e do novo, o criado e o Criador. O vão, sustentado por uma viga de betão, abre-se na parede da nave principal como janela que abre a igreja ao ambiente da nova galeria lateral, reta, única e precisa. (…) não há pudor em expressar um traço novo e materiais e técnicas construtivas novas. Na verdade, tudo aqui fala ao jeito da harmonia e da precisão da contemporaneidade. (…) A nova disposição do espaço litúrgico abre ao crente possibilidades novas de perceber e de se acomodar, como pedra viva, no espaço interior do templo de Deus. Em síntese, o próprio espaço jorra, por si mesmo, uma tangência entre o novo e o histórico (…)"* (Machado, 2021, p.99).

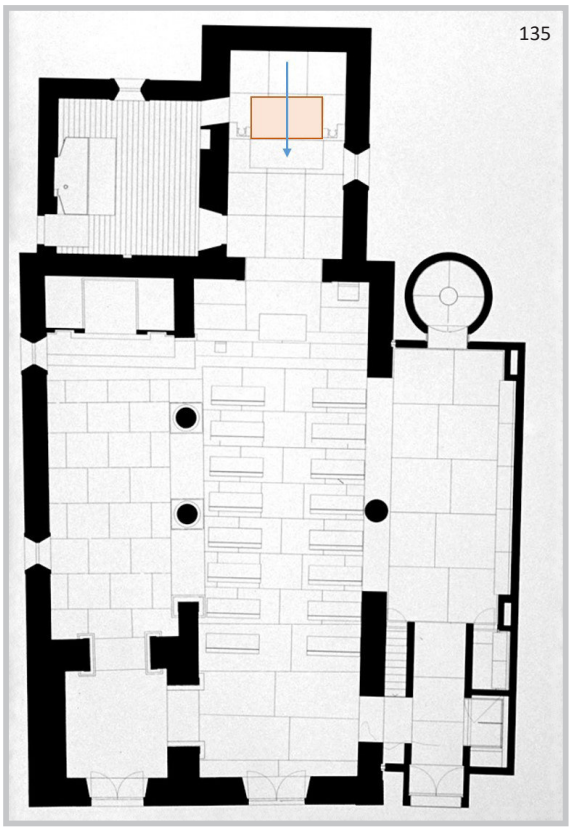
Todas estas particularidades permitem alcançar um espaço diversificado e, ao mesmo tempo, unificado. Essa unidade espacial é obtida pela observação, de qualquer ponto da igreja, de todos os espaços, pela materialidade implementada (madeira, granito e reboco) e pelo respeito dado à obra antiga, apesar da diferença nos pés-direitos e das colunas que dividem as naves (Img.131).

> *"(...) para além da ampliação da igreja, também a reconstituição do balcão do coro, a criação de um ambiente para a pia batismal e o projeto de uma sacristia adequada às necessidades do celebrante eram carências e desejos manifestos pela comunidade paroquial de Figueiredo."* (Machado, 2021, p.93).









132. Vista antiga do coro alto
133. Vista atual do coro alto
134. Presbitério
135. Avanço do retábulo

Um outro espaço que mereceu uma reconfiguração foi o balcão do **coro**. Na antiga organização este espaço já se encontrava elevado, situado por cima da porta principal (Img.132). Era, contudo, pequeno e apresentava-se degradado. Por comodidade nas celebrações, os grupos corais não o utilizavam, optando-se por colocá-lo na área em frente ao altar secundário, na nave lateral. Esta localização aproximava a música do altar e melhorava a visibilidade em todo o espaço litúrgico – indo de encontro às reflexões conciliares.

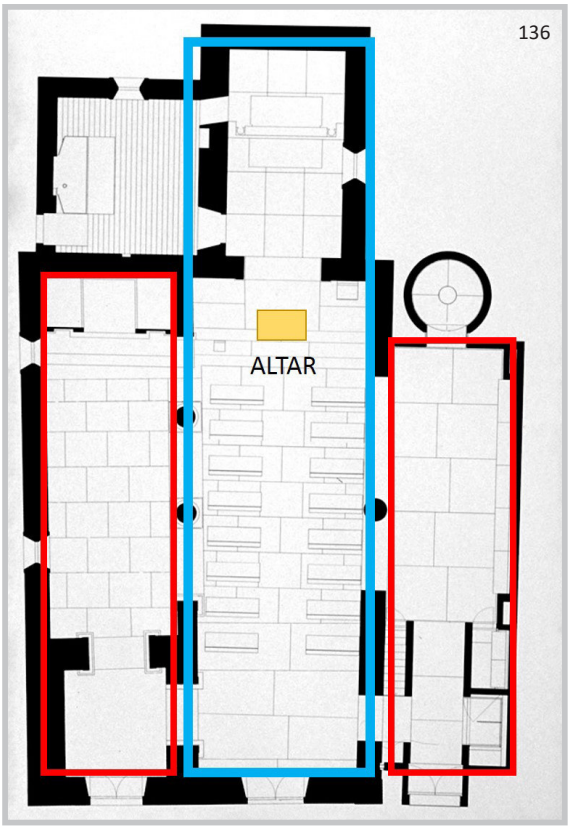
Na igreja de Figueiredo assiste-se a uma opção para o espaço do coro que se afasta das indicações conciliares – localiza-se longe do altar e, por consequência, dos momentos celebrativos. A intervenção de 2004 mantém o coro ao fundo da igreja, elevado, diminuindo o pé-direito das entradas, mas aumentando a lotação do edifício. Verificamos que, como o espaço interior não é grande, a localização do coro no início da nave principal da igreja encontra-se pouco afastada do altar. Dado o tamanho da igreja, a sua posição elevada concede ao restante espaço uma maior importância (Img.133).

O **presbitério** distingue-se do espaço da assembleia pela existência de dois degraus que o elevam, dando-lhe a devida importância simbólica e visual. Apesar da unidade espacial que se observa desde a assembleia até ao presbitério, não podemos afirmar que tal suceda em toda a sua extensão. Um arco de volta perfeita divide o presbitério: existe um espaço avançado, pertencente à nave da assembleia; e um outro, mais recuado, onde se situa a Capela do Santíssimo, a cadeira da Presidência e uma entrada para a sacristia. A antiga capela-mor possui um pé direito mais baixo, tornando o espaço mais reservado que o restante presbitério (Img.134). O presbitério não possui diferenças de cotas nos pavimentos. Por ser pequeno não se torna necessário orientar o olhar para nenhum elemento em especial, pois todos eles se encontram muito próximos.

O retábulo onde se encontra o Sacrário apresenta-se sobre um degrau, possibilitando uma melhor observação da assembleia. O restante espaço presbiteral encontra-se, como referimos atrás, elevado dois degraus em relação à assembleia. Não havendo qualquer valor simbólico neste número, podemos realizar um exercício especulativo: se a estes dois degraus somarmos o degrau que eleva o retábulo do Santíssimo, obtemos uma elevação total de três degraus. Ora, o número três possui uma forte carga simbólica para os cristãos, como vimos na análise à igreja de Sever do Vouga onde se realizou a analogia do número três com a Santíssima Trindade.

Quanto aos jogos de luz, duas situações distintas ocorrem. Na zona avançada e mais próxima da assembleia, as paredes em pedra não possuíam fenestrações e assim se mantiveram. Na antiga capela-mor, um vão vertical existente é mantido, aproveitando o arquiteto Paulo Providência para lhe dar maior sentido – o retábulo do Santíssimo foi deslocado para a frente (Img.135), respeitando a abertura na parede sul, usufruindo agora de uma incidência direta de luz, ganhando importância e presença visual.

O pavimento do presbitério é uniforme, justificado pela reduzida área do espaço e pela pouca visibilidade do pavimento, quando observado da assembleia – o novo altar e o novo ambão tornaram-se uma barreira visual que impede essa visualização.











136. Centralidade geométrica do altar
137. Altar
138. Antigos altares laterais
139. Ambão
140. S. Salvador, representação de Cristo

Não havendo alterações nas paredes e divisões do presbitério na ampliação de 2004, existem diversas mudanças na localização dos elementos que o compõem e que dão cumprimento às propostas do Concílio Vaticano II, no sentido de promover uma participação mais ativa dos fiéis. No espaço presbiteral, os elementos foram recolocados ou substituídos, na tentativa de dar à igreja maior dignidade.

O **altar**, elemento principal das celebrações cristãs, verdadeira simbologia da mesa onde Jesus ceou com os seus discípulos, teve um tratamento especial. Foi mantida a sua posição, tendo ganho, com a nova ampliação, centralidade geométrica que as anteriores duas naves não lhe ofereciam (Img.136). Não sofreu nenhuma deslocação porque já se encontrava bem próximo da assembleia. As diretrizes conciliares já se encontravam presentes quando foi realizada a ampliação. O novo altar vai de encontro às indicações do Concílio, visto tratar-se de um elemento sólido e digno, edificado numa pedra única em granito. Relativamente às suas dimensões este novo altar é menos comprido que o anterior, facilitando os movimentos em seu redor, adequando-se ao reduzido espaço do presbitério (Img.137).

Outras modificações foram realizadas na área do presbitério. Foram retirados os altares laterais que reduziam o, já de si, pequeno espaço, indo de encontro, uma vez mais, às instruções conciliares (Img.138). Apesar desta melhoria, o espaço presbiteral continua a condicionar o número de intervenientes nas celebrações.

Uma das grandes novidades neste espaço é a colocação do **ambão**. Situa-se à esquerda do altar, visto da assembleia. Encontra-se avançado em relação ao altar, portanto mais próximo dos fiéis. O ambão materializa-se da mesma forma que o altar. Uma única pedra de granito, com geometria simples, cria neste elemento a solidez e a dignidade que a sua função procura (Img.139). O material procura ir de encontro aos materiais presentes na igreja primitiva, e dado se tratarem de materiais caraterísticos da região, fornecem à igreja uma forte unidade e maior identidade.

A **representação de Cristo** e a **cadeira da Presidência** também se encontram no presbitério. Em relação à primeira, não existe nesta obra a cruz com Cristo crucificado. Numa análise superficial, podemos associar essa representação ao Sacrário existente no retábulo. Por outro lado, observa-se, na parede lateral esquerda do presbitério, uma imagem de São Salvador[14] (Img.140), padroeiro desta comunidade paroquial, podendo ser também relacionada à representação de Cristo neste espaço litúrgico.

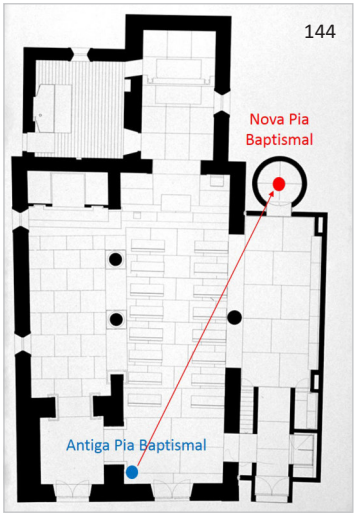
Em relação à cadeira da Presidência há a referir que se trata de um novo elemento, concebida na mesma altura da intervenção de 2004. A cadeira foi realizada no mesmo material dos bancos dos fiéis, diferenciando-se apenas destes na sua forma, sugerindo igualdade celebrativa dentro da

[14] Esta imagem foi encontrada enterrada aquando das obras da intervenção de 2004. Constata-se que possui uma capa que lhe cobre os ombros mas que expõe o seu umbigo, simbolizando a condição humana de Cristo. Talvez por esta exposição do corpo, tenha sido enterrada, fruto de ideais *'jansenistas'*. O jansenismo, uma das maiores controvérsias doutrinais do século XVII, exerceu uma influência em larga escala sobre a vida dos cristãos, sobretudo no seu aspeto moral e sacramental. Este movimento francês pretendia purificar imagens com conotação de origem carnal, queimando-as caso fossem de madeira e enterrando-as nas igrejas se se tratassem de materiais dificilmente inflamáveis. A espiritualidade jansenista, procurando escapar à devoção para se centrar no essencial, acabou por transformar Deus num ídolo, fazendo dele um juiz poderoso, dono absoluto da nossa sorte. A relação com tal Deus baseia-se no temor.









141. Cadeira da Presidência
142. Capela do Santíssimo/Sacrário
143. Sacrário visível por cima do altar
144. Antiga e nova localização da pia batismal

diferença ministerial (Img.141). Está situada por detrás do altar, não sendo visível da assembleia, e não se sobrepondo aos restantes elementos primordiais da ação litúrgica.

A **Capela do Santíssimo/Sacrário** encontra-se, em Figueiredo, numa localização semelhante às que observamos em Sever do Vouga e em Valbom, ocupando a antiga capela-mor. A capela do Santíssimo de Figueiredo apresenta-se na continuidade da nave central, na área mais recuada do presbitério, delimitada pelo arco de volta perfeita que realiza a transição entre os dois espaços do presbitério (Img.142). A ideia inicial do arquiteto Paulo Providência seria deslocar o Sacrário para um altar secundário, mas tal ideia não foi bem aceite pela comunidade que preferiu manter o Senhor dos Passos, a quem dedicam uma especial devoção. Revendo as ideias do arquiteto, o seu projeto subdividia o corpo da igreja em três naves temáticas:

> *"(...) 1ª) a nave do lado direito e de entrada na igreja: a batismal; 2ª) a nave central: a da palavra; 3ª) a nave da esquerda: a nave do sacrário. Note-se que a terceira nave não tomou essa forma, visto que existe nesse mesmo lugar um altar com muita devoção para os cristãos do local."* (Machado, 2021, p.97).

Não se tornando realidade essa sua intenção, verificamos a manutenção do retábulo da capela-mor como parede de fundo que enriquece o espaço (Img.143). Estando o Sacrário por detrás do altar, poderíamos notar que a mesa eucarística se tornaria uma barreira física que dificultaria a sua contemplação. Contudo, tal limitação é ultrapassada pelas diferenças de cota em relação ao espaço de assembleia. Com todos estes fatores obtém-se um espaço restrito e pouco movimentado, caraterísticas pedidas pelo Concílio Vaticano II para melhor se dignificar este elemento sagrado. Estão assim hierarquizados e adequados à sua função e ao espaço do presbitério todos os seus elementos.

> *"O baptistério, ou lugar onde está a fonte baptismal, com água corrente ou não, é reservado ao sacramento do Baptismo e deve ser verdadeiramente digno, pois ali renascem os cristãos pela água e pelo Espírito Santo. Seja em capela situada dentro ou fora da igreja, seja em outro lugar dentro da igreja à vista dos fiéis, de futuro construir-se-á por forma a corresponder a uma numerosa participação."* (CEP(b), p.20).

A grande mudança neste templo é, indiscutivelmente, a introdução de uma nova nave, um novo volume na igreja: a nave do batismo como o arquiteto Paulo Providência a desejou, com uma entrada própria, dada a sua especificidade e função, culminando num pequeno espaço onde podemos encontrar a **pia batismal** (Img.144).

> *"(...) este batistério se encontra não separado da igreja, mas distinto dela. (…) foi uma proposta/vontade do arquiteto fazer algo de artístico que se destacasse do demais, isto é, de terminar a construção da nova nave com algo arrojado, belo e pertinente. (…) a ideia de fazer algo moderno e diferenciado levou à deslocação do batistério do fundo da igreja, em ordem a acoplá-lo neste novo lugar batismal."* (Machado, 2021, p.101).



145. Batistério

A introdução da nova nave aumenta a lotação do espaço, tornando-o simétrico, fornecendo-lhe um caráter específico, mas não exclusivo para batismos. A sua relação visual com os restantes espaços da igreja e a inexistência de diferenças no pavimento, demonstram a integração e harmonização do conjunto.

O batistério de Figueiredo constitui uma obra arquitetónica e artística de encontro à essência teológica do lugar do batismo, um lugar com uma simbólica particular: lugar da entrada, do nascimento, da beleza. O batistério é o lugar de entrada, o pórtico pelo qual nos incorporamos em Cristo, o lugar do nascimento para uma nova vida e lugar da beleza divina que desce ao ser humano tornando-o belo também. E toda a representação física do espaço vai de encontro a estas três caraterísticas. Sobre a sua importância e significado dizia Frederik van der Meer[15] na sua obra intitulada *«O manto mais antigo de Cristo: sobre a originalidade da arte primitiva cristã»*[16]:

> *"Em cada cidade, próximo a cada igreja mãe, o batistério era um complexo independente, com as suas estruturas anexas e a sua simbologia particular, e afadigamo-nos só de imaginar o que isso poderia representar para todos, crianças e adultos. As altas portas de bronze permaneciam sempre abertas, a fonte da vida nunca secava, um rumor contínuo era ouvido no coração de todas as cidades (…)"* (citado por Machado, 2021, p.73).

Ou seja, o batistério era um dos polos centrais de cada cidade e da vida religiosa da mesma.

Assistimos ao longo dos tempos a uma localização do batistério separado do corpo da igreja, anexado ao edifício principal ou a uma das naves. Na contemporaneidade, observamos a implantação da fonte batismal dentro do espaço litúrgico das nossas igrejas, já com o intuito de sublinhar a ligação entre o sacramento do Batismo e o da Eucaristia, nomeadamente na segunda metade do século XX e nos anos seguintes ao Concílio.

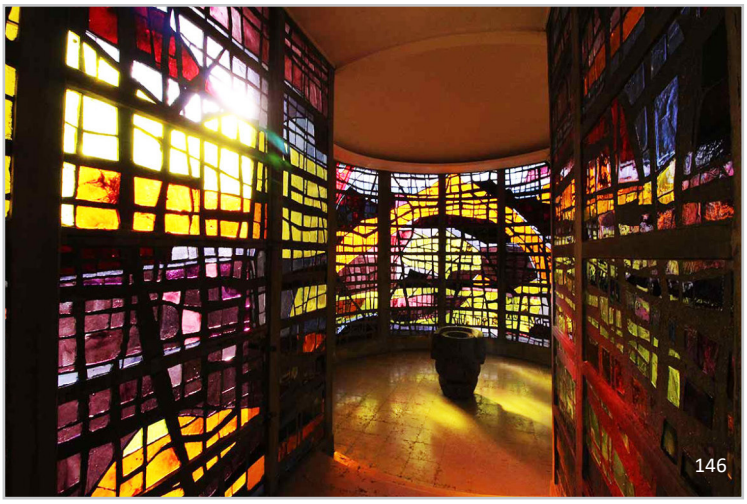
A intenção de colocar o batistério perto do altar, ou mesmo no próprio presbitério, pode ser justificada por razões pastorais, teológicas e bíblicas. Acrescia a vantagem de o batismo se tornar mais visível por toda a assembleia celebrante.

O batistério de Figueiredo não se encontra separado da igreja. Sobre ele ergue-se uma torre batismal, tronco-cónica, que confere à obra um apontamento artístico moderno e uma interpretação teológica marcante face ao significado e função deste novo espaço (Img.145).

> *"(…) tal como previsto pelo arquiteto, este tronco-cónico é, simultaneamente, um apontamento artístico, uma obra arrojada, um edifício diferenciador, um marco contemporâneo e uma interpelação teológica."* (Machado, 2021, p.101).

[15] Frederik van der Meer (1904-1994) foi um padre holandês, teólogo, historiador de arte e da igreja. A partir de 1924 estudou no seminário da província de Utrecht, tendo sido ordenado sacerdote católico em 1928. A partir de 1939 foi professor na Universidade Católica de Nijmegen (hoje Radboud University Nijmegen). Desde 1946 foi professor associado de Arqueologia e Liturgia Cristã e professor catedrático de História da Arte, Arqueologia Cristã e Iconografia. Foi membro da Royal Netherlands Academy of Sciences (1950), tendo recebido o prémio PC Hooft em 1964 entre outras condecorações.

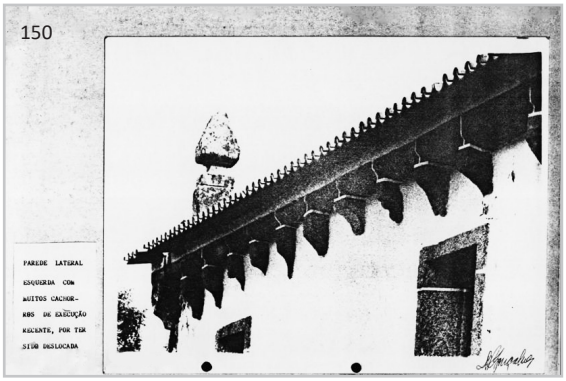
[16] Tradução do título original: *«Christus' oudste gewaad: over de oorspronkelijkheid der oudchristelijke kunst».*













146. Batistério da Igreja de Sacré-Coeur: Audincourt, França
147. Batistério da Igreja de Santa Maria Regina: Varedo, Itália
148. Nave principal e nova nave batismal
149. Pia batismal
150. Cachorros no exterior da antiga parede lateral
151. Cachorros incluídos no espaço interior da nova nave

Em Figueiredo, pelas limitações visuais que existem, a única entrada de luz no espaço efetua-se zenitalmente pelo volume tronco-cónico.

> *"Em ordem a enriquecer o nosso estojo de experiências e a facilitar o enquadramento deste caso particular, há que destacar o batistério da Igreja de Sacré-Coeur, de Audincourt em França e da Igreja de Santa Maria Regina de Varedo, em Itália."* (Machado, 2021, p.101) (Img.146/147).

A forma cónica e a sua entrada de luz, a sensação de estarmos mergulhados num poço olhando para o alto, contemplando a descida da luz e do Espírito, incidindo sobre a pia batismal, transporta-nos para o Alto. Água, luz, vida nova renascida num ambiente que nos remete para a vivência e contemplação de beleza sacramental e visual.

> *"(...) quando entramos no interior do batistério, somos presenteados com uma atmosfera completamente nova e tocados pela surpreendente experiência multissensorial do espaço."* (Machado, 2021, p.101).

A restante nova nave de Figueiredo, apesar de apresentar um pé-direito mais controlado, acompanha a nave central na sua profundidade, equilibrando o espaço (Img.148).

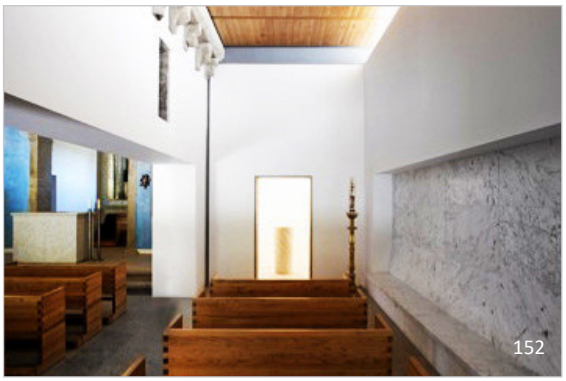
> *"O tecto da nova nave, realizado também em madeira, articula-se com as paredes em betão branco através de uma cornija em alabastro que permite manter uma ténue iluminação interior. Pelo exterior mantém-se uma continuidade do betão branco e do alabastro."* (OA, 2006).

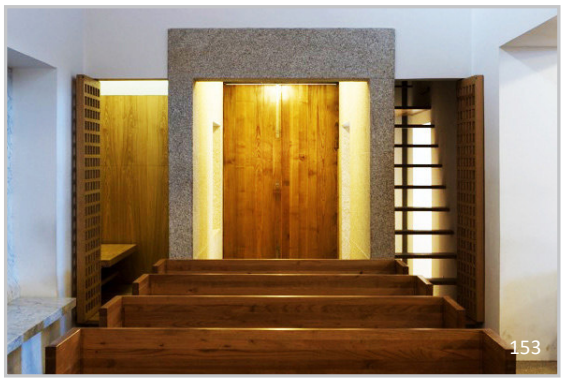
Onde também se encontram pontos de ligação às diretrizes conciliares é no material da pia, mármore branco carrara com ligeiras nuances cinzentas, adquirindo uma simbologia de pureza. Toda ela é simples e digna, proporcional ao espaço na sua dimensão (Img.149).
A luz, como vimos, é nobre e controlada, sendo fortalecida na pia batismal pela entrada de luz zenital. Num ato de respeito pelo antigo podemos observar no interior desta nave a presença de diversos cachorros românicos, herança da igreja original do século XIII.

> *"(...) a entrada neste local deveria ser realizada pela nova nave, em ordem a contemplar o lugar uterino e maternal que nos acolhe com um corpo de luz que trespassa o alabastro de mármore, colocado no cimo da nave, e que ilumina os cachorros românicos, herdados da primitiva igreja do século XIII, que, com a construção da nova nave, ficaram na parte de dentro da igreja."* (Machado, 2021, p.97).

A presença destacada de elementos da construção primitiva, estabelece uma forte ligação entre antigo e novo, indo de encontro aos ideais *'boitianos'* que defendiam o restauro com introdução do novo sem rejeitar o antigo com valor simbólico, patrimonial e artístico (Img.150/151).

> *"Os acrescentos a um monumento são testemunhos da verdadeira história do edifício, como Boito defendeu, e assim um testemunho tão intenso e legítimo quanto o da arquitetura original, e toda essa história deve ser conservada completa. Mas não apenas esses acrescentos podem ser,*


152


153


154


155


156


157


158

152. Nave do batismo
153. Confessionário
154. Banco do confessionário
155. Degrau do confessionário
156. Banco em mármore da nova nave
157. Excessiva utilização de imagens e ornamentos na anterior configuração do espaço
158. Redução e controlo na nova presença de imagens e ornamentação

> *e geralmente são, valores arquitetónicos de respeitável consideração se forem levados em conta separadamente. E se são vistos em conjunto com a obra antiga, são habitualmente exercícios arquitetónicos do mais alto nível, na medida em que levantaram e resolveram um dos problemas mais difíceis e ambiciosos da disciplina compositiva, harmonizar uma obra anterior com uma arquitetura contemporânea que deve, necessariamente, procurar recursos técnicos e formais capazes de alcançá-lo."*[17] (Capitel, 2009, p.48).

A alteração menos conseguida na ampliação prende-se com a visualização do altar em todos os espaços desta nova nave (Img.152). Não existe ligação entre presbitério e pia batismal e se dessa área não se consegue observar o altar, também no restante espaço da igreja não se consegue ver o interior batistério, não se observando o cumprimento dos conselhos conciliares, que pediam uma visão adequada de todas as áreas da igreja para os diversos atos celebrativos.

Outro espaço que obtém nova vida na igreja com a intervenção de 2004 é o **espaço de reconciliação/confessionário**. É um espaço que serve um sacramento não tão cumprido como exorta a Igreja e, neste templo, constata-se a sua pouca utilização, dada a preferência da comunidade pelo encontro pessoal e direto num espaço sem barreiras, improvisado para o efeito. Contudo, ele existe, e para o seu fim foi pensado. Localizado num local recuado do novo volume, possui discrição no espaço que lhe foi destinado (Img.153). Possui uma porta idêntica à do acesso ao coro alto, em madeira e com um padrão quadriculado, remetendo-nos para as grelhas dos antigos confessionários onde o penitente não tinha contato visual com o sacerdote. No interior, há um simples banco para o sacerdote e, por baixo dele, um local para colocação de livros (Img.154). Eleva-se um degrau em relação ao restante pavimento, distinguindo os espaços e proporcionando ao penitente a possibilidade de se ajoelhar na realização deste sacramento (Img.155).

Se juntarmos à sua discreta localização a existência de um pé-direito mais baixo, obtemos um espaço ideal para a função a que se destina. Observamos ainda a existência de um banco corrido em mármore, na parede sul da ampliação, que além de possibilitar o assento de um maior número de fiéis nas celebrações eucarísticas, pretende servir de banco de espera para os penitentes. Foi uma forma de melhorar o interior da igreja com condições particulares e simbólicas para a comunidade participar neste sacramento (Img.156).

Por último, há que referir, de forma sucinta, as **imagens** e **ornamentação** desta obra. Observa-se um preenchimento do espaço interior que corresponde às indicações conciliares, não havendo sobrecarga de imagens e de ornamentação. Dada a dimensão deste templo, se tais elementos fossem utilizados em excesso, a beleza e o equilíbrio do conjunto seriam prejudicados. Assim, constata-se a existência essencial de objetos, sejam eles mais tradicionais da comunidade ou da tradição do culto cristão (Img.157/158).

---

[17] Tradução da citação original: *"Los añadidos a un monumento son testigos de la verdadera historia del edificio, como Boito defendió, y así un testimonio tan intenso y legítimo como el de la arquitectura original, y toda esa historia ha de conservarse completa. Pero no sólo estos añadidos pueden ser, y normalmente son, valores arquitectónicos de respetable consideración si se tienen en cuenta por separado. Y si se contemplan en unión con la obra antigua, suelen ser ejercicios arquitectónicos de altísimo nível en cuanto se plantearon y resolvieron uno de los problemas más difíciles y ambiciosos de la disciplina compositiva, armonizar una obra anterior con una arquitectura contemporánea que obligadamente ha de buscar recursos técnicos y formales capaces de lograrlo."*

> *"(...) o artigo publicado na revista 'Habitar Portugal', da Seleção Mapei e da Ordem dos Arquitetos, apresenta a obra realizada na Igreja Paroquial de Figueiredo como uma das melhores obras da arquitetura portuguesa dos anos 2003-2005. Aliás, apresenta-a como um exemplo de remodelação (…)"* (Machado, 2021, p.92).

A igreja de Figueiredo é um belo exemplo de transformação pós-conciliar tanto exterior, como interiormente. Foi alvo de melhoramentos que atingiram o objetivo principal: a comunhão plena daquilo que se celebra, o encontro humano e com Deus. Trata-se de um caso típico de localização geográfica e linguagem arquitetónica muito próprias do universo católico cristão português em contexto rural. É, dos três casos estudados, o que menos constrangimentos possuía na sua envolvente, sendo também o que menos modificações sofreu na sua imagem exterior. O antigo sobrepõe-se ao novo de forma harmoniosa, e este ideal *boitiano* na arte do restauro foi, aqui, bem assumido. Mantiveram-se elementos com forte carga histórica, por vezes renovados com uma linguagem contemporânea, aproximando-os da origem. A sua pequena comunidade interiorizou as alterações realizadas na igreja, renovando também o seu próprio culto cristão, que é também abertura ao mundo na linha do Concílio Vaticano II, e a uma mentalidade arquitetónica contemporânea para transformação de um espaço antigo, que transportando consigo memórias e tradições por vezes difíceis de modificar, desafia a arte de conciliar a conservação com a inovação. Por tudo isso, esta obra adquiriu grande importância nacional no processo de transformar o nosso património, obtendo também eco e relevo no panorama internacional:

> *"(...) ao longo dos últimos tempos (…) a obra tem vindo a ser reconhecida internacionalmente, nomeadamente numa revista holandesa de arquitetura [Pierijn van der Putt, 'Vervolmaakte drie-eenheid: Uitbriding en renovatie San Salvador kerk in Figueiredo door Paulo Providência', de Architect nº 36, 2005, 42-43], que, de forma particular, escreve sobre a obra e utiliza inesperadamente a nova nave como capa dessa mesma revista. Por outro lado, esta mesma obra tem vindo a ser apresentada nas universidades como um modelo de estudo, na medida em que realiza a ponte entre novo e antigo."* (Machado, 2021, p.92).

Capítulo 3 - Considerações finais

A realização deste estudo contribui para uma melhor compreensão acerca da complexa disposição arquitetónica das igrejas católicas pós-conciliares do norte litoral português, sobretudo quando resultantes de intervenções em património pré-existente carregado de significados para as suas comunidades.

Não procurou uma análise exaustiva à arte religiosa em geral, nem se inteirar acerca das transformações pós-conciliares em todo o território nacional. Restringiu-se às dioceses de Aveiro, Porto e Braga, construindo uma base de dados das igrejas intervencionadas no período pós-conciliar.

Não se observa um afastamento das artes em relação à Igreja, nem a Igreja abandonou as artes. Ao longo dos tempos a Igreja foi perdendo a primazia cultural, situação que poderia originar o desinteresse e a separação entre as partes. Este estudo permite verificar e demonstrar que nos tempos atuais, ao invés de afastamento, Igreja e Cultura caminham lado a lado. O cristianismo funciona, ainda, como influência nas expressões culturais e artísticas, não apenas como herança ou tradição, mas também como sentido orientador e inspirador, embora com menor preponderância do que no passado.

Os cristãos sempre tiveram necessidade de um lugar onde se pudessem reunir em assembleia para celebrar. O espaço celebrativo cristão não possui apenas uma dimensão funcional, apresentando também valor simbólico próprio. Num documento examinado, a *Instrução Geral do Missal Romano*, podemos ler:

> *"(…) o edifício sagrado, na sua disposição geral, deve reproduzir de algum modo a imagem da assembleia congregada, proporcionar a conveniente coordenação de todos os seus membros e facilitar o perfeito desempenho da função de cada um."* (IGMR, 2003, p.83)

Esta problemática serviu de base para a realização deste trabalho, sendo o Concílio Vaticano II momento marcante de renovação e mudança na forma de intervir em espaços e edifícios católicos. O posicionamento pré-conciliar da Igreja demonstrava-se mais distante em relação à forma de viver e de pensar da sociedade, sobretudo após a revolução industrial. Esta posição oposta e a perda de importância da Igreja no mundo, obrigaram a Igreja a realizar uma profunda reflexão. Estavam, assim, reunidas as condições e os motivos para a realização do Concílio Vaticano II.

Assim, o primeiro capítulo da presente dissertação, visou o surgimento do Concílio e as suas implicações na organização dos espaços litúrgicos. O fato desta reforma litúrgica não ter sido totalmente acompanhada com preocupações de âmbito arquitetónico, originou uma difícil compreensão das suas diretivas, dificultando a arquitetos e artistas a ação de projetar e intervir numa igreja. Na análise dos documentos conciliares, nomeadamente no dedicado à reforma litúrgica - *Sacrosanctum Concilium* – foi possível confirmar a inexistência de referências diretas à arquitetura dos espaços celebrativos. Esta situação possibilita as mais diversas interpretações acerca das orientações, viabilizando, simultaneamente, inadequadas intervenções. Houve a necessidade de investigar outros documentos que complementassem e elucidassem as diretivas conciliares, recorrendo-se à *Instrução Geral do Missal Romano* que apresenta indicações con-

cretas sobre as celebrações litúrgicas, mas também sobre os espaços e elementos que fazem parte delas.

Numa época em que tudo se altera em velocidade vertiginosa, a Igreja tem de assumir um papel fundamental na preservação e transformação dos seus edifícios, não se fechando sobre si mesma, abrindo-se aos artistas, procurando o diálogo que leve ao cumprimento da reforma conciliar, reforçando-lhes a sua elementar importância.

Durante o estudo foi procurado um conhecimento dilatado e não menos crítico dos pensamentos históricos na arte do restauro, necessário para a análise de qualquer obra intervencionada. Foram identificados diferentes modelos de intervenção que pretendem dar resposta aos problemas das igrejas paroquiais: Viollet-le-Duc defendia a procura pela defesa e conservação dos valores primitivos; John Ruskin alegava que se devia preservar os edifícios tal e qual como se encontravam, mesmo que o seu estado de degradação fosse percetível; e Camillo Boito assumia a transformação da pré-existência como forma de dar nova vida às obras, exigindo exercícios reflexivos de composição arquitetónica no sentido de resolver os problemas apresentados, respeitando sempre as qualidades da obra antiga.

No segundo capítulo realizou-se a análise aos três casos de estudo selecionados. Nas igrejas paroquiais de Sever do Vouga, Valbom e Figueiredo, observa-se a associação entre o que o Concílio e os restantes documentos propõem, e o trabalho dos arquitetos. Além de serem igrejas exteriormente agradáveis para os olhos, são inovadoras no tratamento e transformação dos espaços litúrgicos, proporcionando aos fiéis melhores condições de oração e celebração.

Exteriormente, cada uma das obras apresenta uma nova dinâmica espacial. As abordagens de Sever do Vouga e de Valbom são mais radicais que a de Figueiredo, o que constitui um fato interessante uma vez que esta última foi realizada cerca de trinta anos depois das primeiras, já em pleno século XXI. Em Sever do Vouga pelo novo alinhamento da fachada reconstruída, e em Valbom pela adição de novos volumes que alteram a orientação da sua fachada principal. Em Figueiredo, o novo volume, de formas simples, equilibra o conjunto sem que haja uma mudança volumétrica que o coloque em primeiro plano em relação à obra antiga.

No interior das três obras verifica-se a mesma radicalidade nas transformações. Fernando Abrunhosa de Brito, em Sever do Vouga, aboliu colunas, barreiras visuais que dividiam o espaço em três naves, unificando-o e centralizando o foco dos fiéis no presbitério, direcionando para ele os bancos da assembleia. A presença da obra antiga no espaço é visível demonstrando o respeito que o autor teve pela igreja primitiva, reforçando a ideia de que antigo e novo podem, e devem, coexistir. Podemos afirmar que a mais inovadora transformação foi realizada em Valbom. O arquiteto José Carlos Loureiro transfigura totalmente a anterior igreja, de dimensões reduzidas para a comunidade que a frequentava. Transporta todo o presbitério para a antiga nave, ampliando a igreja para norte, tornando-a ampla, permitindo interações litúrgicas de grande proximidade. Acresce ainda a realização deste novo espaço de assembleia em rampa, como se de um anfiteatro se tratasse. Na transformação realizada em Figueiredo, assistimos a uma in-

tervenção de enorme simplicidade e, ao mesmo tempo, com elevado grau de dificuldade no que diz respeito à materialização do pensamento contemporâneo onde, como dizia Mies van der Rohe, *"less is more"*. Às duas naves existentes, o arquiteto Paulo Providência adiciona uma terceira, dedicada à celebração do Batismo. Se, nas análises anteriores, assistimos à inclusão da pia no espaço presbiteral, contrariando as disposições antigas onde se encontrava na entrada das igrejas, em Figueiredo é criada toda uma nave direcionada ao batistério, distinto do restante espaço litúrgico, mas ainda assim pertencente a ele. A nova nave aumenta a capacidade da igreja e permite-lhe novas e diversas dinâmicas celebrativas. Por todas estas razões a igreja de Figueiredo obteve distinções internacionais e serve como modelo de estudo na arte de interligar o antigo com o novo.

Em resumo, as três igrejas analisadas procuraram dar resposta, na maior parte dos seus elementos, às diretrizes do Concílio Vaticano II. Contudo, os condicionalismos criados pelas pré-existências não possibilitam um cumprimento integral das diretrizes conciliares pelas limitações do próprio espaço. Portanto, na maioria dos elementos pertencentes ao espaço litúrgico, nomeadamente nos seus elementos principais – o altar, o ambão e a pia batismal – observa-se o cumprimento das indicações conciliares. Outros elementos, por condicionantes arquitetónicas, mas também pelo respeito às tradições das comunidades situadas em contextos geográficos e urbanos mais pequenos, não sofreram modificações ou apenas se alteraram ligeiros pormenores, focando a ideia central das intervenções na relação do espaço da assembleia com o presbitério.

Este trabalho permitiu reforçar a convicção de que não existem soluções únicas ou milagrosas. Sabendo que existem certamente coisas que vão acontecer, mas que não podemos antecipar neste momento, deve-se, cada vez mais, fazer um esforço para compreender a Igreja e as particularidades de cada comunidade paroquial, no sentido de melhorar o processo de transformação de igrejas. As igrejas, além de possuírem um complexo programa, adaptam-se a várias épocas e a distintos contextos. É, pois, necessária a compreensão de que arquitetura e liturgia caminham em paralelo e que, uma e outra, enriquecem a tarefa de arquitetos ao serviço das comunidades cristãs. É, por fim, desejo desta dissertação, contribuir para o entendimento das transformações pós-conciliares em igrejas paroquiais como oportunidades que permitam ao arquiteto melhorar os espaços litúrgicos, dando-lhes a dignidade que a sua função reclama, numa relação intrínseca com a sensibilidade religiosa das mulheres e dos homens que constituem a Igreja.

Referências bibliográficas

- *Bíblia Sagrada*. Fátima: Difusora Bíblica. 5ª edição revista sob a direção de Herculano Alves. (2009).
- Borden, I. & Ray, K. R. (2014). *The Dissertation. A Guide for Architecture Students.* 3ª Edição. Routledge - Taylor and Francis Group. Acedido em julho de 2022: https://www.perlego.com/book/1555345/the-dissertation-pdf.
- Brito, F. A. (2016). *Conversa com o arquiteto Fernando Abrunhosa de Brito, autor da intervenção na igreja paroquial de Sever do Vouga, em 6 de maio de 2016.*
- Câmara Municipal de Sever do Vouga (2001). *Arte Sacra. Legados de Server do Vouga.*
- Capitel, A. (2009). *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración.* Madrid: Alianza Editorial. Segunda edición revisada y ampliada.
- *Concílio Ecuménico Vaticano II.* Vaticano. (1963).
- Conferência Episcopal Portuguesa (1985, 1 de Junho). *Decreto Geral nº XII.*
- Conferência Episcopal Portuguesa (a). *Iniciação Cristã dos Adultos.* Lisboa. 2ª edição. Acedido em setembro de 2016: https://www.liturgia.pt/rituais/RICA.pdf.
- Conferência Episcopal Portuguesa (b). *Celebração do Baptismo das Crianças.* Coimbra: Gráfica de Coimbra. 2ª edição típica. Acedido em agosto de 2022: https://www.liturgia.pt/rituais/Baptismo.pdf.
- Cruz, M. B. & Guedes, N. C. (2000). *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal.* Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Cunha, J. A. (2014). *O MRAR e os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no Século XX. A Ação do Movimento de Renovação de Arte Religiosa nas Décadas de 1950 e 1960.* Prova de Doutoramento em Arquitetura – Teoria e História. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal.
- Domingues, F. B. (2019, 20 de Outubro). *O Poder da Arte.* Jornal Público.
- *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube – Volume II.* Madrid: Ediclube – Edição e Promoção do Livro, Lda. (1996).
- *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube – Volume III.* Madrid: Ediclube – Edição e Promoção do Livro, Lda. (1996).
- *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube – Volume V.* Madrid: Ediclube – Edição e Promoção do Livro, Lda. (1996).
- Guardini, R. (2001). *El Talante Simbólico de La Liturgia.* Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica.
- Hani, J. (1998). *O Simbolismo do Templo Cristão*. Lisboa: Edições 70.
- Instituto Universitário de Lisboa. *Luiz Cunha*. ArchiNews 03. Edição Especial. (2012).
- Instrução Geral do Missal Romano. Coimbra: Gráfica de Coimbra. Tradução portuguesa da 3ª edição típica latina. (2003).

- Lourenço, E. (2021). *Pura matéria de sonho. Fernando Pessoa. Uma antologia pessoana por Eduardo Lourenço.* Braga: A Casa dos Ceifeiros.
- Machado, R. A. (2021). *O Batistério: Um Lugar. O tronco-cónico da Igreja Paroquial de São Salvador de Figueiredo em Braga.* Cenáculo – Arquitetura e Arte Cristã: Revista dos Alunos da Faculdade de Teologia – Braga. Nª 217. 2ª Série. Ano 60. Semestral. Braga.
- Marques, J. L. (2006). *Na casa de meu pai há muitas moradas: reflexões em torno da organização do espaço litúrgico numa igreja em mudança, experiências portuguesas no século XX.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. Portugal.
- Marques, J. L. (2019). *Como pode [um homem] nascer de novo, sendo velho?*. RP – Revista Património.
- Marques, R. A. (2013). *São Veríssimo de Valbom: Um museu de arte religiosa.* Volume I. Dissertação do 2º Ciclo de Estudos em História da Arte em Portugal. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.
- Molinero, M. (2019). *O Espaço Celebrativo como Ícone da Eclesiologia.* Paulus Editora
- Muller, F. (2011). *O Templo Cristão na Modernidade 1920|1970.* Prova de Doutoramento em Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Brasil.
- Ordem dos Arquitetos (2006). *Igreja Paroquial de São Salvador de Figueiredo.* Revista Habitar Portugal 2003-2005: Exposição de arquitetura. Lisboa. Acedido em julho de 2022: http://www.habitarportugal.org/pt/projecto/igreja-paroquial-de-sao-salvador-de-figueiredo/.
- *Porto Academy 2014 :: Paulo Providência Lecture.* Porto. Acedido em agosto de 2022: https://www.youtube.com/watch?v=swpnYDU2df0.
- Ramírez, J. A. (1996). *Como Escribir Sobre Arte Y Arquitectura.* Barcelona: Ediciones del Serbal. Acedido em julho de 2022: https://dokumen.tips/documents/como-escribir-sobre-arte-y-arquitecturapdf. html?page=13.
- Ratzinger, J. (2001). *Introdução ao Espírito da Liturgia.* São Paulo: Edições Loyola.
- Ribeiro, M. V. (2020). *O Espaço de Culto Católico.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra. Portugal.
- Richter, K. (2005). *Espaços de igrejas e imagens de Igreja.* Coimbra: Gráfica de Coimbra 2. Edição original de 1998.
- Rodrigues, A. (1970). *Renovación del arte religioso en Portugal.* ARA – Arte Religioso Actual. Publicacion del Movimiento Arte Sacro. Ano VII. Nº 26. Outubro-Dezembro.
- Stake, R. E. (2012). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso.* 3ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Edição original de 1995.
- Zumthor, P. (2009). *Atmosferas.* 1ª Edição. 2ª Impressão. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. Edição original de 2006.

Acrónimos

BS | *Bíblia Sagrada*
CEP | *Conferência Episcopal Portuguesa*
CMSV | *Câmara Municipal de Sever do Vouga*
CVII | *Concílio Ecuménico Vaticano II*
FAB | *Fernando Abrunhosa de Brito*
GDEE | *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*
IGMR | *Instrução Geral do Missal Romano*
IUL | *Instituto Universitário de Lisboa*
JCL | *José Carlos Loureiro*
MM | *Manuel Magalhães*
AO | *Ordem dos Arquitetos*
PP | *Paulo Providência*

Créditos de imagens

NOTA: A grande maioria das fotografias encontram-se alteradas pelo autor. As alterações incidem na cor, luminosidade, contraste e enquadramento relativamente ao seu original.

Capítulo 1 - Concílio Vaticano II

Img. 01 - Entrada dos padres conciliares na Basílica de S. Pedro, 11 de outubro de 1962
Fonte: https://www.snpcultura.org/vol_concilio_vaticano_ii_memorias_de_um_tempo_novo.html
Img. 02 - Aula conciliar, 11 de outubro de 1962
Fonte: https://www.snpcultura.org/vol_concilio_vaticano_ii_memorias_de_um_tempo_novo.html
Img. 03 - Missa presidida pelo Papa Paulo VI, dezembro de 1965
Fonte: https://www.snpcultura.org/vol_concilio_vaticano_ii_memorias_de_um_tempo_novo.html

Capítulo 2 - Análise dos casos de estudo

Img. 04.1- Evolução da Igreja Paroquial de Sever do Vouga, Aveiro - Escala 1/500
Fonte: Plantas realizadas pelo autor
Img. 04.2- Evolução da Igreja Paroquial de Valbom, Gondomar, Porto - Escala 1/500
Fonte: Plantas realizadas pelo autor
Img. 04.3- Evolução da Igreja Paroquial de Figueiredo, Braga - Escala 1/500
Fonte: Plantas realizadas pelo autor

Capítulo 2.1 - Igreja Paroquial de Sever do Vouga, Aveiro

Img. 05 - Concelho de Sever do Vouga- Localização da igreja
Fonte: https://www.google.pt/maps/@40.7331417,-8.3709417,1206m/data=!3m1!1e3
Img. 06 - Declive da encosta de Sever do Vouga
Fonte: Desenho realizado pelo autor
Img. 07 - Implantação da igreja e do cemitério envolvente
Fonte: https://www.google.pt/maps/@40.7309976,-8.3706273,214m/data=!3m1!1e3
Img. 08 - Cruzeiro do século XVIII com duas escadarias
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 09 - Possíveis acessos à igreja
Fonte: https://www.google.pt/maps/@40.731072,-8.3706405,178m/data=!3m1!1e3
Img. 10 - Adro e elevação da igreja
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 11 - Alçado principal
Fonte: Desenho fornecido pelo arquivo da CMSV
Img. 12 - Novo alinhamento da fachada
Fonte: Esquema realizado pelo autor
Img. 13 - Antiga fachada principal
Fonte: Fotografia fornecida pelo Padre Alberto Gomariz
Img. 14 - Fachada principal reconstruída com novo alinhamento
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 15 - Escada exterior em betão de acesso ao piso superior
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 16 - Antigo espaço interior
Fonte: Fotografia fornecida pelo Padre Alberto Gomariz
Img. 17 - Antiga capela lateral esquerda
Fonte: Fotografia fornecida pelo Padre Alberto Gomariz
Img. 18 - Antiga capela lateral direita
Fonte: Fotografia fornecida pelo Padre Alberto Gomariz

Img. 19 - Renovado espaço de assembleia
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 20 - Antecâmara da entrada principal- transição exterior/interior
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 21 - Entrada secundária: realizada na intervenção de 1967
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 22 - Pavimento da antecâmara da entrada principal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 23 - Bancos do espaço de assembleia
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 24 - Diferentes orientações dos bancos: convergindo para o altar
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 25 - Claraboia sobre o espaço de assembleia
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 26 - Vista interior dos vãos verticais no espaço mais afastado do altar
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 27 - Iluminação artificial: desenho da autoria de FAB
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 28 - Corte CC'
Fonte: Desenho fornecido pelo arquivo da CMSV
Img. 29 - Paredes com presença de novo material: tijolo burro
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 30 - Pormenor da interseção dos tijolos nas esquinas das paredes
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 31 - Vista interior dos vãos da fachada principal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 32 - Escadas de acesso ao coro alto: incluídas na antiga torre sineira
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 33 - Capela lateral esquerda
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 34 - Capela-mor
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 35 - Capela lateral direita
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 36 - Vista geral do presbitério
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 37 - Vão existente no projeto de 1967, não executado
Fonte: Esquema realizado pelo autor
Img. 38 - Altar
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 39 - Retábulo da capela-mor
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 40 - Ambão: vista frontal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 41 - Ambão: vista posterior
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 42 - Antiga configuração do púlpito
Fonte: Fotografia fornecida pelo Padre Alberto Gomariz
Img. 43 - Nova configuração do púlpito
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 44 - Representação de Cristo
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 45 - Cadeira da Presidência
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 46 - Corte BB'
Fonte: Desenho fornecido pelo arquivo da CMSV

Img. 47 - Pia batismal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 48 - Antiga e nova localização da pia batismal
Fonte: Esquema realizado pelo autor
Img. 49 - Localização dos confessionários
Fonte: Esquema realizado pelo autor
Img. 50 - Confessionário ao lado da pia batismal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 51 - Confessionário adjacente à torre sineira, por baixo do coro alto
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 52 - Igreja Paroquial de Sever do Vouga
Fonte: Fotografia captada pelo autor

Capítulo 2.2 - Igreja Paroquial de Valbom, Gondomar, Porto

Img. 53 - Freguesia de Valbom, Gondomar
Fonte: https://www.google.pt/maps/@41.1316283,-8.5623847,1741m/data=!3m1!1e3
Img. 54 - Planta de implantação com a intervenção de 1973
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 55 - Planta geral
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 56 - Acesso pedonal principal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 57 - Acesso pedonal secundário
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 58 - Perfil por acesso principal
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 59 - Perfil por acesso secundário
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 60 - Adro e nova fachada principal virada à cidade
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 61 - Alçado norte (nova entrada principal): projeto de 1973
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 62 - Fachada sul e antiga entrada principal da igreja
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 63 - Fachada sul
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 64 - Renovada fachada Norte (nova entrada principal)
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 65 - Planta anterior à intervenção de 1973
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 66 - Planta da intervenção de 1973
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 67 - Possíveis acessos da nova entrada principal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 68 - Planta com percursos
Fonte: Esquema realizado pelo autor
Img. 69 - Novo espaço de assembleia
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 70 - Inclinação do pavimento no novo espaço de assembleia
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 71 - Antecâmara da entrada principal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 72 - Novos bancos e orientação no espaço de assembleia
Fonte: Fotografia captada pelo autor

Img. 73 - Entrada de luz zenital
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 74 - Corte longitudinal
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 75 - Elementos estruturais de suporte do novo telhado
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 76 - Corte transversal
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 77 - Acesso e espaço do coro
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 78 - Planta do piso 2 (coro)
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 79 - Escadas de acesso ao espaço de coro
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 80 - Iluminação direcionada no espaço do coro
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 81 - Elevação do presbitério
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 82 - Vista geral do presbitério
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 83 - Iluminação zenital do presbitério
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 84 - Materialidade do pavimento no presbitério
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 85 - Planta/Corte-Alçado do presbitério
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 86 - Vista frontal do novo altar
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 87 - Vista frontal do altar existente na antiga capela-mor
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 88 - Vista lateral do altar
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 89 - Ambão no mesmo conjunto estrutural do altar
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 90 - Pormenor da pedra do ambão
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 91 - Antigo retábulo com pintura da representação de Cristo
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 92 - Nova representação de Cristo
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 93 - Vãos exteriores encerrados interiormente
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 94 - Conjunto representação de Cristo/cadeira da Presidência
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 95 - Cadeira da Presidência
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 96 - Sacrário da antiga e nova configuração litúrgica
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 97 - Planta da igreja primitiva: capela-mor
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto José Carlos Loureiro
Img. 98 - Ligação da Capela do Santíssimo/presbitério/assembleia
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 99 - Localização da antiga pia batismal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 100 - Antiga pia batismal
Fonte: Fotografia captada pelo autor

Img. 101 - Antiga entrada principal da igreja
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 102 - Vista frontal da nova pia e área batismal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 103 - Nova pia batismal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 104 - Acesso à sacristia e salas auxiliares
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 105 - Imagens existentes que transitaram da antiga organização espacial
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 106 - Imagem reposicionada na nova parede do espaço de assembleia
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 107 - Vista geral aérea
Fonte: Fotografia fornecida pela paróquia de São Veríssimo de Valbom

Capítulo 2.3 - Igreja Paroquial de Figueiredo, Braga

Img. 108 - Situação geográfica da igreja paroquial de Figueiredo
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 109 - Planta geral de implantação da intervenção de 2004
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 110 - Acesso à igreja
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 111 - Vista afastada da igreja
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 112 - Adro e fachada principal da igreja
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 113 - Percursos de transição exterior/interior
Fonte: Esquema realizado pelo autor
Img. 114 - Santuário de São Bento da Porta Aberta: Rio Caldo, Terras de Bouro, Braga
Fonte: http://2.bp.blogspot.com/-XHEkNpxx6Yk/VQdN_7N4EEI/AAAAAAAADHk/kynLbbcF5Fk/s1600/DSC01015.JPG
Img. 115 - Capela de Notre-Dame-du-Haut: Ronchamp, França
Fonte: http://www.collinenotredameduhaut.com/_vignettes//1384/f_51dd337f5354a.jpg-1200-1000- outsid-down-.jpg
Img. 116 - Atual fachada principal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 117 - Antiga fachada principal
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00001101
Img. 118 - Novo volume da Igreja
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 119 - Volume tronco-cónico em betão: batistério
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 120 - Planta: antes da intervenção de 2004
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 121 - Planta: depois da intervenção de 2004
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 122 - Nave central
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 123 - Nave lateral esquerda
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 124 - Nave lateral direita
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 125 - Luz artificial do espaço de assembleia
Fonte: Fotografia captada pelo autor

Img. 126 - Pormenor da luminária suspensa
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 127 - Entrada de luz natural da nova nave
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 128 - Construção do teto
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 129 - Teto realizado na intervenção de 2004
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 130 - Corte longitudinal pela nave central
Fonte: Desenho fornecido pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 131 - Perceção geral do espaço
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 132 - Vista antiga do coro alto
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00001101
Img. 133 - Vista atual do coro alto
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 134 - Presbitério
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 135 - Avanço do retábulo
Fonte: Esquema realizado pelo autor
Img. 136 - Centralidade geométrica do altar
Fonte: Esquema realizado pelo autor
Img. 137 - Altar
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 138 - Antigos altares laterais
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00001101
Img. 139 - Ambão
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 140 - S. Salvador, representação de Cristo
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 141 - Cadeira da Presidência
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 142 - Capela do Santíssimo/Sacrário
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 143 - Sacrário visível por cima do altar
Fonte: Desenho realizado pelo autor
Img. 144 - Antiga e nova localização da pia batismal
Fonte: Esquema realizado pelo autor
Img. 145 - Batistério
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 146 - Batistério da Igreja de Sacré-Coeur: Audincourt, França
Fonte: https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fdecibelles-data.media.tourinsoft.eu%2Fupload%2F313020636-12.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.macommune.info%2Fagenda%2Fvisite-guidee-de-leglise-du-sacre-coeur-a-audincourt%2F&tbnid=Hy4_DZFtJgCWTM&vet=12ahUKEwis3Mav3oT6AhUHaRoKHVvdBfIQMyglegUIARCQAg..i&docid=xnnP6-6V9kQQQM&w=1200&h=800&itg=1&q=audincourt%20eglise%20du%20sacr%C3%A9-coeur&hl=pt-PT&ved=2ahUKEwis3Mav3oT6AhUHaRoKHVvdBfIQMyglegUIARCQAg
Img. 147 - Batistério da Igreja de Santa Maria Regina: Varedo, Itália
Fonte: https://www.contiarchitettura.net/projects/chiesa-e-centro-parrocchiale-varedo-mi/
Img. 148 - Nave principal e nova nave batismal
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 149 - Pia batismal
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 150 - Cachorros no exterior da antiga parede lateral
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00001101

Img. 151 - Cachorros incluídos no espaço interior da nova nave
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 152 - Nave do batismo
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 153 - Confessionário
Fonte: Fotografia fornecida pelo arquiteto Paulo Providência
Img. 154 - Banco do confessionário
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 155 - Degrau do confessionário
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 156 - Banco em mármore da nova nave
Fonte: Fotografia captada pelo autor
Img. 157 - Excessiva utilização de imagens e ornamentos na anterior configuração do espaço
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00001101
Img. 158 - Redução e controlo na nova presença de imagens e ornamentação
Fonte: Fotografia captada pelo autor

Apêndices

Plano de estudo

Escolha e motivações

O gosto pessoal pela arquitetura religiosa, espaço de culto e de meditação, proporcionou a motivação inicial para a escolha do tema a desenvolver na realização deste trabalho.
Nas últimas décadas, constata-se uma prática cada vez mais usual de transformação de espaços de culto religiosos. As transformações observam-se em maior quantidade do que as construções novas, concebidas de raiz. Esta prática apresenta desafios e dificuldades inerentes à arquitetura religiosa cristã e à intenção de a transformar, que motivam uma análise cuidada das necessidades atuais e das diretrizes vigentes.

Campo de estudo

Para a realização deste trabalho definiram-se concretamente os objetos de estudo. O principal objeto de estudo desta dissertação são as igrejas paroquiais de Sever do Vouga, de Valbom e de Figueiredo. Pertencem ao universo de igrejas do norte de Portugal que foram alvo de transformações pós-conciliares.

1967 - Igreja Paroquial Sever do Vouga, Aveiro – Fernando Abrunhosa de Brito (1934-2016)
1973 - Igreja Paroquial Valbom, Gondomar, Porto – José Carlos Loureiro, GALP (1925-2022)
2004 - Igreja Paroquial Divino Salvador, Figueiredo, Braga – Paulo Providência (1962)

Esta dissertação abordará também documentos que auxiliarão na análise e que servirão de base para um estudo estruturado dos casos de estudo nomeados. Os documentos criados pelo Concílio Vaticano II (1962-65) e a Instrução Geral do Missal Romano – IGMR (1969), serão os que obterão uma análise mais atenta.

O restauro, enquanto técnica de intervenção em edifícios religiosos, será parte integrante do trabalho, identificando-se as suas diferentes metodologias e seus defensores, de forma a enquadrar as transformações em estudo nesta disciplina de recuperação e valorização arquitetónica.
Convém referir que o estudo procurará, além da análise exterior do edifício religioso, uma observação crítica de todos os elementos constituintes do seu espaço interior. Altar, ambão, fonte batismal, espaço do presidente, da assembleia, do coro, sacristia, entre outros, serão objetos fundamentais do estudo.

Objetivos

1. Perceber a importância do Concílio Vaticano II como motor de transformação do espaço litúrgico (exterior e interior)

O Concílio Vaticano II será um importante elemento para a fundamentação deste estudo. Na sua análise tentar-se-á enumerar as diretrizes apresentadas com impacto no processo de conceção arquitetónica e nos elementos litúrgicos, percebendo como a sua localização ou configuração podem influenciar as dinâmicas celebrativas. Quais as diferenças espaciais que se apresentam após estes acontecimentos e de que forma condicionam ou potenciam as celebrações litúrgicas? Tais diretrizes modificaram, direta ou indiretamente, a forma de pensar e projetar arquitetura religiosa?

2. Pesquisa e identificação de tendências na arte do restauro

Procurar-se-á identificar autores e referir ideologias marcantes na prática do restauro, expondo as opiniões diversas e antagónicas que perduraram no tempo e que ainda hoje podem ser aplicadas, enquadrando-as no âmbito deste trabalho. Não se pretende uma exaustiva exposição descritiva das diferentes teorias, mas sim que se adquira uma base de conhecimento crítica que permita diferenciá-las e referi-las sempre que for pertinente.

3. Elaboração de base de dados de igrejas ampliadas

Pretende-se elaborar uma lista de igrejas das dioceses de Braga, Porto e Aveiro, que foram alvo de ampliações após o Concílio Vaticano II. Apesar da complexidade na localização de todos os casos, tentar-se-á realizar uma lista precisa e completa. Esta recolha proporcionará o objetivo deste trabalho funcionar como base de dados para futuras pesquisas, uma vez que não existem repositórios específicos que aglomerem estas transformações e que providenciem uma rápida pesquisa.

4. Selecionar casos de estudo

Havendo a consciência que o universo de igrejas intervencionadas é, efetivamente, muito amplo, pretende-se reduzir o campo de pesquisa e restringir as escolhas a três casos de estudo seguindo critérios específicos que visam valorizar o estudo.

5. Realização da análise aos três casos de estudo

Pretende-se realizar uma análise que identifique semelhanças e diferenças, anteriores e posteriores à intervenção, dos elementos que constituem o seu espaço. Para tal será essencial identificar e localizar esses elementos e as suas modificações, e de que forma alteraram a dinâmica celebrativa das celebrações comunitárias.

6. Indicar os condicionalismos e motivações que levaram às intervenções

Porque foi alterado o existente? Propõe-se interpretar esta questão e procurar perceber se as intervenções realizadas corresponderam aos objetivos iniciais. De que forma os condicionalismos impostos valorizam ou desvalorizam o projeto. Perceber se no resultado final da intervenção são percetíveis as condições e motivações impostas.

7. Analisar o processo criativo do arquiteto nas transformações selecionadas

Compreender a articulação da pré-existência com o novo volume e de que forma o arquiteto procurou responder a esse desafio. Verificar problemas de escala e de proporção do edifício que levem à necessidade de intervenções. Um espaço traduz sempre a sua época, portanto, se quando a esse espaço lhe adicionamos algo de outra época, poderemos ter uma menor compreensão por parte da comunidade em relação à intervenção? Existe, muitas vezes, uma necessidade de mudança que é pertinente explorar: tentar-se-á elucidar de que forma os arquitetos procuram ultrapassar este problema. Será, para o arquiteto, o projeto de ampliação de uma igreja semelhante ao projeto de ampliação de uma habitação, tendo sobretudo em atenção preocupações simbólicas, de preservação da obra antiga ou condicionalismos de ordem comunitária?

Metodologia

Torna-se importante para elaboração da dissertação, uma compreensão do método e do caminho a percorrer.

Inicialmente, o estudo procurará realizar uma análise da importância que o Concílio Vaticano II e outros documentos tiveram na alteração da atitude projetiva dos arquitetos e na organização espacial das igrejas paroquiais. A leitura dos documentos fornecerá informações que irão complementar a base de análise dos casos de estudo.

Realizar-se-á, seguidamente, de forma geral e concisa uma leitura que permitirá distinguir as diferentes teorias de restauro e os seus autores. Esta identificação permitirá enquadrar os casos de estudo nas ideologias apresentadas e perceber se existe alguma que se identifique maioritariamente em transformações de igrejas paroquiais.

Realizar uma base de dados, proporcionará uma escolha ponderada dos casos de estudo. Para tal, e visto não existir essa informação compilada, seja em livros ou via internet, irá estabelecer-se o contato com câmaras municipais, juntas de freguesia e cúrias diocesanas, ajudando a identificar possíveis casos de estudo.

Após realizada a base de dados serão escolhidas três obras a aprofundar no estudo. Havendo a consciência que este universo é efetivamente muito amplo, pretende-se reduzir o campo de pesquisa e restringir as escolhas, através dos seguintes critérios:

- intervenções com impacto visível exteriormente, onde sejam percetíveis alterações volumétricas que tenham impulsionado a reorganização espacial interior;

- pela importância que os seus autores detêm no contexto da arquitetura religiosa portuguesa. Fernando Abrunhosa de Brito (1934-2016) foi o autor da capela do Seminário Maior do Porto e do Seminário da Boa Nova de Valadares além de ter colaborado ativamente com o Movimento de Renovação da Arte Religiosa. José Carlos Loureiro (1925-2022) possui como obra maior do seu trabalho no âmbito da arquitetura religiosa a conceção da Capelinha das Aparições no Santuário de Fátima. Paulo Providência (1962) realizou a intervenção na Igreja Paroquial de Figueiredo, Braga, realizada com uma visão e abordagem distinta dos anteriores, que interessa analisar neste estudo, essencialmente pela distância temporal em que foi realizada quando comparada com os restantes casos de estudo;

- pela situação geográfica das igrejas, nomeadamente pelo seu contexto de periferia ou de afastamento dos grandes centros urbanos;

- pela realização das transformações em diferentes décadas pós-conciliares.

Após realizada a base de dados serão escolhidas três obras que permitam aprofundar o estudo. Escolhidos os casos de estudo passar-se-á à sua análise. Obter peças escritas e desenhadas das obras a analisar, bem como visitas às respetivas obras, serão ações decisivas para uma reflexão coerente das transformações dos seus espaços litúrgicos. No sentido de melhorar esta recolha de informações procurar-se-á, sempre que possível, criar plataformas de diálogo com os autores dos projetos e com os principais intervenientes paroquiais (párocos). Procurar-se-á matéria justificativa para as motivações e condicionalismos que levaram à realização da intervenção.

Na procura de textos descritivos ou justificativos que auxiliem na análise dos casos de estudo será essencial a leitura das memórias descritivas dos seus autores, as quais, pela dificuldade em obtê-las ou pela sua inexistência poderão ser substituídas por outros documentos (textos de livros, artigos de opinião ou revista, entrevistas escritas ou vídeos descritivos) que a elas se refiram.

Nos procedimentos de análise procurar-se-á, inicialmente datar cada um dos casos de estudo; entender a ligação com o Concílio Vaticano II no que respeita à localização e configuração dos

elementos; aclarar as semelhanças e diferenças do antes e depois da intervenção; identificar e localizar os diversos espaços constituintes da igreja e de que forma foram transformados; perceber de que forma o novo volume modificou a imagem da igreja e se essa alteração de mostrou adequada na resolução arquitetónica da dicotomia "antigo/novo".

Com todos os elementos e testemunhos acima referidos pretende-se obter uma análise completa e objetiva das três igrejas selecionadas. O estudo dos diferentes espaços e elementos interiores que compõem o espaço litúrgico será importante para perceber se o objetivo final da intervenção foi superado por todos os agentes intervenientes.

Por fim, realizar-se-á uma comparação das três igrejas analisadas, identificando as caraterísticas e elementos que as diferenciam e os que possuem em comum.

"Os domínios do mistério prometem as mais belas experiências."

Einstein, Albert